



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO**

**A QUESTÃO DA INFLUÊNCIA DE HERMANN PAUL SOBRE FERDINAND DE  
SAUSSURE: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO (1880-1916)**

**ÍTALO DE FREITA ALMEIDA**

CAMPINA GRANDE  
2023

ÍTALO DE FREITA ALMEIDA

**A QUESTÃO DA INFLUÊNCIA DE HERMANN PAUL SOBRE FERDINAND DE  
SAUSSURE: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO (1880-1916)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, situada na Área de Concentração **Estudos Linguísticos** e vinculada à Linha de Pesquisa **Práticas sociais, históricas e culturais da linguagem**, como requisito institucional para obtenção do Título de **Mestre em Linguagem e Ensino**.

**Orientadora:**

Prof. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima

CAMPINA GRANDE  
2023

A447q Almeida, Ítalo de Freitas.  
A questão da influência de Hermann Paul sobre Ferdinand de Saussure: um estudo historiográfico (1880-1916) / Ítalo de Freitas Almeida. – Campina Grande, 2023.  
150 f.: il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima".  
Referências.

1. Linguística Geral. 2. História da Linguística. 3. Historiografia Linguística. 4. Hermann Paul, 1846-1921. 5. Ferdinand de Saussure, 1857-1913. I. Lima, Maria Hozanete Alves de. II. Título.

CDU 81'1(043)

## ÍTALO DE FREITA ALMEIDA

### A QUESTÃO DA INFLUÊNCIA DE HERMANN PAUL SOBRE FERDINAND DE SAUSSURE: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO (1880-1916)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, situada na Área de Concentração **Estudos Linguísticos** e vinculada à Linha de Pesquisa **Práticas sociais, históricas e culturais da linguagem**, como requisito institucional para obtenção do Título de **Mestre em Linguagem e Ensino**.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2023.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (PPGLE/UFCG)  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Manassés Morais Xavier (PPGLE/UFCG)  
(Examinador Interno)

---

Prof. Dra. Eliane Mara Silveira (PPGEL/UFU)  
(Examinadora Externa)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

### REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da **330** Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Ítalo de Freitas Almeida**.

1. Aos 20 dias do mês de março do ano de 2023, às 14:00 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pelo(a) Prof(a). Dr(a). Maria Hozanete Alves de Lima, (UFCG/PPGLE), orientador(a), e composta pelo(a) Prof(a). Dr(a). Manassés Morais Xavier, (UFCG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pela Prof(a). Dr(a). Eliane Mara Silveira, (UFU), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) discente **Ítalo de Freitas Almeida**, intitulada: "**A questão da influência de Hermann Paul sobre Ferdinand de Saussure: um estudo historiográfico**".
2. A sessão foi aberta pelo(a) presidente que apresentou os integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra ao(à) mestrando(a). Este(a) fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições do(a)s examinadores(as).
3. Logo após, o(a) presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.
4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho do(a) candidato(a) durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 78 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, o presidente da Banca Examinadora informou ao candidato que o trabalho obteve nota **10,0(Dez)** correspondente ao conceito **APROVADO**.
5. Nada mais havendo a tratar, Eu **JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR**, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente, e também o mestrando que dá ciência do resultado.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 29/03/2023, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ítalo de Freitas Almeida, Usuário Externo**, em 29/03/2023, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA HOZANETE ALVES DE LIMA, Usuário Externo**, em 29/03/2023, às 15:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MANASSES MORAIS XAVIER, COORDENADOR(A) DE GRADUACAO**, em 29/03/2023, às 19:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Usuário Externo**, em 04/04/2023, às 12:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3206873** e o código CRC **7FF474A3**.

Ao meu pai e à minha mãe, André e Selma, cuja história de amor atravessa as fronteiras de nosso passado, presente e futuro.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, **André**, por me guiar por toda vida e me conceder a dádiva de ser filho de um ser humano íntegro e bondoso, e à minha mãe, **Selma**, por ser a grande heroína da minha vida e me ensinar a encarar as adversidades com mais gratidão e leveza.

Ao meu marido, **Thiago**, por ser o homem da minha vida e sempre priorizar meus sonhos e nossos objetivos acima de todas as dificuldades e com quem mais compartilho do aprendizado de respeitar e valorizar o projeto que construímos juntos.

À Professora **Dra. Maria Hozanete**, pela qualidade humilde, pela amizade e pelo voto de confiança que concedeu a mim desde o início do processo seletivo de Mestrado até o fim desse ciclo. Agradeço à senhora por acreditar e defender uma ideia da qual eu mesmo senti insegurança. Agradeço por conceder a mim a liberdade que tanto busquei e por contribuir com meu crescimento pessoal e profissional.

À Professora **Dra. Eliane Silveira**, a quem admiro e concedo um papel fulcral em minha formação em torno dos estudos saussurianos, assim como pelas palavras de gentileza e pelas contribuições na Qualificação.

Ao Professor **Dr. Manassés Xavier**, pelas trocas e aprendizados que provocaram em mim um deslocamento fundamental ao situar o sujeito no centro de toda reflexão sobre a linguagem e as línguas, assim como pelas contribuições na Qualificação.

Ao Professor **Dr. Márcio Cruz**, a quem admiro profundamente e sigo como inspiração intelectual e profissional emprestando reflexões das quais assumidamente tomo como pontos de partida para o desenvolvimento de minhas análises historiográficas.

Ao Professor **Dr. Edmilson Rafael**, com quem pude aprender a fazer pesquisa e buscar as especificidades de meu fazer historiográfico ao questionar escolhas complexas e ausentes de minha formação anterior.

Ao meu amigo **Ewerton Marques**, pela amizade sincera e grande incentivo nos momentos de fraqueza e de adversidades solitárias decorrentes do processo de elaboração de escrita da Dissertação.

Aos colegas da Linha de pesquisa 4: **Hilderlan, Jennifer, Lyra e Anilaury**, pela troca constante que minimizou o impacto inicial das demandas do curso de Mestrado e pelos aprendizados sobre os fenômenos da linguagem que pudemos construir cooperativamente.

Aos representantes discentes, **Rickison e Roberto**, pela amizade e cuidado que tiveram comigo nos momentos de preocupação e solidão do Mestrado.



Aos **professores e funcionários do PPGLE**, por tornarem o tempo de curso de Mestrado mais produtivo do que se tinha de expectativa geral diante do contexto da pandemia de Covid-19 e por transformarem minha experiência no Programa em um período de liberdade e autonomia.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pelo auxílio financeiro que contribuiu para a realização desta pesquisa.

*The only scientific advantage of talking about processes of influence in the development of an indigenous tradition is that a comparison between two traditions may help us to understand the idiosyncrasies of each tradition. The study of foreign influence is a legitimate question, which ultimately can be resolved only by historical investigation (VERSTEEGH, 1990, p. 210).*

## RESUMO

Os desenvolvimentos históricos da Linguística como um campo do conhecimento socialmente organizado se constituem a partir de dinâmicas complexas entre sujeitos em contextos tais que permitam a produção de um tipo de conhecimento linguístico específico. Dessas conexões situadas em temporalidades diversas, algumas ideias sobre a linguagem e as línguas podem ter fortunas diversas. Com efeito, as teorias, e abordagens podem ser validadas, ignoradas ou mesmo percebidas como resultado de um processo de influência de um sujeito ou para com um ambiente intelectual profícuo para a construção de uma ideia. O tema da influência na história do pensamento linguístico foi investigado por Koerner (1971), que reconheceu, nos *Princípios fundamentais da história da língua* (1880), de Hermann Paul, a fonte de inspiração para a formulação de conceitos e noções de Linguística geral, de Ferdinand de Saussure. Esta dissertação foi guiada pela hipótese de que o Clima de opinião afetou profundamente a comunidade científica no fim do século XIX e influenciou a elaboração das abordagens teórico-metodológicas de Hermann Paul e de Ferdinand de Saussure sob duas linhas de investigação distintas da Linguística geral. Para confrontar a hipótese, propusemos o objetivo geral: interpretar a questão da influência de Hermann Paul sobre Ferdinand de Saussure. E os seguintes objetivos específicos: a. estabelecer relações entre o clima de opinião (contexto social, histórico e atmosfera intelectual) e a emergência da Linguística geral e b. avaliar em que medida as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure se inscrevem em duas linhas de investigação da Linguística geral. O quadro de trabalho que ancorou essa pesquisa foi fornecido pelos fundamentos teóricos e metodológicos da Historiografia Linguística, que define a escrita da história da Linguística como um processo científico e metodologicamente orientado a partir de procedimentos e diretrizes de investigação. A base documental desta pesquisa compreende quatro fontes históricas: o *Curso de Linguística Geral*; os *Princípios fundamentais da história da língua*; uma correspondência e um texto manuscrito produzidos por Saussure. Interpretamos a questão da influência de Paul sobre Saussure entendendo que não há efetivamente influência de Paul sobre Saussure porque profundas influências decorrem do Clima de opinião, principalmente, com a emergência da Linguística geral e terminam por afetar a comunidade linguística global. Compreendemos que a questão da influência de Paul sobre Saussure envolve, na realidade, um conjunto de acontecimentos complexos que deixa perguntas em aberto se consideramos apenas o plano dos atores sociais divorciado dos contextos de produção de suas ideias linguísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Influência; Hermann Paul; Ferdinand de Saussure; Linguística Geral; História da Linguística; Historiografia Linguística

## ABSTRACT

The historical developments of Linguistics as a socially organized field of knowledge are constituted from complex dynamics between subjects in contexts that allow the production of a specific type of linguistic knowledge. From these connections located in different temporalities, some ideas about language and languages can have different fortunes. Indeed, theories and approaches can be validated, ignored or even perceived as a result of a subject's influence process or with a fruitful intellectual environment for the construction of an idea. The theme of influence on the history of linguistic thought was investigated by Koerner (1971), who recognized, in the *Fundamental Principles of the History of Language* (1880), by Hermann Paul, the source of inspiration for the formulation of concepts and notions of general Linguistics, by Ferdinand de Saussure. This dissertation was guided by the hypothesis that the Climate of opinion profoundly affected the scientific community at the end of the 19th century and influenced the elaboration of the theoretical-methodological approaches of Hermann Paul and Ferdinand de Saussure under two distinct lines of investigation of General Linguistics. To confront the hypothesis, we proposed the general objective: to interpret the question of Hermann Paul's influence on Ferdinand de Saussure. And the following specific objectives: a. establish relationships between the climate of opinion (social, historical context and intellectual atmosphere) and the emergence of general linguistics and b. to assess to what extent the theoretical-methodological approaches of Paul and Saussure fit into two lines of investigation in general linguistics. The framework that anchored this research was provided by the theoretical and methodological foundations of Linguistic Historiography, which defines the writing of the history of Linguistics as a scientific and methodologically oriented process based on investigation procedures and guidelines. The documentary base of this research comprises four historical sources: the *General Linguistics Course*; the *fundamental principles of the history of language*; a correspondence and a handwritten text produced by Saussure. We interpret the issue of Paul's influence on Saussure understanding that there is no effective influence of Paul on Saussure because profound influences stem from the Climate of opinion, mainly, with the emergence of general Linguistics and end up affecting the global linguistic community. We understand that the issue of Paul's influence on Saussure involves, in reality, a complex set of events that leaves questions open if we only consider the plan of social actors divorced from the contexts of production of their linguistic ideas.

**KEYWORDS:** Influence; Hermann Paul; Ferdinand de Saussure; General Linguistics; History of Linguistics; Linguistic Historiography.

## CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

**(xxxxxxx)** - letras x entre parênteses: palavra ou trecho ilegível.

**aaaaaaaaaaa** - tachado simples: palavra ou trecho rasurado.

**aaaaaaaaaaaaaaaa** - sobrescrito simples: palavra ou trecho à margem ou acima da linha.

**aaaaaaaaaaaaaaaa** - sobrescrito tachado: palavra ou trecho à margem ou acima da rasurado.

**xxxxxxxxxxxxxx** - subscrito simples: palavra ou trecho abaixo da linha.

**aaaaaaaaaaaaaaaa** - subscrito tachado: palavra ou trecho abaixo da linha rasurado.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Definições dos termos história e historiografia.....	29
<b>Quadro 2</b> – Organograma do objeto de estudo da Historiografia Linguística.....	37
<b>Quadro 3</b> – Esquema de definição do trabalho do historiógrafo.....	43
<b>Quadro 4</b> – Diretrizes metodológicas da pesquisa em Historiografia Linguística.....	52
<b>Quadro 5</b> – Síntese dos trabalhos de Koerner.....	61
<b>Quadro 6</b> – Síntese sobre a Gramática descritiva para Paul.....	64
<b>Quadro 7</b> – Paralelo comparativo dos termos de Paul e de Saussure.....	66
<b>Quadro 8</b> – Periodização de fatos históricos relevantes.....	88
<b>Quadro 9</b> – Seleção de fontes de autoria de Hermann Paul.....	94
<b>Quadro 10</b> – Seleção de fontes de autoria de Ferdinand de Saussure.....	94
<b>Quadro 11</b> – Seleção de fontes historiográficas.....	94
<b>Quadro 12</b> – Distribuição das categorias nos eixos de análise interno e externo.....	97
<b>Quadro 13</b> – Características de duas linhas de investigação da Linguística geral..	121

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Reprodução de correspondência DE-611-HS-26860, conservada na ULMU, sob a inscrição Nachlass H.Paul 2 acc.V. 14636.

**Figura 2** – Reprodução da folha 71 de manuscrito, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 374/2.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**HL** – Historiografia Linguística / Historiografia da Linguística

**BGE** – Bibliothèque de Genève

**ULMU** – Universitätsbibliothek München

**UFU** – Universidade Federal de Uberlândia

**UFAL** – Universidade Federal de Alagoas

**UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas

**PAL** – Projeto Aquisição da Linguagem

**GP\_FdS** – Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure

**LIBRage** – Grupo de pesquisa Línguas brasileiras: análise, aquisição e ensino



## SUMÁRIO

<b>1 CONECTANDO O LINGUISTA DO PRESENTE COM O PASSADO DE SUA DISCIPLINA</b>	<b>16</b>
<b>2 FUNDAMENTOS DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA</b>	<b>28</b>
2.1 O conhecimento histórico	28
2.2 História da Linguística e Historiografia Linguística	32
2.3 O trabalho do historiógrafo	40
2.4 A narrativa historiográfica	44
2.5 Fontes históricas e métodos de análise	47
<b>3 O TRATAMENTO DA INFLUÊNCIA EM HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA</b>	<b>54</b>
3.1 O problema teórico e metodológico em torno do fenômeno da influência	54
3.2 Dialogando com a Historiografia da Ciência: o Clima de opinião	71
3.3 Conversando com a Metodologia da Historiografia Linguística: a Cinosura	77
<b>4 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>84</b>
4.1 Caracterização da pesquisa	84
4.2 Periodização	86
4.3 Critérios para a seleção das fontes	89
4.4 A metodologia do trabalho historiográfico	95
4.5 Parâmetros e categorias de análise	96
4.6. Procedimentos metodológicos	98
<b>5 A QUESTÃO DA INFLUÊNCIA: O FIM DO SÉCULO XIX E AS ABORDAGENS DE LINGUÍSTICA GERAL DE PAUL E DE SAUSSURE</b>	<b>100</b>
5.1 A tradição de pesquisa organicista em Linguística e o gerenciamento de uma crise	100
5.2 O advento do quadro de trabalho neogramático e a emergência da Linguística geral	105
5.3 A constituição da Linguística geral em duas linhas de investigação: Paul e Saussure	114
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>137</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>145</b>

## 1 CONECTANDO O LINGUISTA DO PRESENTE COM O PASSADO DE SUA DISCIPLINA

A Ciência se situa numa zona de interseção das coordenadas intelectuais, psicológicas e sociológicas. A Ciência é conhecimento e, por conseguinte, intelectual, conceitual e abstrata. Inevitavelmente, é criada por homens e mulheres, individualmente, e em consequência tem um aspecto acentuadamente psicológico. É pública, e por conseguinte moldada e determinada pelas relações sociais entre os indivíduos (ZIMAN, 1979, p. 26).

A Ciência ocupa uma posição de autoridade na sociedade e dirige seus esforços para produzir conhecimentos para todas as pessoas. O processo de formulação de um fato científico pressupõe, muitas vezes, o escapamento da origem e de sua existência como fato humano e social. Há, contudo, uma combinação triplamente condicionada por conteúdos cognitivos, acumulados e novos, com intenções psicológicas dos cientistas e pelas situações reguladas pelos contextos sociais. Essa dinâmica faz do conhecimento científico altamente diversificado e restringe a possibilidade do exame, tornando-o uma tarefa intrigante para o historiador da ciência. Depreende-se que a construção do fato científico é complexa, assim como é a sua história. Por essa razão, a investigação do passado científico depende de escolhas e seleções conscientes.

O dado que parece dificultar mais ainda esse estudo histórico da ciência é justamente a tensão que perdura entre elementos observados no seio das práticas como, mais ou menos, heranças acumulativas de tradições de pesquisa do passado e inovações vigentes propostas nos planos das teorias, das abordagens e dos modelos de explicação dos fenômenos científicos. Observa-se, assim, que a história da ciência opera com uma dinâmica temporal em que continuidades de concepções e práticas de trabalho acompanham rupturas como efeito de deslocamentos operados pelas comunidades de cientistas.

No âmbito acadêmico-institucional, a escolha de introduzir os estudantes de uma ciência pelo viés da história do conhecimento acumulado e pelos avanços de novas técnicas de análise e instrumentos para estudo de problemas julgados relevantes pode acarretar um processo de seleção em que, possivelmente, aspectos humanos e sociológicos envolvidos no processo de produção do conhecimento

sejam relegados a segundo plano ou completamente apagados. O efeito duradouro desse tipo de escrita da história é transformar o passado em um conjunto de acontecimentos investigativos lineares que seguem o caminho da formulação mais rudimentar até a culminância científica mais elevada que, não por acaso, reflete a especialidade do sujeito que conta a narrativa historiográfica (KOERNER, 1994)

Encontramos, também, modelos de escrita que optam pelo destaque do exame das práticas científicas em perspectiva crítica com forte apelo pelos processos históricos em correlação com as dimensões sociais e contextuais em que foram produzidas as 'boas ideias' (KUHN, 2017 [1962]) e que puderam conduzir, em última análise, a uma nova maneira de ver o mundo. Nessa perspectiva, destaca-se a análise crítica de eventos e processos transcorridos no passado como essencialmente decorrentes de ações humanas e interações. Esse quadro de referência segue princípios metodológicos bem definidos

Eis que a Ciência se distingue completamente das Artes, na medida em que os artistas elegem o caminho de preservação de sua história, enquanto os cientistas, como nos lembra Kuhn (2017 [1962]), destroem a história de sua disciplina, ao representá-la segundo seus próprios interesses, suas necessidades e mediante às conjunturas contextuais dos eixos temporais. Em outras palavras, os cientistas reescrevem narrativamente a história de seu campo elegendo os elementos que os situem em posição de prestígio em relação aos seus predecessores.

Ao pensar sobre a posição que a linguagem ocupa, não surpreende que as questões linguísticas tenham despertado interesse de diversas civilizações de nosso ancestrais pré-históricos. O longínquo interesse das sociedades humanas em torno das manifestações da linguagem e das línguas foi resultado de demandas diversas. Conseqüentemente, caminhos muito distintos foram propostos para se compreender a linguagem e muitas dessas descobertas convivem conosco até os dias de hoje. É, contudo, prática comum situar o início de nossos 'tempos modernos' no campo dos estudos da linguagem com a pesquisa histórico-comparativa que se desenvolve institucionalmente ao longo do século XIX.

A segunda possibilidade de apresentação da história da disciplina decorre da exposição dinâmica de processos de permanência e de descontinuação de práticas de análise. Parte-se da história de tradições de estudo da linguagem até o período de formação da pesquisa histórico-comparativa que, enfim, atinge seu ponto mais alto com a autonomia que obtém nas primeiras décadas do próximo século.

Com essa atitude, está subjacente a visão de que os fatos científicos chegam ao ápice do progresso quando, diante de “anomalias” não solucionadas pela comunidade intelectual, assiste ao seu próprio fim pela reivindicação de uma revolução científica (KUHN, 2017 [1962]). É assim que narram muitos cursos e manuais introdutórios<sup>1</sup> ao identificar a gênese da Linguística moderna como efeito da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*, doravante, CLG, em 1916, de autoria concedida a Ferdinand de Saussure. Tomado como um herói de nossa história intelectual, o linguista genebrino carrega os títulos de “pai”, “fundador” ou somente “ponto de partida” da Linguística enquanto ciência, independentemente da posição relativa do enunciador.

Nos últimos anos, no Brasil, observamos um crescente interesse pela revitalização dos estudos saussurianos como resposta, em grande medida, à criação de grupos de pesquisa liderados por professoras e professores universitários com formação em círculos intelectuais europeus e dos Estados Unidos. O Projeto *Aquisição de Linguagem*<sup>2</sup> (PAL), fundado pela professora e pesquisadora aposentada Cláudia Lemos, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), permitiu articular as reflexões saussurianas sobre o fenômeno linguístico com preocupações relativas ao estudo da fala da criança. Mais tarde, foi criado o *Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure* (GP\_FdS)<sup>3</sup>, fundado e liderado pela professora e pesquisadora Eliane Silveira, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), assim como o grupo *Línguas brasileiras: análise, aquisição e ensino* (LIBRaqe)<sup>4</sup>, que tem como participante a pesquisadora Núbia Faria, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Todos os grupos exaltados tiveram algum tipo de influência pioneira da pesquisadora Cláudia Lemos e, desde então, recrutam pesquisadores interessados pelos temas da obra saussuriana, promovendo atividades de encontro e contribuindo

---

<sup>1</sup> Lyons (1979), Martelotta (2008).

<sup>2</sup> Idealizado pela linguista e psicanalista Cláudia Lemos, o *Projeto Aquisição de Linguagem* foi criado em 1977 e cadastrado no Diretório de Grupos do CNPQ em 1996. O Projeto foi decisivo para a orientação dos estudos saussurianos. Hoje, o projeto não existe mais. O diretório do grupo pode ser acessado em: <http://www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/33206>

<sup>3</sup> Criado pela professora Eliane Mara Silveira, em 2012, o grupo de pesquisa tem os seguintes eixos de interesse: i. epistemologia saussuriana e seus desdobramentos, ii. alcance teórico da obra de Saussure, iii. análise de manuscritos saussurianos e iv. recepção da sua produção. O link de acesso do diretório pode ser acessado em: <http://www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3700290350657137>

<sup>4</sup> Criado em 2008, o grupo se dedica à descrição, análise e documentação de línguas brasileiras, ao estudo da aquisição da linguagem oral e escrita, da variação e mudança linguística, dos desdobramentos da reflexão linguística para pensar o ensino das línguas, assim como a reflexão sobre teorias, métodos e epistemologia no campo da linguística. O diretório do grupo pode ser acessado em: <http://www.dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/11094>

para o estudo teórico e crítico da fortuna saussuriana no âmbito nacional das ciências da linguagem.

Mais um fator decisivo para o “retorno” a Saussure<sup>5</sup>, no ambiente acadêmico-científico, foi a difusão do pensamento saussuriano por meio de manuscritos inéditos disponibilizados no ano de 1996, pela família do autor, à Biblioteca da Universidade de Genebra, na Suíça. Alguns pesquisadores da crítica saussuriana quiseram implicar, em um momento inicial, que os novos textos produziram uma oposição radical das ideias de Saussure, em relação ao que foi editado pelos redatores do CLG. O caso de Bouquet (2000) é ilustrativo, na medida em que sustenta uma tese rígida de falseamento do texto de 1816 ao concluir que os manuscritos saussurianos inéditos podem, apenas eles mesmos, trazer à lume as “verdadeiras” teses do genebrino. Contudo, apenas uma pequena porção desses materiais foram publicados em coedição com Engler<sup>6</sup>, no livro *Escritos de Linguística geral*<sup>7</sup>.

Em relação à reconstrução realizada por Bally e Sechehaye, editores do CLG, Bouquet (2000, p. 13) a desautoriza categoricamente ao assinalar que ela “oferece um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar”. Após tornar extremado o movimento de contestação de autenticidade das ideias do CLG, os pesquisadores da produção intelectual de Saussure se sentiriam, em um primeiro momento, pressionados a “emitir um julgamento de absolvição ou de culpabilização dos editores” (SILVEIRA, 2016, p. 25). A consequência desses debates radicais foi, em última análise, a pulverização de análises do texto manuscrito saussuriano a fim de evitar comparações impertinentes com o estatuto de “objeto histórico” do CLG (NORMAND, et. al. 1978). Assim, a tese da radicalidade foi substituída por uma visão mais justa, tendo em vista a heterogeneidade do *corpus* saussuriano (cf. Fiorin, et. al. 2013) Se a imagem da verdadeira feição de Saussure sobre a Linguística geral se tornou disponível apenas nos materiais inéditos cedidos em 1996, certamente foi pela ausência de reflexão adequada da edição crítica do *Curso*

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada pelo filósofo e linguista Milner (2003) em ensaio historiográfico no qual discute a fortuna saussuriana e sua atualidade para o linguista.

<sup>6</sup> Engler foi responsável por produzir uma edição crítica de grande prestígio do *Cours de linguistique générale* (1968/1974), publicada em dois tomos, em que se pode acompanhar as anotações de alguns estudantes presentes nos três cursos de Linguística geral, ministrados por Saussure, relacionando-as com passagens do CLG.

<sup>7</sup> O título original em francês é *Écrits de linguistique générale*. Essa edição publicada em 2002, foi, rapidamente, traduzida em português brasileiro, no ano de 2004. Joseph (2012, p. 650) comenta sobre o sucesso desse projeto editorial que “desde que foi publicado, esse livro apareceu em tradução em vários idiomas, tornando o material disponível para um público muito mais amplo do que qualquer outro desde o próprio *Curso*”.

(SAUSSURE/ENGLER, 1968, 1974), ou pela apresentação de uma ocasião favorável para “revisar sua própria interpretação de Saussure”<sup>8</sup> (JOSEPH, 2012, p. 650).

Acresce-se aí outra sorte de acontecimentos ocorridos em âmbito nacional e em nível internacional provocados pelas comemorações dos centenários de morte de Saussure, em 2013, e de publicação do CLG, ocorrida em 2016. Nessas ocasiões, pesquisadores produziram publicações e organizaram eventos sobre a produção intelectual de Saussure que atualizaram o interesse pelas questões históricas e epistemológicas presentes na elaboração teórica de Saussure e “atestam a presença viva das ideias de Saussure no debate contemporâneo em torno da linguagem” (CRUZ; FARIA, 2019, p. 2). Convém, portanto, situar nossa pesquisa dentro desse amplo quadro de referência no campo de estudos historiográficos que busca revisar propostas de interpretação do passado de nossa disciplina cristalizadas na comunidade de cientistas.

Antes de propor recuo à história da linguística, considera-se pertinente compreender que a possibilidade de reconstrução do passado linguístico deve ser encarada como a escrita de uma narrativa, na medida em que, como avalia Koerner (2014), o amadurecimento de uma ciência pode ser determinado pela atitude daqueles que se empenham em escrever a história da disciplina como uma atividade científica assentada em princípios bem definidos. Para tanto, cumpre reconhecer que o historiógrafo constrói sua historiografia a partir do problema do seu tempo para conectar linguistas de seu tempo com a história da disciplina que os une. Distingue-se, dessa maneira, do estudo contemplativo do passado como uma tarefa de coleção de antiguidades (KOERNER, 1994).

Não tencionamos aqui seguir rigorosamente o modelo kuhniano (2017 [1962]) para a escrita da história da linguística, tendo em vista a divergência de adequação para a análise empreendida aqui, entendendo que não oferece critérios para distinguir uma ciência paradigmática de uma articulação variante da ciência normal em muitos eventos situados na corrente histórica das ciências da linguagem (PERCIVAL, 1976). Há também o inconveniente em acolher o conceito de “revolução científica” integralmente na medida em que o progresso não-cumulativo não implica “substituição total ou parcialmente de um paradigma por um novo” (KUHN, 2017

---

<sup>8</sup> Tradução nossa de: «revise their own interpretation of Saussure».

[1962]) no campo história da linguística. No domínio das ciências da linguagem, não encontramos consentimento totalitário em torno de um único paradigma, em cada período da história. Pelo contrário, lidamos com uma vasta dispersão e co-ocorrência de especialidades a todo tempo que, essencialmente, caracteriza a área.

Um dos temas de investigação principal dos historiadores é o estudo da influência como uma relação que se desenvolve no tempo, geralmente situada em momentos de fronteira. O estudo da influência pode contribuir, como mostra Cavalieri (2020, p. 137), para organizar os fatos históricos e demonstrar “por que certas crenças de prestígio perduram no decurso do tempo, ao passo que outras caem no esquecimento das coisas irrelevantes”, como faz esse estudo, ao eleger o problema do fenômeno da influência de Hermann Paul sobre Ferdinand de Saussure desenvolvida no interstício de 1880 a 1916. Nessa instância, há razões profundas para se voltar para a análise dos acontecimentos na esfera intelectual e social situados no final do século XIX, na medida em que foi nesse período que se reconhece o triunfo da tradição de pesquisa histórico-comparativa e os primeiros sinais de seu esgotamento (AUROUX, 2000).

Em manuais de linguística (cf. LYONS, 1979; MARTELOTTA et al. 2008), Paul e Saussure são representados como agentes de tradições de pesquisa distintas na história da Linguística. Em linhas gerais, apresenta-se Paul como filólogo da língua e literatura alemã e comprometido com o paradigma histórica hegemônico do século XIX. Sua obra intitulada *Princípios fundamentais da história da língua* (doravante, também, *Princípios*), publicada em 1880, pode ser concebida como o apogeu da orientação historicista em ciências da linguagem (PAVEAU; SARFATI, 2006). Saussure, por outro lado, foi linguista geral e exerceu papel de descontinuador de uma longa tradição de investigação, ao propor um novo paradigma capaz de resolver as “anomalias científicas” deixadas sem as devidas soluções pelos seus antecessores. Com esse gesto de “ruptura epistemológica” (NORMAND, 2009), o linguista de Genebra teria concedido autonomia e definido um objeto próprio para a ciência da linguagem.

É comum se admitir que os manuais de linguística tendem a suprimir uma grande gama de detalhes da história que propõem apresentar pelo seu caráter panorâmico (KOERNER, 1999). Com efeito, a tradição de pesquisa baseada na comparação das línguas atinge o apogeu de sucesso metodológico e institucional no último terço do século XIX (MARTELOTTA, 2008), todavia, muitos aspectos do

contexto social e institucional envolvidos na produção das abordagens científicas de Paul e de Saussure são apagados a fim de narrar uma história puramente progressiva e cumulativa do conhecimento linguístico. Nesse sentido, a história da produção de ideias sobre os fenômenos linguísticos é colocada apartada das conjunturas externas que desempenharam função condicionante das formas que o conhecimento linguístico foi acomodado, logo não se pode dispensar esse parâmetro de investigação para não correr o risco de fazer uma “historiografia que trata apenas dos desenvolvimentos de uma disciplina no interior dela mesma como se ela tivesse surgido e se desenvolvido em um nada intelectual, social, é, em princípio, redutora (ALTMAN, 2019, p. 31).

Para interpretar a questão relativa à suposta dependência das ideias linguísticas de Saussure em relação às de Paul, tal como alegado por Koerner (1971, 1972, 2008, 2020), cumpre recuperar os cenários das três últimas décadas do século XIX. Nesse caminho, Cruz (2010) lança pistas nessa direção ao situar a emergência da Linguística moderna no momento em que se reintroduz a dimensão comunicativa e social nos estudos linguísticos, por meio de esforços coletivos, dentre eles, a abordagem linguística de Paul, no último quartel do século XIX. Essa visão contrapõe-se àquela tradicional e dá clara indicação da relevância desse interstício em que conjunturas levaram a comunidade científica ao resgate de elementos obliterados pela tradição anterior, incluindo aí o trabalho de Paul.

Por mais de quarenta anos, Koerner (1971, 1972, 2008, 2020) tem insistido sobre a tese da modernidade da abordagem de Paul e de seu papel fundamental como fonte de inspiração para Saussure no desenvolvimento de suas ideias sobre a Linguística geral, as quais foram conhecidas, mais tarde, com a publicação e difusão do CLG. Conforme seu ponto de vista, existe influência evidente das ideias apresentadas no livro de Paul nas reflexões saussurianas elaboradas a partir da década de 1890, com base nas muitas semelhanças teóricas apresentadas no cotejo dos *Princípios* com o CLG.

Observamos que é comum situar o tema da influência em momentos de fronteira, na história do estudo da linguagem, ligada a uma fase importante no desenvolvimento da linguística, enquanto ciência, no século XIX e na passagem para o século XX (KOERNER, 1987, p. 2). Embora a análise forneça comparações textuais atraentes, restam questionamentos: se existe uma evidência entre os temas de Linguística geral fornecida pela comparação dos textos, qual a relação dessas



ideias com a perspectiva emergente e que lugar ocupa a perspectiva em relação à tradição de pesquisa histórico-comparativa? Restam dúvidas dessa natureza, ainda que, no plano argumentativo, podem ser acompanhadas aproximações dos textos de Paul e Saussure. A polissemia do termo ‘influência’ e a ausência de uma definição teórica de trabalho também podem gerar contratempos para a narrativa de Koerner (1971, 1972, 2008, 2020), haja vista que os ecos são verificados em termos de semelhanças, cuja definição também implica ambiguidade já que “a mera afirmação de que dois fatos são semelhantes já equivale a uma *petitio principii*<sup>9</sup>: a semelhança é sempre uma interpretação, nunca uma conclusão”<sup>10</sup> (VERSTEEGH, 1990, p. 203).

É intrigante perceber que, mesmo na investigação mais recente do líder organizacional da Historiografia Linguística (KOERNER, 2020), o eco de Paul em Saussure perdura, mas, agora, em uma versão bem mais fraca do que havia proposto para com todo o ‘clima de opinião’ do período. Assim, a afirmação de que Saussure desenvolveu a sua Linguística geral sob influência das ideias linguísticas de Paul não é explorada levando em conta aspectos do clima de opinião da época em que as ideias linguísticas desses atores sociais foram formuladas. Entretanto, sabe-se que os acontecimentos transcorridos no final do século XIX criaram as condições epistemológicas para a emergência da Linguística geral no domínio da ciência da linguagem (AUROUX, 2000). Sem essa atividade de contextualização das ideias no tempo (BECKER, 1932), torna-se um grande desafio corrigir a imagem, ainda irresistível, de Paul como filólogo e de sua obra como o grande tratado de mudança das línguas. Tampouco se descontinua com a representação da reflexão saussuriana como sendo influenciada pela obra de Paul, descaracterizando a ideia de uma descontinuação radical em relação à tradição de pesquisa histórico-comparativa do século XIX, por parte do linguista genebrino.

Dentre os elementos constituintes do clima de opinião, destacam-se as práticas de reconstrução fonética da língua protoindo-europeia, o impacto causado pela retórica de ruptura radical com o surgimento do quadro de trabalho neogramático, assim como a polêmica sobre o conceito de leis fonéticas sem exceções para explicação da mudança e o processo de institucionalização da

---

<sup>9</sup> Expressão latina que indica uma petição de princípio, um sofisma que supõe ser verdadeiro aquilo que ainda deve ser provado.

<sup>10</sup> Tradução nossa de: «the mere statement that two facts are similar already amounts to a *petitio principii*: similarity is always an interpretation, never a conclusion».

linguística em âmbitos acadêmico-científicos. Todos esses acontecimentos elencados podem, em aditamento, fornecer descrições históricas cujos desdobramentos estão absolutamente conectados com a emergência de propostas independentes da Linguística geral (NORMAND, 2000).

Convém lembrar que aí se incluem, na dimensão da micronarrativa, a tensão social de Saussure para com o grupo neogramático, após tácita acusação de plágio pela divulgação dos resultados apresentados em sua *Dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias*<sup>11</sup> (1878) enquanto estudava no centro do grupo com seus contemporâneos alemães. Tal evento motivará sua saída de Leipzig, reduto dos estudiosos alemães, em direção a Paris com o objetivo de buscar o devido reconhecimento pelas ideias sobre a reconstrução da língua protoindo-europeia. É de enorme consideração estabelecer que, a percepção de acesso ao reconhecimento público advém da possibilidade de publicação e quando esta é bloqueada pelos pares, o embaraço “pode afetar se os cientistas realizam o trabalho em um paradigma particular” (MURRAY, 1994, p. 21)<sup>12</sup>. Sendo assim, o modelo de grupos cumulativos e grupos revolucionários pode fornecer parâmetros de força explicativa para compreender as vicissitudes sociológicas para interpretar a conexão Paul-Saussure, tendo em consideração que ambos os linguistas mantiveram relações bastante distintas com o grupo neogramático que logo assume posição institucional de grupo de elite<sup>13</sup>.

Tomando essas exposições como delimitações de interesse para esta pesquisa, temos como objetivo geral interpretar a questão relativa à influência de Paul sobre Saussure, considerando a posição de Koerner (1971, 1972, 2008, 2020) para quem Saussure foi profundamente influenciado pelos *Princípios*, de Paul. Pretendemos compreender a natureza da influência alegada pelo historiógrafo para compreender a posição de Saussure mediante o trabalho linguístico de Paul e avaliar de que maneira o mestre genebrino estabelece seu distanciamento ao se inscrever em uma tradição de pesquisa distinta daquela ocupada pelo linguista alemão.

---

<sup>11</sup> O título original em francês é *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*.

<sup>12</sup> Tradução nossa de: «may affect whether scientists undertake work in a particular paradigm».

<sup>13</sup> Contrariamente, Koerner (2005) mantém-se cético sobre a colaboração da Historiografia Linguística com abordagens de caráter sociológico visto que a articulação de fatores externos na formulação do conhecimento linguístico garantiria ao historiógrafo a observação dos processos de relações sociais envolvidos na formação de ideias científicas sobre a linguagem e as línguas.

É de suma importância integrar aspectos do clima de opinião com as dinâmicas históricas suscitadas pelo surgimento e pela consolidação do quadro de trabalho neogramático, do qual Paul foi ativamente presente. Considera-se igualmente fundamental para as discussões empreendidas aqui investigar o desenvolvimento das posições de Paul e de Saussure em grupos científicos cumulativos e grupos revolucionários para avaliar em que medida as abordagens de Paul e Saussure se relacionam com a emergência da Linguística geral desenvolvida a partir do último quartel do século XIX.

Adotamos as diretrizes da Historiografia Linguística, doravante, HL, como quadro de trabalho para fundamentar teórica e metodologicamente a narrativa historiográfica desta pesquisa com as premissas de Koerner (1987, 1989, 1994, 1995, 2014, 2020), Swiggers (1998, 2004, 2009, 2010, 2013, 2017) em articulação com o conceito de Clima de opinião desenvolvida por Becker (1932) e a discussão sobre o conceito de Cinosura proposta por Hymes (1974).

A HL se organiza como especialidade da Linguística e tem como objetivo descrever e explicar os processos de produção, circulação e recepção de formas de conhecimento sobre a linguagem em conjunturas contextuais determinadas historicamente. Como atividade acadêmica, a HL se coloca a cargo da investigação da história da Linguística como tarefa metodologicamente consciente em vista da variedade de fatores e contingências que determinam os acontecimentos históricos com a colaboração de contribuições da Historiografia da Ciência.

Esperamos, assim, contribuir para a integração da pesquisa historiográfica, sob o *framework* da HL, com os interesses do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), tendo em vista que a investigação do fenômeno da influência suscita um tratamento complexo. Assim, demanda uma articulação de reflexões sociais e culturais sobre a linguagem para situar a interpretação de abordagens, teorias e modelos de descrição da linguagem em perspectiva histórica.

Partindo da premissa de que o clima de opinião da comunidade científica instaurado a partir do último quartel do século XIX pode explicar a emergência da Linguística geral, período em que Paul publica os *Princípios fundamentais da história da língua* e Saussure começa a elaborar suas ideias sobre a Linguística geral, temos a hipótese de que: **o Clima de opinião afeta profundamente a ciência da linguagem no fim do século XIX e influencia a elaboração das abordagens**

**teórico-metodológicas de Hermann Paul e de Ferdinand de Saussure sob duas linhas de investigação distintas da Linguística geral.**

A motivação central deste trabalho consiste na compreensão de aspectos relevantes do contexto social e institucional e da diversidade de abordagens que começará a caracterizar a ciência da linguagem a partir do último terço do século XIX, partindo do pressuposto de que determinados elementos do clima de opinião podem fornecer, em articulação com o estudo da cinesura, uma interpretação crítica sobre a questão da influência de Paul sobre Saussure. Com a finalidade de expor a problemática construída, especificamos o questionamento central em duas perguntas listadas abaixo:

- a. que relações podem ser estabelecidas entre o Clima de opinião (contexto social, histórico e atmosfera intelectual) e a emergência da Linguística geral?
- b. em que medida as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure se inscrevem em duas linhas de investigação da Linguística geral?

Partindo das perguntas norteadoras da pesquisa, temos como objetivo geral *interpretar a questão da influência de Hermann Paul sobre Ferdinand de Saussure*. Para cumprir o objetivo geral, com o intuito de responder as perguntas de pesquisa e, em atendimento aos pré-requisitos necessários à investigação historiográfica, consideramos basilar o cumprimento dos seguintes objetivos específicos:

- a. estabelecer relações entre o Clima de opinião (contexto social, histórico e atmosfera intelectual) e a emergência da Linguística geral;
- b. avaliar em que medida as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure se inscrevem em duas linhas de investigação da Linguística geral.

Feitas as considerações iniciais desta dissertação – contextualização da pesquisa, perguntas de pesquisa e objetivos – apresentamos a organização das seções da pesquisa.

Na seção 2 – *Fundamentos da Historiografia Linguística* – distinguimos a história da historiografia e apresentamos os princípios e objetivos da Historiografia Linguística como especialidade metateórica das ciências da linguagem. Expomos as definições de narrativa e as tarefas do historiógrafo, além das fontes históricas e dos métodos de análise.

Na seção 3 – *O tratamento da influência em Historiografia Linguística* – discutimos o problema de caráter teórico e metodológico envolvido na investigação do fenômeno da influência em Historiografia Linguística. Refletimos sobre os índices

para a detecção desse fenômeno e recenseamos as pesquisas de Koerner (1971, 1972, 2008, 2020). Por fim, definimos os conceitos de Clima de opinião e de Cinosura como categorias analítico-interpretativas capazes de fornecer elementos de alcance crítico e interpretativo para o problema de pesquisa.

Na seção 4 – *Aspectos metodológicos* – caracterizamos a pesquisa historiográfica e justificamos as diretrizes metodológicas adotadas para condução da análise, a saber: a periodização, o estabelecimento de critérios de seleção das fontes históricas, assim como os parâmetros e categorias de análise. Por último, apresentamos os procedimentos analíticos empregados.

Na seção 5 – *A questão da influência: o fim do século XIX e as abordagens de Linguística geral de Hermann Paul e de Ferdinand de Saussure* – estabelecemos os elementos do Clima de opinião da ciência da linguagem no fim do século XIX e os relacionamos com a emergência da Linguística geral. Finalmente, comparamos as definições de objeto científico fornecidas pelas abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure e interpretamos os desenvolvimentos como de linhas de investigação distintas da Linguística geral.

Na seção *Considerações finais*, enfim, apresentamos as conclusões gerais da pesquisa em articulação com as perguntas e os objetivos da pesquisa.

## 2 FUNDAMENTOS DA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

A distinção entre história e historiografia é paralela à da natureza e da ciência. A filosofia da ciência estuda a ciência e suas relações com a evidência. Não pode estudar exclusivamente a natureza diretamente, ou seria uma ciência<sup>14</sup> (TUCKER, 2009, p. 2)

Esta seção aborda os fundamentos teóricos e metodológicos da Historiografia Linguística para a compreensão geral da natureza do conhecimento histórico e sua distinção com a historiografia como atividade cientificamente orientada. Iniciamos nossa exposição com a apresentação da formação do quadro de trabalho da Historiografia Linguística tomando como diretriz norteadora a consciência metodológica<sup>15</sup> (KOERNER, 1974) como alternativa dos modelos de reconstrução histórica sugeridos por Kuhn (1962) e Chomsky (1966). Discutimos a posição dessa especialidade metateórica no campo das ciências da linguagem e tratamos das tarefas do historiógrafo na escrita do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas, assim como as delimitações temporais e a relevância das fontes históricas e dos métodos de análise.

Considerando nossas reflexões em torno dos fundamentos da Historiografia Linguística, organizamos essa seção em quatro tópicos, a saber: 2.1 O conhecimento histórico; 2.2 A História da Linguística e a Historiografia Linguística; 2.3 O trabalho do historiógrafo; 2.4 A narrativa historiográfica e 2.5 Fontes históricas e métodos de análise. Tais divisões permitem compreender aspectos basilares que sustentam as bases teórica e conceitual desta pesquisa.

### 2.1 O conhecimento histórico

O primeiro desafio que se enfrenta ao abordarmos o conhecimento histórico reside na própria definição do termo história. Usualmente, emprega-se o termo

---

<sup>14</sup> Tradução nossa de: «the distinction between history and historiography parallels that of nature and science. The philosophy of science studies science and its relations with the evidence. It cannot study exclusively nature directly, or it would be a science, Similarly, scientific historiography studies history through its evidential remains».

<sup>15</sup> Swiggers (2004, p. 120) aponta a necessidade de se construir uma teoria tipológica de formas de fazer historiográfico e sugere a inclusão de três partes: i. uma tipologia de modalidades de exposição; ii. uma tipologia de formas de estruturação (do eje cronológico e dos objetos estudados) e iii. uma tipologia de “mensagens”.

história para dar conta de diversos significados, desde o uso mais técnico e disciplinar até à ideia mais popular. De fato, o termo história pode fazer referência a um campo do conhecimento, a acontecimentos do passado ou mesmo para se referir ao relato de uma pessoa mais íntima. Dada a polissemia do termo e as diversas possibilidades de elencar sentidos específicos, assumiremos uma distinção basilar entre história e historiografia como estratégia para caracterizar os usos técnicos no âmbito desta pesquisa. Assim, compreendemos a distinção através de uma estrutura terminológica e conceitual.

De um lado, a história, que inclui o conjunto de evidências, eventos e a sequência de acontecimentos do passado de uma sociedade e cultura. Incluem-se aí a publicação de obras, organização de encontros e conferências, fundação de sociedades, o reconhecimento de certos fatos linguísticos (propriedades, regularidades, leis). De outro, está a historiografia que se refere ao processo de escrita interpretativa do conjunto de fatos selecionados e analisados pelo historiógrafo “como atividade intelectual, considerada como um tipo de empreendimento científico, de documentar e descrever o nível da história” (SWIGGERS, 1998, p. 2).

**Quadro 1 – Definições dos termos história e historiografia**

HISTÓRIA	⇒	Conjunto de evidências de fatos e eventos de uma sociedade e cultura.
HISTORIOGRAFIA	⇒	Análise reflexiva sobre o conjunto de evidências de fatos e eventos selecionados pelo historiador; a escrita da história (como atividade de compreensão do passado e presente).

Fonte: Batista, 2021.

Como podemos perceber no Quadro 1, há uma relação entre história e historiografia, pois os eventos do passado constituem a história, como lembra Tucker (2009, p. 1), enquanto a historiografia “gera conhecimento provável do passado”<sup>16</sup> Nessa perspectiva, história assume uma relação sinonímica com o termo

<sup>16</sup> Tradução nossa de: «generates probable knowledge of the past».

evidência<sup>17</sup>, uma vez que os vestígios do passado não promovem garantia de compreensão neles mesmos, nesse sentido, dependem de uma explicação do historiógrafo. Em vista disso, assumir um tipo de raciocínio ingênuo sobre a história “podia trazer a reboque a ideia incorreta de que os documentos já estão prontos, à espera do historiador, e de que os mesmos conteriam informações imobilizadas, prontas para serem extraídas da documentação” (BARROS, 2019, p. 22). É primordial inscrever a reconstrução de ideias e práticas do passado no quadro de uma operação historiográfica, isto é, como resultado do processo de análise interpretativa do historiógrafo.

Batista (2020), ao tratar das mudanças da história na qualidade de campo do conhecimento, destaca que, assim como a história da Linguística sofreu alterações decorrentes de articulações complexas, dentre elas, com o clima de opinião<sup>18</sup>, os estudos históricos também se alteram em função:

A disciplina história – como todas as disciplinas, ciências e campos do conhecimento – passou por transformações ao longo do tempo, motivadas por vários fatores. Entre eles, o diálogo com o clima de opinião (a atmosfera social, política, econômica, intelectual e cultural) de cada época em que se constituíram fundamentos teóricos e práticos para a atividade de reconstrução do passado (e mesmo do presente) (BATISTA, 2020, p. 36).

De modo geral, o termo história compreende todos os eventos que aconteceram dentro de um campo de conhecimento. Nos tempos modernos, Becker (1932) ilustra essa atitude polissêmica do termo ao argumentar que o pensamento moderno convencionou a designar de história como parte do Clima de opinião. Ao comparar usos culturais do termo a outros campos, objetos e instituições sociais, percebemos que “muito do que é chamado de ciência é propriamente história, a história dos fenômenos biológicos ou físicos. O geólogo nos dá a história da Terra; o botânico relata a história de vida das plantas história das plantas” (BECKER, 1932, p. 18)<sup>19</sup>.

Com essa reflexão, torna-se necessário entender que a história, a rigor, não tem realidade efetivamente real. Sua captação depende, em primeiro lugar, da

---

<sup>17</sup> Termos alternativos utilizados para se referir a fontes históricas são resíduos, conteúdos, materiais, vestígios, indícios, registros históricos, produtos e ressonâncias (cf. Barros, 2019).

<sup>18</sup> Esse conceito operativo está discutido no tópico 3.2 *Dialogando com a Historiografia da Ciência: o Clima de opinião*, presente na seção 3 *O tratamento da influência em Historiografia Linguística*.

<sup>19</sup> Tradução nossa de: «much of what is called science is properly history, the history of biological or physical phenomena. The geologist gives us the history of the Earth; the botanist relates the life history of plants history of plants».



disponibilidade da evidência, condição contingente, e, também do problema histórico selecionado que, em última análise, nunca poderá representar a totalidade dos eventos passados. Em outras palavras, apenas uma reconstrução crítica e analítica do conjunto de evidências, a partir do olhar do historiógrafo, pode gerar compreensão de processos históricos. Nessa perspectiva, os documentos escritos deixados ao longo da história são concebidos como materiais a serem problematizados.

Como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser, [segundo a feliz expressão de François Simiand,] um conhecimento através de vestígios. Quer se trate das ossadas emparedadas nas muralhas da Síria, de uma palavra cuja forma ou emprego revele um costume, de um relato escrito pela testemunha de uma cena antiga [ou recente], o que entendemos efetivamente por documentos senão um “vestígio”, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar? (BLOCH, 2002 [1997], p. 73)

Portanto, a atitude do historiógrafo frente às fontes é precisamente de construir interpretações sobre a história com os registros históricos disponibilizados no seu tempo histórico e, mesmo essa atividade, estará a serviço do problema histórico “do que se pode buscar nesse ou naquele documento histórico também dependeria essencialmente do problema” (BARROS, 2019, p. 22). Dessarte, fica evidente a polissemia do termo história e, conseqüentemente, a distinção necessária para reconhecer a assimetria existente entre aquele termo e a historiografia percebida como um estudo descritivo e explicativo do conhecimento produzido, circulado e recebido ao longo do tempo.

Nesse tópico, discutimos a natureza do conhecimento histórico e definimos os história e historiografia como termo não coextensivas, distinguindo o uso polissêmico do termo história no mundo ocidental e na prática científica. Destacamos a historiografia como atividade de análise interpretativa de fatos históricos para compreender a constituição da Historiografia Linguística como especialidade das ciências da linguagem a seguir.

## 2.2 História da Linguística e Historiografia Linguística

Costuma-se identificar o surgimento da Linguística sob dois recortes temporais, mais precisamente, no início do século XIX alemão e nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos. A HL, por outro lado, tem uma história muito mais próxima de nosso presente. Começou a desenvolver a partir dos anos 1960-1970 como disciplina institucionalizada no âmbito acadêmico e como campo autônomo de investigação. O propositor dessa nova maneira de construir a história da Linguística foi Koerner (1974). Como líder organizacional, o historiógrafo fundou o *periódico Historiographia Linguistica* (1974) e uma sociedade científica internacional, a *International Conference on the History of the Language Sciences* (ICHoLS), em 1978<sup>20</sup>.

Para compreender o processo de formação da HL como especialidade da Linguística, cumpre remontar aos modelos de construção histórica de Chomsky (1966) e de Kuhn (1962). O caso de Chomsky chama a atenção dos linguistas de seu presente, nos Estados Unidos da América, para a necessidade de seus contemporâneos se voltarem para o passado da Linguística, mas, não o passado imediato<sup>21</sup>. Para o linguista, as origens dos problemas linguísticos adequadamente propostos para compreender a natureza do fenômeno linguístico deverá ser acompanhado de uma abordagem racionalista e, por sua vez, deveriam ser buscadas nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, nos escritos de Descartes e Humboldt.

É verdade que a única historiografia *stricto sensu* que Chomsky fez da história da Linguística está reunida no livro *Linguística cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*, publicado em 1966. Na visão do autor, todas as formas de conhecimento linguístico imediatamente anteriores às abordagens estruturalistas, notadamente as abordagens descritiva e taxonômica (as orientações da Linguística histórico-comparativa dos séculos XIX e o Distribucionalíssimo, no século XX). Ao

---

<sup>20</sup> Para discutir a consolidação da especialidade, Koerner (1994) elenca um conjunto de periódicos e sociedades regionais, nacionais e internacionais, criados nas décadas de 1970, 1980 e 1990, como elementos essenciais do processo de profissionalização da HL.

<sup>21</sup> Koerner (2020) declara que a incipiência de formulações suficientemente adequadas sobre os dispositivos teóricos e metodológicos da HL, na metade da década de 1970 e início de 1980, colocou as bases da pesquisa historiográfica em solos fracos. Para Koerner (1972), essa condição epistemológica da HL resultou da reação provocada em oposição ao modelo de construção histórica fornecido pelos pronunciamentos de Chomsky, na ocasião do *Ninth International Congress of Linguistics*, em 1962, e pelas ideias expostas em seu texto historiográfico, a *Linguística Cartesiana* (CHOMSKY, 1966).

lançar perguntas polêmicas para a comunidade científica, Chomsky ganha discípulos alinhados ao modelo de construção histórica no momento de emergência da Teoria Gerativa. Assim, deu início à caça de antepassados longínquos:

Durante os anos 1960, a seguir a várias reivindicações feitas por Chomsky, de que as suas teorias tiveram pouco a ver com as atividades dos seus antecessores imediatos e dos seus contemporâneos, mas, em vez disso, seguiam tradições bastante diferentes, tais como as da gramática de Port-Royal e de Wilhelm von Humboldt, a maior parte das teses de doutoramento desenvolvidas no âmbito da história da linguística era dedicada somente a estas áreas de interesse, distorcendo, por vezes, seriamente a verdadeira intenção e propósito destes autores anteriores (KOERNER, 2014, p. 10-11)

O chamamento para o passado da disciplina também gera uma insatisfação que logo engendrará desafios novos para os estudiosos em debate com a investigação histórica realizada por Chomsky (1966), caracterizada como histórias propagandísticas da Linguística (cf. KOERNER, 2014). Um segundo modelo de reconstrução historiográfica foi suscitado pela publicação de *Estrutura das Revoluções Científicas*, de Kuhn (1962). Nesse período de procura de modelos mais apropriados para contar a história da Linguística, muitos linguistas viram na estrutura paradigmática a possibilidade de aplicação de conceitos para orientar a escrita do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas. Apesar do caráter ensaístico, o texto de Kuhn (2017 [1962]) provocou um impacto massivo em várias ciências humanas e sociais (HACKING, 2017) e na forma de interpretação da historiografia (cf. KOERNER, 1975). Não precisou esperar para receber muitas críticas sobre as oscilações e noções relativamente imprecisas<sup>22</sup>.

Dos grandes méritos do autor, um dos principais foi desfazer uma certa ingenuidade histórica de que somente ‘boas ideias’ seriam suficientes para garantir longevidade no campo das ciências. Na busca de uma estrutura subjacente à história, Kuhn (2017 [1962]) estabelece a existência de um ciclo comum pressuposto nas ciências amadurecidas, campos que já teriam atingido a fase paradigmática. Em outras palavras, quando a comunidade científica relevante reconhece, pelo menos, um paradigma no campo de um determinado, então temos uma ciência amadurecida “por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior” (KUHN, 2017 [1962], p. 71). Por outro lado, ciências

---

<sup>22</sup> No campo da HL, Percival (1976) reflete sobre a incompatibilidade da aplicação do conceito de paradigma para a Linguística e para a escrita de sua história.

ausentes de candidatos a um paradigma seriam classificadas como pré-paradigmáticas.

Uma das primeiras contribuições claras sobre aspectos externos presentes na transformação do conhecimento científico também aparece em Kuhn (2017 [1962]). Com efeito, a dinâmica social desempenha um papel importante na estrutura proposta pelo historiador e o leitor pode encontrar menções à noção de contexto, porém, de modo bastante difuso, através de termos que encaminham a elementos do contexto, tais como persuasão, negociação, comunidade cientificamente relevante, visões de mundo, em suma, expressões que apontam para o contexto.

O modelo de construção histórica kuhniano (2017 [1962]) é certamente aquele caracterizado por uma história marcada por rupturas percebidas como descontinuações do modelo científico prévio e conduz ao aparecimento de seu substituto revolucionário. Ao mesmo tempo, há uma clara concepção ciência de um empreendimento explicativo, na medida em que permite pensar em termos de processos subjacentes aplicáveis ao desenvolvimento das ciências naturais.

Em linhas gerais, o ciclo se estabelece, primeiramente, com a emergência de um paradigma científico de duração finita que, ao ocupar os cientistas com operações de quebra-cabeça, exerce função de ciência normal. Com o surgimento de conflitos de visões de mundo, anomalias são identificadas e rapidamente se instaura o período de crise, denominado de ciência extraordinária ou ciência não-normal. Esse estágio compreende o período de tempo em que as bases do paradigma começam a ser questionadas, e a comunidade científica poderá aceitar as respostas para resolver as anomalias e, enfim, resolver a crise. Em caso negativo,

é sinal de que se iniciou a transição para a crise e para a ciência extraordinária. A própria anomalia passa a ser mais comumente reconhecida como tal pelos cientistas. Um número cada vez maior de cientistas eminentes do setor passa a dedicar-lhe uma atenção sempre maior. Se a anomalia continua resistindo à análise, muitos cientistas podem passar a considerar sua resolução como o objeto de estudo específico de sua disciplina. Para esses investigadores a disciplina não parecerá mais a mesma de antes. Parte dessa aparência resulta pura e simplesmente da nova perspectiva de enfoque adotada pelo escrutínio científico (KUHN, 2017 [1962], p. 166).

Assim, haverá a ascensão de um novo paradigma, marcado pelo episódio de ruptura com crenças e visões de mundo anteriores que caracterizam efetivamente

uma revolução científica. Nessa perspectiva, Kuhn (2017 [1962], p. 177) define as revoluções científicas como “episódios de desenvolvimento não cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior”.

Como se sabe, não há revoluções científicas em ciências da linguagem do mesmo modo que podem ocorrer nas ciências físicas e naturais. Os conceitos de ciência normal e ciência extraordinária, quando aplicados em ciências humanas e sociais, demandam adaptações por parte do historiógrafo para reconstruir aspectos do passado linguístico. Caso contrário, seria necessário situar a Linguística no estágio pré-paradigmático, tendo em vista que não há, nesse campo, dispersão completa e, ao mesmo tempo, encontra-se uma multiplicidade de especialidades bastante significativa, marcada por uma variedade de interesses explícitos, levando os historiógrafos a considerar que a Linguística “escapa à análise em termos de paradigmas” (PERCIVAL, 1976, p. 289)<sup>23</sup>.

Do ponto de vista das ciências humanas e, sobretudo, da Linguística, esbarramos com um problema intrínseco à constituição da área, que é a impossibilidade de adesão de todos membros que compõe a comunidade Linguística em um único paradigma. Certamente a dimensão sociológica dos paradigmas não contempla aspectos fundamentais da complexa realidade social que caracteriza os cientistas da linguagem. Mais uma vez, Percival (1976, p. 289) ilustra essa situação com a posição da Teoria chomskiana ao assinalar que a “Gramática Gerativa não exige um consenso uniforme entre os linguistas de todo o mundo: não é uma estrutura conceitual compartilhada por todos os membros da profissão”<sup>24</sup>. Seu critério é, portanto, puramente sociológico.

Adicionalmente, o modelo kuhniano (2017 [1962]) não oferece soluções suficientemente compreensíveis para auxiliar o historiógrafo a captar as dinâmicas de abordagens co-ocorrentes, em que condições do paradigma original acarretam no processo de formação de uma abordagem variante. Esse cenário, certamente, se assemelha a uma circunstância na história da Linguística que

enfrentamos constantemente um problema para o qual a teoria de Kuhn não oferece solução alguma, a saber, como distinguir um novo paradigma de uma articulação variante de um antigo. Na ausência de um critério de aplicação geral, decidir se Rask criou seu próprio

<sup>23</sup> Tradução nossa de: «eludes analysis in terms of paradigms».

<sup>24</sup> Tradução nossa de: «Generative grammar does not command uniform assent among linguists all over the world: it is not a conceptual framework shared by all the members of the profession».

paradigma ou elaborou um anterior é em grande parte uma questão de julgamento subjetivo (PERCIVAL, 1976, p. 290-291).<sup>25</sup>

Dito isso, fica claro que há várias formas possíveis de lidar com a escrita da história do conhecimento linguístico, dentre elas, a HL que “reivindica que a história da Linguística não deveria ser meramente subserviente à disciplina, mas deveria assumir uma função comparável à da história das ciências naturais” (KOERNER, 1994, p. 23). Nesse sentido, a HL mantém uma relação específica com a Linguística e com sua história. O termo “Linguística”, do sintagma “Historiografia Linguística”, é indicado para determinar sua posição relativa à Linguística ou, idealmente, às ciências da linguagem. Quanto à definição de Linguística para os estudiosos dessa especialidade, cabe indicar que há, em realidade, mais de uma definição possível para o que se pode chamar de Linguística, visto que esse termo ‘guarda-chuva’ implica, ao menos, duas visões, quais sejam: i. Linguística é a disciplina que se institucionalizou no século XIX alemão e ii. Linguística recobre todas as formas de conhecimento produzidas sobre a linguagem e as línguas, independente do século, sem ou com uma teoria.

Em qualquer uma das concepções elencadas acima, Linguística implica uma parte do conhecimento geral sobre o mundo, sobre o ser humano, a respeito da linguagem, como nos lembra Hymes (1974, p.1) “a Linguística que conhecemos faz parte da história do conhecimento humano, i.e., sua história, e também é parte da história geral das disciplinas científicas”.

Nessa perspectiva, a História da Linguística e a HL não são coextensivas (ALTMAN, 1998), pois determina para si a tarefa de escrever a história do conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas. Assim, a HL se configura como meta-disciplina que toma a história da Linguística como objeto, na medida em que

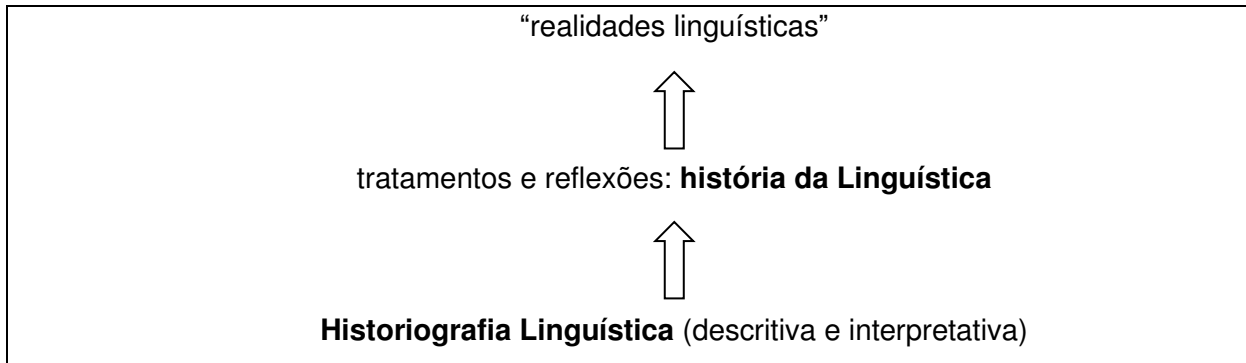
O tipo de conhecimento que a HL produz é um conhecimento metateórico, no sentido de que ela se interessa por aquilo que foi produzido teórica ou intelectualmente sobre a linguagem e as línguas. Em uma formulação simples: ela não se interessa pelas línguas ou pela linguagem em si, mas pelo que se falou sobre as línguas e a linguagem (BATISTA, 2021, p. 45).

---

<sup>25</sup> Tradução nossa de: «constantly face a problem for which Kuhn’s theory provides no solution whatever, namely how to distinguish a new paradigm from a variant articulation of an old one. In the absence of a generally applicable yardstick, deciding whether Rask created his own paradigm or elaborated an earlier one is largely a matter of subjective judgment».

Neste viés, a HL compreende o estudo metodológico e/ou epistemológico da história de uma disciplina científica, no caso desta pesquisa, dos acontecimentos e eventos que constituem a Linguística, ou seja, o estudo das ideias científicas sobre a linguagem e as línguas que surgiram na história<sup>26</sup>, como proposto no organograma abaixo.

**Quadro 2 - Organograma do objeto de estudo da Historiografia Linguística**



Fonte: adaptado de Swiggers (2009)

Ao discutir a organização da HL, Swiggers (2013) define três planos no organograma acima, a saber: o plano das realidades linguísticas, da história da Linguística e da HL. Essa representação de planos permite visualizar os níveis como representações de relações complexas, i.e., as realidades linguísticas formam o "substrato" de atividades e práticas e teóricas por parte dos que se podem denominar "atores" da história da Linguística" (SWIGGERS, 2013, p. 44) e, por sua vez, a HL estabelece uma relação metateórica com a história da Linguística. Do ponto de vista do *framework*, tem como objeto a reconstrução de todas as formas a partir das quais a linguagem e as línguas foram pensadas, refletidas e descritas sob diferentes recortes históricos.

Do ponto de vista de sua organização interna, a HL se constitui a partir de uma inter-relação disciplinar entre a História e a Linguística. Resulta da integração de pressupostos teóricos e metodológicos desses campos. Tendo em vista a diversificação de conhecimentos sobre a linguagem, a História da Linguística pode ser apresentada por objetos multifacetados que, por essa razão, podem permitir entradas distintas, por isso seus temas de investigação podem construir relações interdisciplinares com outras ciências (cf. SWIGGERS, 2009).

<sup>26</sup> O historiógrafo da Linguística examina textos tem lugar na História da Linguística (SWIGGERS, 1998)

Como campo autônomo e institucionalizado, a HL oferece uma das possibilidades disponíveis de escrita da história dos acontecimentos que envolvem as diferentes formas assumidas pelo conhecimento linguístico ao longo do tempo como atividade científica e “metodologicamente consciente” (KOERNER, 2014, p. 9-28, 45-68). Assim, os historiógrafos contemporâneos parecem concordar que:

- i. a historiografia não equivale a uma lista de autores, de títulos, de livros, i.e., as historiografias não são crônicas factuais;
- ii. o conhecimento produzido em ciências da linguagem não resulta de uma sucessão de teorias sobre a linguagem, divorciada do Clima intelectual (BECKER, 1932) no qual foram formuladas;

Como especialidade da Linguística, a HL reunirá esforços coletivos na tentativa de demarcar uma distinção absoluta entre os modelos de interpretação e de reescrita da história produzidos “para deixar claro o afastamento relativamente ao trabalho anterior desenvolvido na área, que muito frequentemente tendiam a ser histórias partidárias” (KOERNER, 1994, p. 23). É fundamental deslocar ambas concepções de histórias de ruptura revolucionária e de histórias com intenção propagandística para um tipo “que consistia na apresentação do nosso passado linguístico como uma parte integrante da própria disciplina e, ao mesmo tempo, como uma atividade fundada em princípios bem definidos” (KOERNER, 1994, pp. 22-23).

Para demarcar as distinções epistemológicas e metodológicas de trabalho e estabelecer os limites do campo de reflexão, Koerner (1974) propõe um conjunto de princípios definidos e explicitados que devem ser conduzidos em pesquisas historiográficas. Os princípios, por sua vez, devem orientar a elaboração de aspectos organizacionais da pesquisa (procedimentos de seleções, opções, critérios, e tipos de abordagem) e explicitados porque devem ser explicitados mais detalhadamente possível. Assim, Koerner (1995) postula a existência de três princípios elementares do trabalho historiográfico para o tratamento do material de análise metodologicamente orientado, a saber: i. o princípio de contextualização; ii. princípio da imanência e iii. princípio da adequação.

O princípio da contextualização deve orientar a reconstituição do contexto intelectual e da perspectivação histórica ao situar os textos e atores sociais em um quadro de reflexão mais amplo, considerando o clima de opinião (BECKER, 1932) em que a produção e a recepção de ideias ocorreram. Batista (2021, p. 92) ressalta



que, com esse princípio, podemos admitir “a vocação interdisciplinar que define a HL como uma observação analítica sobre eventos dos estudos da linguagem situados historicamente”.

O segundo princípio pode ser descrito em termos de enquadramento original do texto, em outras palavras, a observação da conformação que o conhecimento assume em seu recorte histórico e social específicos. Por último, o princípio de adequação corresponde aos esforços interpretativos do historiógrafo para garantir inteligibilidade e fazer aproximações para fornecer “uma descrição clara das ferramentas empregues na tentativa de tornar o texto mais acessível ao linguista moderno” (KOERNER, 2014, p. 59).

A historiografia propriamente dita, por sua vez, compreende o produto escrito do empreendimento historiográfico. Deve ser reconhecida como o fruto final de uma interpretação da história. Esse texto que o historiógrafo constrói sobre a história da produção do conhecimento sobre a linguagem e as línguas é, portanto, uma historiografia, não uma crônica de dados em que se apresentam informações arroladas, mas uma interpretação processual da história a partir de etapas de seleção, hierarquização e meditação (BATISTA, 2013). Nesse sentido, as conjunturas históricas e as formações do historiógrafo estabelecem relações com o objeto recortado, levando-se em conta o lugar e momento de quem as escreve. Tal consideração também produz consequências para a escolha dos procedimentos metodológicos haja vista que não há somente uma diretriz adotada normativamente para todos os historiógrafos (BATISTA, 2021), ainda que existam orientações comuns e modelos analíticos estruturados disponíveis para as pesquisas.

Do ponto de vista da utilidade do conhecimento histórico, permanece interessante discutir o proveito da HL para as ciências da linguagem uma vez que, no cenário brasileiro, outras especialidades parecem ter sido bem-sucedidas, enquanto a HL, bem estabelecida em centros de ponta europeus e nos Estados Unidos, tanto em termos de investigadores, como em instrução universitária, não goza do mesmo caso disciplinar (ALTMAN, 2021).

Koerner (2005) lança uma indagação para a área, em geral, dado que a Linguística, que tem uma história de mais de 200 anos, se quisermos assumir a perspectiva de formação institucional e de Ciência moderna – caso contrário, remontamos a um passado muito mais longínquo, de milhares de anos – não detém cursos específicos dedicados à própria história, como fazem a Química e Biologia.

Esse tipo de questionamento ainda surpreende os historiógrafos atualmente e demandam algumas respostas possíveis, a fim de destacar a relevância de se conduzir as pesquisas historiográficas no campo das ciências da Linguagem.

A contribuição mais óbvia e normalmente aceita é de que a introdução do estudante à área da Linguística ocorra por meio da apresentação de sua história para fornecer uma base para a atividade introdutória e

fazer o ‘arremate’ das divergências, estabelecendo linhas de pesquisa, autores, escolas, modelos teóricos, numa dimensão crítica e interpretativa que seria capaz de oferecer uma base segura de reflexão ao iniciante” (BATISTA, 2013, p. 105)

Um segundo argumento em favor da relevância da HL no âmbito da formação e da pesquisa em ciências da linguagem é que justificam a condução da pesquisa historiográfica é razão para empreender um estudo historiográfico e avançar para além de sua função na inicialização à Linguística é a consideração, que leva em conta principalmente os linguistas praticantes – de que o conhecimento histórico da disciplina pode desempenhar um valor importante na educação de um cientista. Para evitar julgamentos excessivos – positivos ou negativos – de determinada escola, Swiggers (2010, p. 3) a HL pode contribuir na medida em que “faz perguntas linguisticamente relevantes sobre as práticas historicamente relacionadas à linguagem”. E, por fim, ponderada a multiplicidade de especialidades, o estudo historiográfico pode, como nos lembra, Koerner, (2005, p. 36), auxiliar ao “servir como um agente abrangente e unificador”.

Nesse tópico, discorreremos acerca do processo de formação epistemológica e institucional da Historiografia Linguística. Expomos os fundamentos teóricos que organizam essa especialidade, descrevendo seus objetos, objetivos e possíveis contribuições para as ciências da linguagem. Considerando que toda historiografia compreende a prática de reconstrução de fatos históricos pelo investigador, organizamos o tópico 2.3 com uma reflexão sobre o trabalho do historiógrafo.

### **2.3 O trabalho do historiógrafo**

Bem como o termo historiografia sinaliza um afastamento de formas de escrita da história, tais como os modelos de Chomsky (1966) e Kuhn (1962), a denominação historiógrafo também ocorre paralelamente ao termo historiador, para

fazer referência a dois tipos distintos de práticas e competências pressupostas na observação histórica (cf. Batista, 2021). Espera-se que o pesquisador dessa especialidade seja capaz de demonstrar habilidades de observação histórica, transformando suas análises em sínteses críticas de reflexões do passado relevantes para a comunidade científica relevante de seu tempo. Nessa perspectiva, as interpretações do historiógrafo respondem, também a inquietações do seu tempo, já que:

as interpretações decidem quais partes da historiografia científica são suficientemente significativas para serem incluídas nos livros didáticos e que tipos de julgamentos de valor devem ser passados sobre elas. Diferentes interpretações historiográficas podem incorporar um núcleo idêntico de historiografia científica, mas “girá-lo” em diferentes direções (TUCKER, 2009, p. 20)<sup>27</sup>.

Com efeito, uma das contribuições precípuas do historiógrafo da linguística é conectar o linguista do presente com o seu passado e para fazê-lo, recorre ao arcabouço teórico-metodológico da HL. Esse ciclo pode, inclusive, gerar interpretações díspares para os mesmos eventos observados historicamente enfocados pelo mesmo framework. Tal dimensão comunicativa de trabalho é fundamental, pois possibilita o diálogo histórico entre pesquisadores (PERELMAN, 1969).

Contemporaneamente, muitas das pesquisas em HL recolhem interesses dos pesquisadores em torno dos desenvolvimentos históricos das ciências da linguagem. Essa atitude caracteriza a história como resultado de condicionamentos de necessidades temporais. Com efeito, a história é recortada diante de necessidades temporais e toda retrospectão ao passado ocorre diante de preocupações e necessidades do presente, em outras palavras, o trabalho de reconstrução historiográfica volta ao passado é motivado por perguntas do presente histórico, a partir de demandas sociais.

Para conectar interesses e, ao mesmo tempo, evitar narrativas propadandísticas, seguimos o raciocínio de Batista (2014, p. 52) que defende o interesse de deixar a história da Linguística ser “contada pelo pesquisador que se

---

<sup>27</sup> Tradução nossa de: «interpretations decide which parts of scientific historiography are sufficiently significant to be included in textbooks, and what kinds of value judgments should be passed on them. Different historiography interpretations may incorporate an identical core of scientific historiography but “spin” it in different directions».

preparou especificamente para esse objetivo, evitando, assim, reconstruções impressionísticas que na verdade querem apenas defender seu próprio campo”.

Para tanto, torna-se crucial desenvolver uma dupla habilidade. De um lado, o historiógrafo precisa demonstrar consciência científica, em outros termos, precisa ser um estudioso da linguagem, um linguista, ou deter formação específica para compreender uma vasta gama de descrições e explicações de fenômenos linguísticos. Considerado como requisito obrigatório, Koerner (1995, p. 46) sublinha que “não basta ser um conhecedor profícuo em assuntos relativos à linguística para se qualificar como historiador da disciplina”. De outro, espera-se que o pesquisador da história da Linguística detenha consciência histórica como parte integrante da dupla perícia, tendo em vista que o historiógrafo deve situar os eventos sociais e as ideias linguísticas em uma corrente histórica adequada, sendo capaz de articular também conhecimentos de Teoria e Filosofia da História (cf. Batista, 2021) para alcançar o ideal explicativo dos processos históricos.

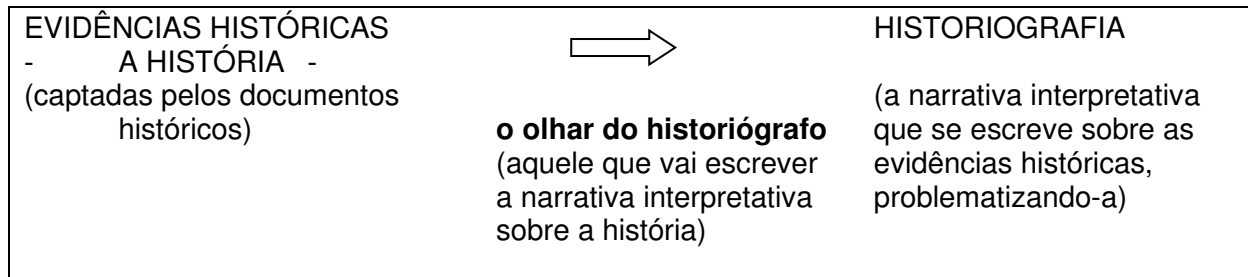
É fundamental ainda que o historiógrafo esteja consciente das opções e seleções que opera para controlar o objeto de sua pesquisa, assim como as suas condições contingentes moldadas, também, pelo contexto do seu tempo. Desde o início, o historiógrafo se orientará por perspectiva teóricas e procedimentos metodológicos decorrentes dessas conjunturas, ainda que não seja capaz de descrever e explicitá-los na narrativa historiográfica. Ao proceder com delimitações temporais, o historiógrafo determina as ideias linguísticas que pretende descrever e refletir “a partir dos documentos históricos que seleciona, interpreta fatos e ações dos agentes históricos (indivíduos envolvidos nos eventos sob análise, causas e consequências de atos e eventos)” (BATISTA, 2021, p. 35).

O ponto de vista do historiógrafo é capital, inclusive, para caracterizar eventos e fontes do passado como relevantes suficientemente para serem convertidos em fatos históricos. Nessa visão, o historiador não está reunindo a memória ‘factual’, em vez disso, busca refletir e interpretar as ressonâncias legadas de acordo com o sistema de referências que detém para hierarquizar a documentação histórica e analisar o problema criticamente.

A partir de dados e evidências concretas, que ele encontra nos arquivos e fontes históricas (em documentação escrita, visual ou oral que lhe é sua matéria-prima de reflexão) uma trajetória histórica é delineada em tom interpretativo (BATISTA, 2020, p. 35)

Para compreender essa dinâmica do historiógrafo com as fontes e a historiografia, adaptamos o quadro de Batista (2020) para elucidar a posição específica do historiógrafo no quadro de trabalho da HL.

**Quadro 3 – Esquema de definição do trabalho do historiógrafo**



Fonte: adaptado de Batista, 2020.

Pelo exposto no quadro 3, é possível apreender a ação da dimensão humana no processo histórico, podendo ser considerada como *conditio sine qua non*<sup>28</sup> para a elaboração da interpretação crítica sobre a história. Validamente, o olhar do historiógrafo incide sobre as fontes, recortando, nesse amplo conjunto de registros, um problema que busca solucionar. Nessa perspectiva, o historiógrafo pode ser comparado ao intérprete que, para mediar a interação de dois sujeitos, transforma a materialidade linguística de um interlocutor, em conteúdo inteligível, para um segundo sujeito. Apenas a visão do estudioso pode formular um problema de investigação atentando para os documentos do passado e, por essa razão, entendemos que “para se fazer História adequadamente, e dentro do que se espera de uma historiografia científica, o que se precisa é assegurar uma espécie de entrelaçamento entre essas duas instâncias” (BARROS, 2019, p. 23).

Nesse tópico, discutimos as qualidades e tarefas necessárias ao pesquisador que seleciona, descreve e interpreta a história da Linguística como atividade de reconstrução analítica. Abordamos a escolha do termo historiógrafo como atitude de demarcação de observação histórica. Dada a importância das três fases que envolvem o investigador no processo de escrita narrativa da história, tratamos do processo de elaboração da narrativa a seguir.

<sup>28</sup> Expressão latina que significa em português brasileiro “condição sem a qual”. Trata-se de uma expressão amplamente utilizada na terminologia legal para expressar uma circunstância ou ação indispensável.

## 2.4 A narrativa historiográfica

O produto final do historiógrafo é, portanto, a narrativa historiográfica ou, simplesmente, uma historiografia. Se entendemos a historiografia como o resultado de uma escrita narrativa, logo toda história é, em realidade, produto de uma reconstrução. Nesse raciocínio, compreende-se que a proposição de uma narrativa sistemática para o leitor, a partir da análise de suas fontes históricas, constitui, portanto, o último passo no trabalho do historiógrafo.

Em termos gerais, a narrativa historiográfica é construída com o estabelecimento de premissas diversas, tendo em vista as fontes, os objetivos do olhar analítico sobre o objeto selecionado, assim como as perguntas feitas a partir das evidências históricas. (cf. Batista, 2021). Para enfrentar questões relativas à dicotomia instaurada no campo disciplinar da história entre objetividade e subjetividade em interpretações históricas, destacamos que a ação do historiógrafo não corresponde a uma observação direta e objetiva das fontes. Tampouco representa a busca da verdade incontestável no registro histórico. Seu posicionamento é ativo e admitido pelas contingências de formação de seu tempo, pelos interesses declarados, assim como pela busca de uma interpretação dos fatos históricos.

A historiografia moderna assistiu a uma mudança de seus pressupostos epistemológicos, após a década de 1960, no que respeita às concepções de interpretação e à função das fontes históricas (BATISTA, 2020). Com efeito, a autoridade das fontes como ressonâncias de uma verdade absoluta é substituída por uma atitude de consideração que admite a multiplicidade de documentos históricos como evidências a partir das quais o historiógrafo deve observar e meditar: “as fontes não seriam meros registros repletos de informações a serem capturadas pelos historiadores, mas também diversificados discursos a serem decifrados, compreendidos, interpretados” (BARROS, 2019, p. 23).

Assim, a tensão da busca pela verdade unívoca se opõe à narração do ponto de vista da interpretação dos fatos históricos pelo pesquisador munido de pressupostos teórico-metodológicos explicitamente formulados, assim:

Compreende-se que a elaboração de uma narrativa historiográfica é circunscrita a seu momento histórico e aos objetivos do historiador/historiógrafo. Essa perspectiva implica ressaltar o caráter da narratividade de uma análise e de um texto históricos, produtos da seleção e da interpretação de um historiador que operou recortes e

definiu parâmetros de análise. Uma atividade historiográfica, portanto, que precisa ser compreendida em meio ao discursivo da produção intelectual (resultante de um ponto de vista) e à necessidade de critérios metodológicos de observação que garantam a natureza científica e não enviesadamente pessoal de uma interpretação sobre eventos da história (BATISTA, 2021, p. 38).

Adotamos aqui a visão segunda a qual os limites da busca pela verdade não devem obliterar o caráter de narratividade do historiógrafo. Tal posicionamento deve encaminhar a uma busca de objetividade relativa ao objeto e objetivos de pesquisa e às delimitações de análise, assegurada pelas fontes confiáveis e operadas com o objetivo de reconstruir o ideário interpretativo do passado linguístico.

Também seguimos a perspectiva de historiografia analítica e complexa delineada nos termos de Batista (2013). Analítica porque almeja iluminar escolhas teóricas e procedimentos metodológicos para o recorte de períodos históricos em consideração. Complexa porque a narrativa historiográfica proposta para esta pesquisa resulta de uma articulação de eixos complementares que se definem como enfoques de dimensões internas e externas, nomeadamente, parâmetros internos e externos de análise.

A função de interpretar os textos, como instâncias de conteúdo e de forma do discurso, i.e., no nível de elaboração cognitiva, atuam na dimensão interna de pesquisa. Em outras palavras, a interpretação poderá focar o conteúdo do texto, suas formas de exposição e suas motivações. Em relação à dimensão externa, interessa recolocar o texto e suas ideias num circuito temporal, dentro de um contexto social, cultural e científico, como parte do processo histórico.

Batista (2013) ainda explica que há certa tendência de observação na forma e no conteúdo do discurso sobre uma ideia, modelo ou abordagem, no enfoque internalista. Os interesses descritivos desse parâmetro são concepções de língua e de linguagem e possibilidades de compreensão e de definição do fenômeno linguístico. À dimensão externalista interessa o “aspecto social como parte do processo histórico de formação e desenvolvimento de uma ciência” (BATISTA, 2013, p. 57). Com todo sentido podemos conceber as dinâmicas sociais e contextuais na dimensão externa, na justa medida em que:

o parâmetro externo diz respeito aos movimentos dinâmicos de uma prática científica, intelectual ou pedagógica (entre outras) inserida em comunidades de pesquisadores e intelectuais, com diferentes processos de institucionalização e suas vinculações com o clima de opinião de uma época e sua inserção cultural, social e política mais ampla (BATISTA, 2021, p. 56).

De todo modo, essa aparente cisão entre interno e externo não deve ser estendida como uma orientação epistemológica no domínio da HL (SWIGGERS, 1990). Não resta dúvida de que cada orientação suscitará diretrizes metodológicas específicas para enfrentar, ora problemas mais ligados ao processo de produção do conteúdo – no caso das historiografias que privilegiam a dimensão interna do conhecimento linguístico – ora para lidar com “outras que privilegiem o contexto em que este conhecimento se produziu” (ALTMAN, 2019, p. 32) – situadas, portanto, no eixo externo da pesquisa.

Como produto, encontramos a menos dois tipos de narrativas historiográficas, caracterizadas, de um lado, por historiografias orientadas para a descrição e explicação do conteúdo das obras, modelos, abordagens e teorias sobre a linguagem e as línguas e, do outro, historiografias orientadas para o contexto de produção, circulação e recepção das ideias linguísticas.

Mais importante do que essas considerações, devemos assumir que as proposições teóricas e metodológicas sobre a linguagem e as línguas são inevitavelmente produzidas em contextos sociais e culturais determinados historicamente, sendo assim, na reconstrução historiográfica, o parâmetro interno implica o externo e vice-versa (ALTMAN, 2019).

Ao adotar uma perspectiva de HL metodologicamente consciente (KOERNER, 2014) do ponto de vista de sua atividade científica (cf. Swiggers, 1980), também precisamos operar com seleções de parâmetros relativos à profundidade de análise e ao formato expositivo dos resultados da investigação historiográfica.

Em linhas gerais, a profundidade da análise se relaciona com diferentes tipos de modelização (SWIGGERS, 2005). Desse modo, as explicações historiográficas variam segundo uma gama de fatores, a saber: o objetivo pretendido e a competência intelectual do pesquisador, o estado da arte do objeto selecionado e a disponibilidade de fontes históricas. Sendo assim, há historiografias factuais, explicativas, descritivo-sintéticas e muitas outras que focam

na coleta de dados ou na disponibilização de dados, enquanto outras embarcam em uma avaliação crítica das conquistas do passado, ou tenta explicar o que aconteceu na história da Linguística (SWIGGERS, 1998, p. 31).

No âmbito desta pesquisa, adotamos um modelo de historiografia sintético-analítico, na medida em que o problema da influência de Paul sobre Saussure foi discutido por KOERNER (1971, 1972, 2008, 2020) do ponto de vista da detecção do



fenômeno, mas, devido a escolhas metodológicas operadas e contingências históricas, o historiógrafo privilegiou em sua análise os aspectos internos do conhecimento linguístico produzido pelos atores sociais. Entendemos que o objeto de nossa investigação parte dessas pesquisas, mas tem como problema a integração de questões de ordem sociológica e contextual que influenciaram distintamente a formulação das propostas de Paul e de Saussure.

Assim como diferentes profundidades geram modelos distintos de historiografia, diferentes escolhas em torno do formato expositivo da análise historiográfica também produzem tipos distintos de narrativas sobre a História da Linguística (SWIGGERS, 1998). Tendo essas considerações em vista, o historiógrafo pode optar por um formato expositivo narrativo<sup>29</sup>, tópico<sup>30</sup> ou axiomático. Para o desenho metodológico desta historiografia, adotamos uma modalidade narrativa, considerando que as publicações de Koerner (1971, 1972, 2008, 2020) já figuram como exemplos de uma historiografia axiomática, apesar disso, também enfocamos aspectos sob os formatos dos dois tipos expositivos supracitados, já que “na prática, muitas vezes se encontra uma combinação de modalidades (e isso em relação aos aspectos estudados pelo historiógrafo) (SWIGGERS, 2005, p. 120)<sup>31</sup>.

No tópico 2.4, meditamos sobre a busca da objetividade relativa ao problema da investigação historiográfica. Discutimos os aspectos de historiografias orientadas para o conteúdo e para o contexto de obras, teorias e modelos, como resultado do estabelecimento de parâmetros internos e externos para a compreensão do conhecimento linguístico produzido em eixos temporais diversos. Considerados como premissas básicas sobre a definição de fontes e dos métodos de análise, tema tratado no tópico a seguir.

## **2.5 Fontes históricas e métodos de análise**

Para evitar a produção de um discurso demasiadamente abstrato sobre os métodos da HL, Swiggers (2005) prefere sugerir que os mesmos procedimentos metodológicos gerais admitidos pelas historiografias de outros campos do conhecimento sejam seguidos pelos historiógrafos da Linguística:

---

<sup>29</sup> Também denominada de modalidade sequencial (SWIGGERS, 1998)

<sup>30</sup> Também denominada de modalidade estrutural (SWIGGERS, 2005).

<sup>31</sup> Tradução nossa de: «en la práctica, se encuentra muy a menudo una combinación de modalidades (y esto en relación con los aspectos estudiados por el historiógrafo)».

os métodos da Historiografia da Linguística são, globalmente, os de qualquer tipo de historiografia (documentação, assimilação crítica e sistemática da documentação, integração num quadro de tratamento historiográfico e confrontação com a literatura secundária) (SWIGGERS, 2005, p. 123).<sup>32</sup>

Relativamente ao método de pesquisa em HL, há certo consenso em torno de uma concepção igualmente abrangente em torno dos procedimentos metodológicos gerais:

um procedimento metodológico é aquele que considera as seguintes etapas: definição de um problema, planejamento da resolução do problema, elaboração de hipóteses para resolver o problema, análise das hipóteses, para comprová-las (ou não), e alcance de explicações de valor conclusivo (BATISTA, 2021, p. 94).

Como resultado da configuração múltipla que as historiografias podem assumir e das perspectivas diversificadas dos historiógrafos, não se pode assumir somente uma diretriz metodológica como válida para todas pesquisas realizada sob o *framework* da HL. Há, pelo contrário, procedimentos gerais de organização do trabalho historiográfico entendidos como fases metodológicas da pesquisa (SWIGGERS, 2019), a saber, i. a fase heurística; ii. a fase hermenêutica<sup>33</sup> e iii. a fase expositiva.

A metodologia heurística envolve o levantamento e estudo dos textos que compõe o *corpus* da pesquisa historiográfica, assim como a documentação bibliográfica dos proponentes das ideias linguísticas e a história textual das fontes de análise. Dito de outro modo, a fase heurística compreende a utilização de técnicas para recuperar informações sobre o objeto estudado (SWIGGERS, 1998). Como metodologia hermenêutica, o historiógrafo deve proceder com a interpretação contextualizada dos textos fundamentada pelo uso de categorias<sup>34</sup> analítico-interpretativas<sup>35</sup>. Nessa etapa, ferramentas descritivas e explicativas são utilizadas para a análise e estratégia do historiógrafo. Na última fase, a metodologia expositiva

---

<sup>32</sup> Tradução nossa de: «los métodos de la historiografía de la lingüística son, globalmente, los de cualquier tipo de historiografía (documentación, asimilación crítica y sistemática de la documentación, integración en un cuadro de tratamiento historiográfico y confrontación con la literatura secundaria)».

<sup>33</sup> Também chamado de nível interpretativo (cf. Swiggers, 2005)

<sup>34</sup> Há uma distinção entre categorias gerais e categorias específicas que deve ser estabelecida na fase da metodologia hermenêutica. Categorias gerais são conceitos da metodologia geral para a historiografia e outros campos do conhecimento, enquanto categorias da metodologia específica são conceitos que constituem a metodologia específica de cada investigação historiográfica (SWIGGERS, 2013).

<sup>35</sup> Swiggers (2013, p. 45) destaca que a interpretação implica uma dimensão comparativa “porque (quase sempre) se trata de relacionar conceitos, autores/modelos”

ou executiva<sup>36</sup> é a etapa em que o historiógrafo constitui sua explicação histórica e a sintetiza, etapa que implica a demonstração dos resultados da investigação por meio de uma narrativa sistemática da História da Linguística.

Para discorrer sobre as formas de estruturação da historiografia, Swiggers (2017) aponta duas tendências de periodização da pesquisa em HL, uma abordagem minimalista ou externa e outra interna ou maximalista. A segmentação minimalista concebe a periodização puramente como uma prática instrumentalista, operando, assim, com períodos de tempo convenientemente definidos, tais como os termos ‘Linguística histórico-comparativa’, usado, por exemplo, para se referir aos estudos realizados no século XIX. A tendência interna ou maximalista tenta fornecer razões próprias para a escolha dos termos da periodização, justificando, assim, o recorte temporal, como, por exemplo, dos termos sincronia e diacronia remontam ao período em que Saussure leciona os três cursos de Linguística geral, nos anos de 1907 a 1911.

Ao abordar a relevância da fase heurística, Swiggers (2005) insiste sobre a importância das fontes marginais na pesquisa historiográfica ratificando o

grande valor de fontes muitas vezes consideradas "marginais", mas que podem lançar luz sobre a evolução nas concepções de um autor, sobre atitudes não (e nunca) explícitas, sobre oposições entre autores e escolas, sobre dúvidas de um autor: são textos manuscritos, como resenhas de comitês científicos de concursos e premiações, ou fontes orais (como entrevistas; palestras). Estes documentos permitem não só uma melhor compreensão dos autores e das suas obras publicadas, mas também dos processos fundamentais no desenvolvimento das ideias linguísticas. A essas fontes (marginais, ou melhor, marginalizadas) devemos acrescentar a literatura de recepção (SWIGGERS, 2005, p. 124)<sup>37</sup>.

Ainda sobre a metodologia heurística, uma consideração teórica e metodológica a ser observada diz respeito à definição das fontes históricas utilizadas para construção das narrativas historiográficas. Como discutido no tópico **2.2 História da Linguística e Historiografia Linguística**, a definição de fonte histórica ocupa um lugar central na investigação crítica do conhecimento linguístico produzido

<sup>36</sup> Essa fase da metodologia pode ser denominada também de metodologia da escrita da história ou fase executiva ou reconstrutivo-sistemático (SWIGGERS, 2005, 2012, 2013).

<sup>37</sup> Tradução nossa de: «gran valor de fuentes que muy a menudo se consideran como "marginales", pero que pueden arrojar luz sobre la evolución en las concepciones de un autor, sobre actitudes no (y nunca) explicitadas, sobre oposiciones entre autores y escuelas, sobre dudas de un autor: se trata de textos manuscritos, como reseñas de comitês científicos para concursos y premios, o de fuentes orales (como entrevistas; lecciones). Estos documentos no solo permiten una mejor comprensión de autores y de sus obras publicadas, sino también de procesos fundamentales en el desarrollo de ideas lingüísticas».

no passado. Tomadas como campos de evidência, as fontes ou documentos históricos são os textos escritos de todos os tipos. Através dessa documentação, o historiógrafo recolhe evidências para elaborar sua interpretação do passado e, inversamente, é a perspectiva teórica e analítica do pesquisador que pode caracterizar uma determinada fonte como pertinente ou não para a análise. Em outras palavras, as motivações do historiógrafo em seu momento presente permitirão a ele conceber as fontes históricas específicas do passado em função das demandas do presente e, evidentemente, da documentação disponível que possa servir de fonte para a historiografia pretendida.

Quanto à tipologia de fontes, encontramos uma clara divisão entre fontes canônicas e fontes marginais. Swiggers (2019) oferece um elenco de fontes tipicamente reconhecidas como canônicas, a saber: gramáticas, dicionários, monografias temáticas, manuais de introdução a campos do conhecimento específicos, livros didáticos. Por outro lado, o conjunto de fontes marginais abrange correspondências, diários, registros de pesquisa, anotações de aula, biografias, autobiografias e entrevistas. Ao tratar da diversificação de fontes históricas, Batista (2021) adverte que:

rever essa configuração das fontes pode levar a historiografias mais críticas, uma vez que se distanciam de abordagens tradicionais que tendem a privilegiar o que é considerado canônico na transmissão de informações e dados sobre o conhecimento linguístico (BATISTA, 2021, p. 59)

Seguindo esse raciocínio, podemos compreender que a posição histórica das fontes se deve uma mobilidade relativa ao problema delimitado pelo historiógrafo. Sendo assim, a seleção de documentos históricos considerados como fontes marginais podem ser concebidos como canônicos a depender do ponto de vista do pesquisador e do alcance interpretativo esperado pela narrativa historiográfica.

No processo de seleção de fontes, o historiógrafo precisa lidar ainda com o parâmetro de posição dos documentos no conjunto de fatos históricos que precisa observar porque “avaliar a posição da fonte em relação ao processo histórico a que ela dá acesso é de fato a primeira ação e tomada de consciência a ser empreendida pelo historiador diante de suas possibilidades documentais” (BARROS, 2019, p. 31). Aqui, opções de seleção de critérios precisam ser operadas no âmbito das fontes diretas e fontes indiretas.

Entendemos que o contraste entre fontes diretas e indiretas não é absoluto. Essa classificação está à serviço do objeto em vista, mas traduz uma possibilidade de qualificar a documentação de acordo com os processos de transmissão e intermediação desses materiais, em outras palavras, uma fonte indireta seria aquela que comparece ao seu objeto por intermédio de um ou mais sujeitos, situada, dessa maneira, “em uma cadeia documental, testemunhal ou informativa entre o historiador e um primeiro documento” (BARROS, 2019, p. 32). Uma fonte direta, por outro lado, não ofereceria nenhum tipo de interposição, pois o acesso a fonte ocorre diretamente<sup>38</sup>.

Um segundo aspecto capital da fase hermenêutica é a categorização ou a definição de conceitos utilizados como unidades de classificação e como forma de comunicação com o leitor da historiografia tendo em vista que “o reconhecimento de que essas categorias, como obra humana, podem ser concebidas de várias maneiras, é o que torna o diálogo entre historiadores possível e essencial” (PERELMAN, 1969, p. 146)<sup>39</sup>. Nesse sentido, a fase interpretativa da pesquisa não pode prescindir de categorias de análise para organizar a reflexão historiográfica. Para alcançar inteligibilidade na descrição histórica, a fase heurística prevê

um exercício de “categorização”: a categorização do historiógrafo diz respeito às visões mais ou menos explícitas, abordagens conceituais, estratégias descritivas, bem como pressuposições que podem ser recuperadas dos textos de origem (SWIGGERS, 2012, p. 43).<sup>40</sup>

Esse exercício de categorização do historiógrafo, porém, suscita, em realidade, um exercício de meta-categorização, pois envolve dificuldades específicas para a interpretação, na medida em que seu objeto – o conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas – tem essa característica de se apresentar para o pesquisador como produto de tentativas de categorização. Com efeito, os objetos teóricos da Linguística são criações elaboradas em termos de conceitos, modelos, estruturas e, por essa razão, Swiggers (2013, p. 12), adverte que a categorização do

---

<sup>38</sup> Barros (2019, p. 32) reflete sobre a natureza dessa classificação e assinala que a parcialidade dessa definição “relaciona-se ao fato de que várias fontes ou documentos narrativos podem ser tratado de um lado como ‘testemunhos de uma época ou situação’ e, de outro lado como ‘discursos daquela mesma época’.

<sup>39</sup> Tradução nossa de: «C’est l’usage indispensable de catégories et la reconnaissance du fait que ces catégories, en tant qu’œuvre humaine, peuvent être conçues de diverses façon, qui rendent le dialogue entre historiens à la fois possible et indispensable».

<sup>40</sup> Tradução nossa de: «an exercise in “categorization”: the historiographer’s categorization concerns the more or less explicit views, conceptual approaches, descriptive strategies as well as presuppositions that can be recovered from the source texts».

*corpus* exige que o historiógrafo “proceda com uma categorização (de nível mais elevado) que se estende a produtos históricos que são o resultado de atividades de categorização”.<sup>41</sup>

Batista (2021, p. 98) acertadamente denomina o tema dos métodos em HL como “objeto de discussões”. Especificamente sobre as diretrizes metodológicas que podem orientar a pesquisa em HL, entendemos que elementos práticos da metodologia da pesquisa historiográfica não são compreendidos como orientações rígidas e normativas aceitas por todos praticantes dessa especialidade. Ademais, os procedimentos tendem a ser selecionados em função dos objetos de investigação e dos problemas elaborados pelo pesquisador. Adotamos nesta pesquisa um ordenamento de etapas possíveis que abrangem o percurso integral do trabalho do historiógrafo, elaborado por Batista (2021), tais como demonstrado no quadro abaixo:

**Quadro 4 – Diretrizes metodológicas da pesquisa em Historiografia Linguística**

<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA</b>	
1ª tarefa	Definição de um tema e de marcos temporais que determinam a inserção histórica das ideias linguísticas a serem analisadas e interpretadas; esse procedimento define, portanto, a periodização que orienta o trabalho do historiógrafo.
2ª tarefa	Seleção da documentação histórica a ser analisada (as fontes primárias, o mais variadas possível) acompanhada da seleção das fontes secundárias, que, dentre outras funcionalidades, possibilitam a reconstrução e inserção da documentação em um clima de opinião.
3ª tarefa	Definição dos parâmetros internos e externos de análise (considerados em inter-relação constante; ainda que sejam possíveis historiografias que privilegiem apenas uma das dimensões).
4ª tarefa	Inserção dos documentos históricos em um clima de opinião.
5ª tarefa	Abordagem dos documentos históricos em sua constituição textual e discursiva, com o cuidado para evitar interpretações anacrônicas.
6ª tarefa	Estabelecimento de correlações entre os documentos históricos e outras fontes que devem garantir uma interpretação abrangente e procedente do ponto de vista crítico.
7ª tarefa	Articulação de descrições e interpretações historiográficas dos

<sup>41</sup> Tradução nossa de: «proceed to a (higher-level) categorization extending over historical products which are the result of categorizing activities».

	documentos sob análise.
8ª tarefa	Elaboração da narrativa historiográfica mais apropriada para o documento histórico sob análise.
9ª tarefa	Proposição de síntese de alcance interpretativo que possibilitem o estabelecimento de eixos de continuidade e descontinuidade dos aspectos destacados na fase hermenêutica.
10ª tarefa	Organização dos modos de apresentação da historiografia elaborada pelo historiógrafo, consciente de seu papel ativo em relação a uma abordagem de natureza objetiva relativa dos documentos históricos que lhe possibilitaram a proposta historiográfica.

Fonte: Batista, 2021.

Podemos depreender que as tarefas 1, 2 e 3 compreendem a metodologia heurística (SWIGGERS, 2013) e se associam ao princípio de contextualização (KOERNER, 2014), enquanto a tarefa 4 marca, de acordo com o quadro estabelecido, o início da metodologia hermenêutica, previsto, também, nas tarefas 5, 6 e 7. Essas tarefas atendem ao segundo princípio, a imanência. Logo os passos 8, 9 e 10 fazem parte da metodologia expositiva e seguem o princípio de adequação.

Como pode ser percebido, esse quadro de detalhamento de passos metodológicos a serem seguidos para realização da pesquisa historiográfica não deve ser encarado como uma regra mandatória para todas as pesquisas em HL. Pelo contrário, deve ser entendido como guia, sua função é fornecer diretrizes metodológicas para a construção de etapas nas investigações sobre a história da Linguística levando-se em consideração os problemas e objetos históricos definidos.

Com a síntese dos fundamentos teóricos e metodológicos da HL, entendida como especialidade das ciências da linguagem, seguimos para a próxima seção, intitulada *O argumento da influência em Historiografia Linguística*, em que apresentamos os índices para o tratamento da influência na investigação historiográfica tendo em nosso horizonte a revisão da bibliografia de publicações científicas circunscritas à influência de Paul sobre Saussure. Por fim, definimos os conceitos de Clima de opinião (BECKER, 1932) e de Cinosura (HYMES, 1974) como categorias analítico-interpretativas capazes de fornecer elementos de alcance crítico e interpretativo para o problema de pesquisa.

### 3 O TRATAMENTO DA INFLUÊNCIA EM HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Há uma série de diálogos que se estabelecem num trabalho científico e intelectual, ainda que não resultado de um posicionamento intencional de um autor, mas, sim, resultado da prática de produção de conhecimento se constituindo em torno de argumentos de autoridade e de dados certificados (BATISTA, 2020, p. 64).

Esta seção estabelece conexões com os pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos na seção precedente, tendo como horizonte o enfrentamento da investigação da influência em HL. Para tanto, refletimos sobre os índices para o tratamento desse fenômeno e recenseamos as análises historiográficas empreendidas por Koerner (1971, 1972, 2008 e 2020) para inserir o problema em um quadro de referência teórica relevante. Por fim, definimos os conceitos de Clima de opinião (BECKER, 1932) e de Cinosura (HYMES, 1974) como categorias analítico-interpretativas capazes de fornecer elementos de alcance crítico e interpretativo para o problema de pesquisa.

Organizamos essa seção em três tópicos: 3.1 O problema teórico e metodológico do fenômeno da influência; 3.2 Dialogando com a Historiografia da Ciência: o Clima de opinião e 3.3 Conversando com a Metodologia da Historiografia Linguística: a Cinosura.

#### 3.1 O problema teórico e metodológico em torno do fenômeno da influência

Apresentamos neste tópico o problema relativo ao tratamento da influência na investigação historiográfica em ciências da linguagem dos pontos de vista teórico e metodológico. Refletimos criticamente a respeito dos índices elaborados por Koerner (1987) tendo em nosso horizonte o problema da influência de Paul sobre Saussure.

Em seu texto seminal intitulado *O problema da Influência em Historiografia da Linguística*, Koerner (1987) discute o problema do estudo da influência no campo da HL e afirma haver certo uso indiscriminado do termo, ressaltando a importância de se desenvolver critérios para a sua aplicação adequada (KOERNER, 1987, p. 101). Em realidade, o historiógrafo acusa a maior parte que alegam a existência de uma influência sem definir exatamente o termo supracitado, tomando-o como conveniente



na argumentação como se existisse um acordo tácito acerca de seu significado (KOERNER, 1987, p. 1).

O termo 'influência', tal como é frequentemente empregue nos escritos que tratam de história da linguística, é, na melhor das hipóteses, um termo mal definido e, na pior das hipóteses, um argumento conveniente que pode apanhar um opositor desprevenido: pode haver uma desconfiança encoberta de que não se trabalhou bem e de que outros descobriram alguma relação em que não se tinha pensado antes (KOERNER, 1987, p. 1).

A rigor, Koerner (1987) também não fornece nenhuma definição conceitual para o termo influência, como ele mesmo afirma em seu texto. Sua contribuição pode ser caracterizada como epistemológica e, mais especialmente, como uma forma de desenvolver critérios para detecção, ou seja, direções de caráter metodológico, na medida em que fornece índices de análise para o tratamento do fenômeno da influência na história da linguística, admitindo haver a necessidade de maiores contribuições teóricas. Em suma, as observações concernem à questão da influência do ponto de vista de sua detecção ou refutação, mas não concernem especificamente à natureza, nem às e especificidades sobre as quais as influências podem se desenvolver.

Com efeito, Cavalieri (2020, p. 137) acertadamente reconhece que parte da dificuldade do termo está condicionada pelos múltiplos usos sociais que dela são proferidos e conclui que “a tarefa de conceituar influência enfrenta o óbice de sua polissemia nos vários contextos em que o termo se usa na sociedade contemporânea”. Como consequência dessa imposição, o historiógrafo pode vir a enfrentar contratempos em seu estudo.

Swiggers (2010) se refere ao termo influência como parte do aparato terminológico da HL direcionado ao estudo de linhas de evolução do pensamento linguístico, mais especificamente, para tratar de relações entre os agentes sociais nos processos históricos que se desenvolvem no tempo. Como tentativa de definição. Nessa mesma direção, Batista (2020) define influência como:

Operação cognitiva que afeta cientistas e intelectuais, que são influenciados por leituras, professores, colegas, práticas de pesquisa. Essa influência pode se manifestar de forma direta ou indireta nos trabalhos dos pesquisadores. (BATISTA, 220, p. 112).

É por essa circunstância polissêmica que Koerner (1987) aponta que o sentido e a importância dispensadas ao termo 'influência' pode variar

consideravelmente em cada pesquisa. Com efeito, um dos perigos no estabelecimento de uma suposta influência é sustentar a visão subjacente de que ao autor-fonte cabe uma posição de superioridade em relação ao autor-alvo, deixando subjacente a pressuposição de uma relação de anterioridade hierárquica ou de submissão ideológica (CAVALIERI, 2020). Como resultado do tipo de abordagem empregada e argumentação desenvolvida, relações de dependência ideológica entre atores sociais podem ser sugeridas.

Em relação à abordagem positivista de Koerner, verifica-se que sua argumentação segue uma perspectiva bastante factual na qual a comprovação empírica dos dados efetivos permita ao historiógrafo reconhecer a força de uma influência demonstrada pela semelhança de dois textos. Em todo o caso, Koerner (1987) oferece um conjunto de diretrizes metodológicas tomadas como índices para a confirmação da interpretação de influência no desenvolvimento da história da linguística, a saber, i. o 'background' do autor, ii. a fonte textual e iii. o reconhecimento público.

Assim, quando se busca estabelecer conexões que podem evidenciar uma influência, o 'background' do autor pode dar índices pertinentes para "conduzir a provas (frequentemente inconscientes) de empréstimo, integração e assimilação de particulares ideias, conceitos ou teorias" (KOERNER, 1987, p. 101). Como afirmado, a questão da natureza e dos tipos de influência não são discutidos na exposição do historiógrafo, logo não há espaço para discussões sobre a influência inconsciente. Cabem no escopo desse índice diversificados aspectos relativos aos antecedentes do ator social, tais como a tradição familiar, escolaridade, primeiros estudos, interesses pessoais e ocupações durante os anos de formação que podem ser observados em fontes pessoais e públicas, por exemplo, papéis de família, correspondências, currículos escolares, cursos universitários frequentados.

O segundo índice é denominado de prova textual, i.e., a comparação textual ou paralelo textual que, como a escolha meta-terminológica deixa entrever, pressupõe um caráter positivista de comprovação sugerido pelo termo 'prova'. Esse critério tem mais importância para alegar a favor do argumento da influência do que o índice de antecedentes, quando é possível o estabelecimento de paralelos textuais entre elementos das fontes supostamente relacionadas. Para a utilização de provas textuais como índices de influência, entende-se que o papel desse índice na investigação historiográfica é o de situá-lo como parâmetro interno do conhecimento

linguístico, uma vez que a comparação textual se centra em torno do cotejo de modelos, teorias e conceitos cognitivos.

Por fim, o último índice é o reconhecimento público e deve ser considerado como a evidência mais importante das três para alegar uma influência, pois provam uma relação a partir de “referências diretas de um autor às obras de outros” (KOERNER, 1987, p. 102). Contudo, a referência direta deve ser associada ao exercício de comparação textual que se pode fundamentar a influência com esse índice, dado que “por si só não provem muito” (KOERNER, 1987, p. 102). Em outras palavras, o valor do reconhecimento público deve ser mensurado em articulação com a fonte textual, conseqüentemente, interpretado como referências explícitas e diretas a componentes da obra de determinado ator social que devem ser verificadas no plano da comparação entre textos. Por outro lado, Koerner, não deixa entrever se as referências diretas podem ser utilizadas somente se tiverem composição elogiosa ou não, isto é, se revelarem admiração.

Pelo que propõe o historiógrafo, devem ser analisadas as formações intelectuais, comparações textuais e redes de referências visíveis em citações textuais para identificar um processo histórico de influência. Convém expressar que ‘influência’ não implica necessariamente semelhança, como visto que “também pode incluir uma reação contra algo que não teria sido produzido sem a existência da fonte” (VEERGESTCH, 1990, p. 201).

Quanto tomados como índices metodológicos, as diretrizes koernianas poderiam contribuir para o tratamento metodológico da ‘influência’ do ponto de vista de sua detecção, a fim de evitar interpretações frouxamente estabelecidas, cujo valor hermenêutico pode ser questionável, mas não representam todas as possibilidades de tratamento do fenômeno. Apesar disso, há uma certa importância reduzida para o espírito do tempo como elemento de influência, pois pode levar a uma “interpretação tão ampla de ‘influência’ que pode não ser muito satisfatória e provavelmente não será muito significativa” (KOERNER, 1987, p. 101).

Considerando o espaço em que se situa nosso problema dessa pesquisa, a questão da influência de Paul sobre Saussure, na esfera institucional das ideias científicas, destacamos que, em certos casos, o influenciado pode seguir efetivamente as ideias do influenciador em função de fatores bastante diversos que não se reduzem ao livre arbítrio e à crença científica por “convicção de que está no caminho certo para o sucesso em sua atividade profissional” (CAVALIERI, 2020, p.

138). Pelo contrário, Veergestch (2000) mostra que a ênfase da influência não reside na força compulsória do influenciado, mas na forma em que ideias, pensamentos e opiniões podem afetar o pensamento do influenciado. É nessa medida que nem toda influência resulte de contatos efetivos estabelecidos, mas também, de um contexto mais expandido, “o clima de opinião (o contexto histórico, social, ideológico, político, cultural) concernente ao momento de produção de um trabalho que trata de aspectos e fenômenos linguísticos” (BATISTA, 2013, p. 94).

Uma vez considerado que os historiadores estão interessados com os contextos de produção, circulação e recepção do conhecimento linguístico, o ambiente intelectual pode ter valor explicativo, na justa medida em que, como paradoxalmente apontado por Koerner (1987, p. 2), para “determinar o que tornou as propostas diferentes das que os antecederam e tão importantes para as gerações de investigadores subsequentes”.

Cavaliere (2020) também adverte que, ao olhar para a influência somente do ponto de vista da relação de linguistas, entre influenciador e influenciado, ignoram-se aspectos invisíveis que atravessam as práticas e interesses dos cientistas, procedendo, assim, com o apagamento de relações outras desenvolvidas verticalmente, como aquela produzida por grupos científicos em Instituições de Ensino Superior. Nesses contextos de práticas científicas, desenvolvem-se relações de dependência de ideias de um orientador para com seu estudante orientado com a finalidade de construir integração, assim “ocorre a necessidade de participação em grupos de pesquisa [que] constitui um imperativo para o crescimento profissional do jovem investigador (CAVALIERI, 2020, p. 139).

Ideologicamente, o efeito dos grupos científicos de elite é o sucesso e essa medida não são apenas as “boas ideias” (KUHN, 2017 [1962]) que garantem a aceitação pela comunidade científica, pelo contrário, esclarece Murray (1994, p. 22), que “o sucesso na competição de ideias depende mais da formação de um grupo do que da qualidade intrínseca (livre de contexto) das ideias”<sup>42</sup>. É com razão que, como força ideológica, integrar-se a um grupo significa fazer “um nós, no sentido de que os membros têm opiniões, tomam atitudes comuns e, em virtude disso, mantêm-se unidos perante os que deles diferem” (PARSONS, 1963, p. 51). Outro critério a se considerar em inter-relação com a integração do pesquisador a grupos científicos no

---

<sup>42</sup> Tradução nossa de: success in the competition of ideas depends more on the formation of a group than on the intrinsic (context-free) quality of the ideas.

escopo do estudo da influência é a posição profissional de atores individuais, uma vez que, em muitos casos, trata-se de recompensas geradas pelo acesso ao reconhecimento:

O reconhecimento por pares dentro de um campo é pré-requisito para recompensas mais tangíveis, como mobilidade (seja para cima de dentro de uma instituição ou para o que parece ser uma posição melhor em outro lugar (MURRAY, 1994, p. 20).

Em sentido amplo, a posição profissional refere-se à avaliação prestigiosa ou não da carreira do suposto influenciador pelo influenciado, inclusive do acesso ao reconhecimento público almejado pelo influenciado ao se alinhar às ideias do primeiro. Importa, assim, considerar as possibilidades de acesso ao reconhecimento público, tendo em vista que a mobilidade de carreira pode ser concebida como fator decisivo para seguir o influenciador. Assim, percebe-se que:

Outros fatores ingressam nessa arquitetura da influência acadêmica, entre eles o prestígio do influenciador, fator que acaba por revestir suas ideias científicas de credibilidade suficiente para cooptar pesquisadores que supõem estar influenciados por suas ideias científicas, razão por que, no campo das atividades grupais, pode-se falar em uma (não necessária) influência induzida por fatores alheios à genuína identidade ideológica entre o *ego* [influenciador] e o *alter* [influenciado] (CAVALIERI, 2020, p. 139 itálico no original e meus comentários).

Nesse sentido, Batista (2020) propõe uma observação sobre os diferentes tipos de diálogo estabelecidos no processo histórico e assinala que:

Há uma série de diálogos que se estabelecem num trabalho científico e intelectual, ainda que não resultado de um posicionamento intencional de um autor, mas, sim, resultado da prática de produção de conhecimento se constituindo em torno de argumentos de autoridade e de dados certificados (BATISTA, 2020, p. 64)

Por fim, convém advertir que a questão da influência científica foi tratada por Koerner (1987) no plano dos atores sociais, ou melhor, no nível de comparação dos produtos históricos legados nos textos-fonte e textos-alvo orientado por uma “concepção de influência que implica a existência de personagens individualizadas, o *influenciador* e o *influenciado* (CAVALIERI, 2020, p. 143 itálico no original). Consideramos que a relativização de aspectos do Clima de opinião (BECKER, 1932) e de dinâmicas sociológicas implicadas no processo de produção de conhecimento científico pode reduzir as possibilidades de interpretação do escopo do fenômeno em questão.

No contexto das pesquisas de revisão de fontes de inspiração de Saussure, surgidas nas décadas de 1960 e 1970, Koerner (1971)<sup>43</sup> levantou a hipótese de uma interação intelectual que Paul teria exercido em Saussure (KOERNER 1972, 2008<sup>44</sup>, 2020<sup>45</sup>) ao insistir sobre a existência de uma relação de influência desenvolvida no final do século XIX, período em que o linguista genebrino começa a elaborar suas ideias sobre a Linguística geral. Como se sabe, essa abordagem do conhecimento de ideias gerais sobre o fenômeno linguístico será conhecida publicamente após a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1970).

Além das investigações de Koerner, não foram encontradas pesquisas que verssem diretamente sobre a relação de influência entre a produção linguística de Paul e a Linguística geral de Saussure. No total, cinco trabalhos do historiógrafo versam exclusivamente sobre o tema da influência de Paul sobre Saussure. Tomados como marcos de referência para exposição e desenvolvimento dessa tese, encontramos outros trabalhos que mencionam brevemente a suposta dependência de ideias dos atores sociais. Na realidade, há algumas passagens em seus escritos que fazem referência à suposta interação intelectual entre Paul com Saussure alhures e marginalmente em outros trabalhos relativos à produção saussuriana<sup>46</sup>.

Por mais de quarenta anos, Koerner perseguiu a tese e parece ter convencido os leitores que, de modo tácito ou explicitamente, tomaram a interpretação como canônica, em vista dos elementos e argumentos fornecidos pelo historiógrafo. Apesar de seu grande serviço, identificamos oscilações no cotejo dos trabalhos<sup>47</sup> supracitados, sugerindo algumas modificações e ampliações na estrutura geral. No quadro abaixo, fazemos uma síntese das pesquisas de Koerner a respeito da influência de Paul sobre Saussure.

---

<sup>43</sup> Encontra-se no capítulo de sua dissertação *Hermann Paul and his Principles of Language Study* na Dissertação para obtenção do título de PhD sob o nome *Ferdinand de Saussure: Origin and Development of His Linguistic Thought in Western Studies of Language: A contribution to the history and theory of to the history and theory of linguistic* e defendida em novembro de 1971. A dissertação foi publicada no formato de livro (Koerner 1971a).

<sup>44</sup> Contudo, a primeira página do artigo científico informa que o trabalho foi aceito no dia 13 de outubro de 2006.

<sup>45</sup> Publicado na última coletânea de textos intitulada *Last Papers in Linguistic Historiography* antes de seu passamento em 6 de janeiro de 2022. Neste texto, Koerner apresenta três fontes manuscritas e Saussure que fazem referência ao trabalho linguístico de Paul, notadamente os *Princípios*, dentre elas, uma correspondência datada do ano de 1880, um texto manuscrito datado em 1883 e uma terceira anotação sem datação. Esses materiais não receberam nenhuma análise pormenorizada, figurando, principalmente, como confirmação do índice metodológico – a referência direta e textual – em vista da análise historiográfica já realizada (KOERNER, 1971, 1972, 2008).

<sup>46</sup> Ver Koerner (1987).

<sup>47</sup> Escolhas metalinguísticas para tratar das aproximações podem ser facilmente recuperadas na leitura dos textos.

**Quadro 5 – Síntese dos trabalhos de Koerner sobre a influência de Paul sobre Saussure**

<b>Título</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Ano de publicação</b>
<i>Hermann Paul and his Principles of Language Study</i>	Livro impresso	1971
<i>Hermann Paul and Synchronic Linguistics</i>	Periódico impresso	1972
<i>Hermann Paul and general linguistic theory</i>	Periódico digital	2008
<i>Hermann Paul, Saussure and general linguistic theory</i>	Livro impresso e digital	2020

Fonte: o autor, 2022

Em todos os trabalhos apresentados, o argumento central se repete: a obra teórica de Paul deve ser reconhecida como fonte de inspiração fundamental para o desenvolvimento da abordagem de Linguística geral de Saussure, antecipando sob diversos aspectos, elementos teóricos conhecidos através do CLG. Nesse raciocínio, Paul pode ser concebido como precursor da abordagem sincrônica nos estudos da linguagem, uma vez que aspectos teóricos e gerais semelhantes àqueles formulados por Saussure podem ser recuperados nos *Princípios*.

Considerando a extensa produção de Koerner, não se pode ignorar que sua narrativa historiográfica possibilitou recolocar a produção intelectual de Paul em contexto histórico. Muitas de suas contribuições fornecem um panorama bastante significativo sobre a história editorial dos *Princípios*, as interações acadêmicas de Paul, quando da elaboração de seu livro, assim como a circulação e recepção do texto, além de certas indicações do clima de opinião da ciência da linguagem, no último quartel do século XIX.

Um dos méritos da extensa pesquisa de Koerner para com a comunidade de linguistas e historiógrafos foi incalculável. Em suas pesquisas, Koerner apresenta aspectos gerais de caráter teórico da abordagem de Paul. Sua pesquisa sobre a interação de Paul com Saussure permitiu evidenciar aproximação histórica entre atores sociais. Por essa e certamente razões de ordens outras, a comunidade acolheu a tese de Koerner.

Outro mérito de Koerner foi o de apresentar novos documentos (KOERNER, 2020), - a correspondência de Saussure enviada a Paul -, comprovando, assim, ter

recebido uma cópia da primeira edição dos *Princípios*. Falamos em ‘mérito’ considerando que, inevitavelmente, Koerner coloca o pensamento linguístico de Paul em uma linha de atualização, em vez de aceitar a descontinuação radical proposta em manuais introdutórias da Linguística, oferecendo, assim, HL um modo interpretativo de olhar para os dados, como releva seu desejo de “reabilitar o trabalho de Paul à luz de sua contribuição para a teoria linguística moderna” (KOERNER, 1972, p. 275).<sup>48</sup>

Por outro lado, nesse tipo de trabalho é muito fácil deixar-se levar pela aparente semelhança na defesa de determinadas ideias. Koerner, por exemplo, tenta compelir o leitor a aderir sua interpretação com aproximações de Paul com Saussure, demonstrando semelhanças por meio de comparações. Diante dessa afirmação, torna-se possível compreender que o interesse de Koerner recai sobre reflexões gerais de Paul e de Saussure, principalmente, às definições teóricas que encaminham à conceitos e noções definidas em termos dicotômicos, tais como a distinção entre Linguística histórica e Linguística descritiva e *langue* e *parole*. Assim, Koerner compara os pares de conceitos saussurianos com termos supostamente equivalentes elaborados por Paul.

Ademais, o historiógrafo concentra seus esforços em torno de definições teóricas e, em menor número e importância, aos elementos externos relativos ao contexto de produção dos conhecimentos linguísticos. Esses aspectos são comprimidos em observações ilustrativas apesar da necessidade de tomá-los como mais do que meras causalidades históricas. O propósito da análise de Koerner é precisamente de explicar os pontos de contato das abordagens com a ajuda de suas diretrizes metodológicas, embora não desenvolva muitas ideias explicitamente a respeito do ‘background’ dos linguistas, nem dos contextos específicos em que as propostas foram desenvolvidas.

Alternativamente, Koerner também contribui com uma reflexão historiográfica sobre possíveis motivações que podem ter acarretado na identificação de Paul como o grande apóstolo historicista. Essa discussão tem sua origem na pesquisa historiográfica a respeito da origem e do desenvolvimento do pensamento saussuriano que Koerner desenvolveu entre 1969 a 1971 como reação ao tipo de

---

<sup>48</sup> Tradução nossa de: «rehabilitate the work of Hermann Paul in the light of his contribution to modern linguistic theory».



estudo de história da linguística que se fazia entre as décadas de 1870 e 1880 cuja inspiração se baseou no modelo da linguística cartesiana de Chomsky.

Koerner (2008) afirma que o apagamento de Paul nas historiografias fez do linguista germânico “o notório apóstolo do historicismo ao apagarem convenientemente os aspectos ‘estruturais’ da sua teorização” (KOERNER, 2008, p. 110), isto é, sua reflexão teórica sobre as línguas do ponto de vista da descrição linguística. Essa perspectiva de apagamento de Paul em historiografias pode ser rastreada desde Pedersen (1962)<sup>49</sup> que menciona o autor *en passant* em referência ao trabalho de filologia germânica e ignora os *Princípios*.

Outra forma de fazer menção é atribuir a Paul o lugar de maior representante da perspectiva historicista em Linguística, ao recolher a passagem notória que ratifica sua visão de que a ciência da linguagem, para ser científica, deve adotar uma orientação exclusivamente histórica, procedendo, assim, ao apagamento do restante de suas reflexões sobre a Linguística geral. No prefácio à segunda edição dos *Princípios* (1886), Paul dirige suas respostas à discussão crítica proposta por Mistelli (1886), afirmando que a análise histórica seria a única perspectiva de trabalho cientificamente válida em Linguística<sup>50</sup>. Tal visão já poderia ser encontrada na edição de 1880 (cf. Koerner, 1971).

Como síntese, podemos reunir as três representações de Paul e seu livro nas historiografias modernas associados, a saber, i. às concepções teóricas e metodológicas do quadro de trabalho neogramático; ii. à defesa da orientação histórica da língua como único tratamento válido em Linguística e iii. a referência para a formação de linguistas na tradição de pesquisa histórico-comparativa nas primeiras décadas do século XX. Pelo exposto, o historiográfico critica as narrativas históricas publicadas anteriormente e reitera que essa perspectiva de Paul foi repetida por outros (por exemplo, Mounin, 1967, p. 210), (Robins, 1983 [1967], pp. 209-210), que

não tinham mais nada a dizer sobre um estudioso que exerceu uma forte influência sobre o pensamento linguístico na Europa e na

<sup>49</sup> Pedersen publica seu livro intitulado *Sprogvidenskaben i det Nittende Aarhundrede*. Metoder og Resultater em dinamarquês, no ano de 1924. Koerner se refere à versão inglesa do texto publicado com o título *The Discovery of Language: Linguistic Science in the Nineteenth Century* (1962).

<sup>50</sup> A passagem foi publicada na segunda edição dos *Princípios* como resposta às críticas recebidas pela ênfase dada à orientação histórica e às contradições internas dos argumentos de Paul. Percebemos aí que já havia resistência em torno da ideia defendida de exclusividade da orientação histórica para o tratamento científico das línguas.

América entre 1880 e 1920, período durante o qual cinco edições de seu *Princípios* apareceram (KOERNER, 2008, p. 103).

Para ele, as histórias da Linguística publicadas nas décadas de 1960 e 1970 ignoraram o reconhecimento da diferença da perspectiva histórica em relação à abordagem descritiva já estabelecida nos *Princípios*: “na verdade, Paul se mostrou muito ciente das diferenças fundamentais entre o que agora chamamos de abordagem sincrônica e diacrônica para a análise da linguagem” (KOERNER, 2008, p. 110). De fato, as historiografias modernas repetem quase indistintamente as contribuições de Paul a partir de documentação secundária e terciária.

Opondo-se a essa representação historiográfica, Koerner parte da premissa historiográfica de que seria preciso considerar Paul como um Linguista geral, nessa instância, significa considerar sua abordagem descritiva ao lado da investigação da investigação histórico-comparativa, na medida em que se encontram aspectos não-históricos no texto de 1880. Dessarte, três distinções são destacadas pelo historiógrafo, a saber: i. a perspectiva descritiva de análise linguística em oposição à perspectiva histórica, assim como o conceito de estado<sup>51</sup>; ii. a noção de uso em oposição à expressão individual<sup>52</sup> e iii. as conexões formais e materiais entre palavras<sup>53</sup>. Em suma, Koerner entende as discussões presentes semelhantes a conceitos e noções saussurianas.

Primeiramente, aborda a distinção da perspectiva descritiva de análise dos fatos linguísticos com a orientação histórica. Na interpretação do historiógrafo, Paul tem plena consciência das distinções metodológicas existentes entre a Gramática histórica e a Gramática descritiva. Para sustentar a tese, Koerner (1972) sintetiza as ideias da orientação Descritiva de Paul em cinco pontos:

#### Quadro 6 – Síntese sobre a Gramática descritiva para Paul

1. Há uma distinção metodológica entre essas duas abordagens das línguas.
2. A Gramática descritiva se preocupa com um determinado estado de língua
3. No entanto, uma Gramática descritiva preocupa-se exclusivamente com um determinado período de uma língua e desconsidera o fato mais essencial sobre a língua, ou seja, que a língua muda constantemente.

<sup>51</sup> Há uma substituição constante dos termos. Koerner renomeia as seções desse tópico *Descriptive and historical linguistics and the aspect of language state* a partir de Koerner (1972), substituindo o termo ‘aspecto’ por ‘conceito’ para tratar do estado.

<sup>52</sup> As expressões *Language usage versus/and individual expression* são substituídas por (KOERNER, 1971, 1972) *Language custom versus individual speech act* (KOERNER, 2008, 2020).

<sup>53</sup> Sem grande alteração, o último tópico de discussão permanece com o mesmo título e pequena alteração de *Formal and material connections of words* para *Formal and material connections between words* nos textos publicados neste século.

4. A Gramática descritiva deve, portanto, ser descartada como um tratamento autônomo da linguagem
5. Por outro lado, o valor heurístico da Gramática Descritiva é (indiretamente) reconhecido, pois o estabelecimento prévio e a comparação de dois ou mais estágios são o pré-requisito para a Gramática histórica fazer afirmações sobre o estado de língua<sup>54</sup>

Fonte: Koerner, 1972.

Pelo exposto, é possível perceber que alguns princípios de Paul parecem se anular reciprocamente. Veja-se que, se os princípios 4 e 5 são tidos como verdadeiros, então os pontos 1 e 3 podem ser anulados e vice-versa. Se a Gramática descritiva não pode ser concebida como uma orientação válida quanto à orientação histórica, como descrito no princípio 4, logo não há efetivamente uma distinção metodológica, previsto no ponto 1, uma vez que aquela orientação, de acordo com o ponto 5, tem apenas função preparatória dos materiais de análise da perspectiva histórica, mas não se constitui ela mesma, nem como um campo de observação, nem como um método de análise propriamente dito. Sendo assim, não se pode afirmar, com base nesses argumentos, que a consideração de que as línguas mudam é completamente despercebida pela orientação descritiva, pois todas comparações linguísticas partem de descrições de um estado de língua, como apontado no terceiro princípio.

Dito de outro modo, o estudo descritivo ocuparia uma posição heurística para o cientista da linguagem. Para fornecer profundidade ao seu argumento, Koerner indica que Paul já havia proposto que o trabalho descritivo dos fatos linguística não compreende uma tarefa fácil e relaciona tal afirmação com a observação de que “é muito mais difícil fazer a Linguística estática que a histórica” (SAUSSURE, 1970, p. 117).

Ao rejeitar a Gramática descritiva como metodologia autônoma, fazendo uso subjacente de seu princípio, os argumentos de Paul se tornam confusos e realmente contraditórios. Sem apresentar muitas dificuldades para o leitor, reconhecemos a existência de um grande distanciamento do que propõe Saussure a respeito da

---

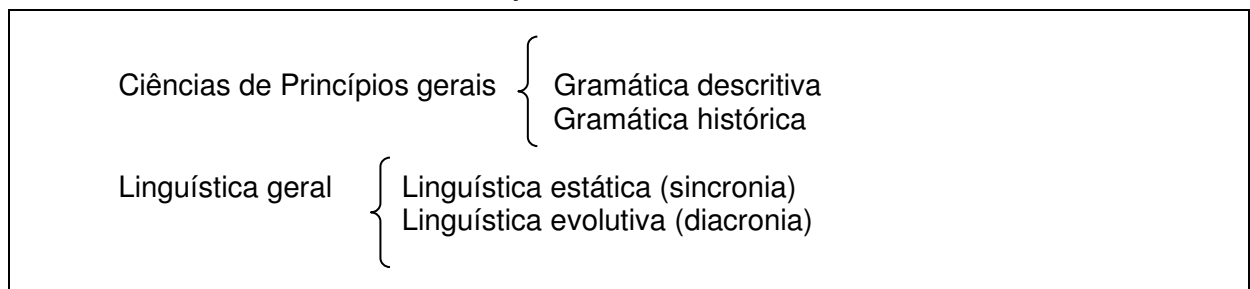
<sup>54</sup> Tradução nossa de:

1. There is a methodological distinction between these two approaches to languages.
2. Descriptive grammar is concerned with a given language state
3. However, a Descriptive grammar is exclusively concerned with a given period of a language and disregards the most essential fact about language, namely that language changes constantly.
4. A Gramática descritiva has therefore to be dismissed as an autonomous treatment of language
5. On the other hand the heuristic value of Descriptive Grammar is (indirectly) acknowledged since the previous establishment and comparison of two or more stages are the prerequisite for historical grammar to make statements about language state.

Linguística estática e de sua relação com a dimensão evolutiva. Na realidade, Saussure separa as duas ordens de fenômenos em dois campos distintos e irreconciliáveis do ponto de vista da análise do linguista, ainda que mantenham uma relação de interdependência. A Linguística estática ou sincrônica tem um objeto e método próprio, assim como a Linguística evolutiva ou diacrônica.

Quando Paul postula a necessidade de uma Ciência dos Princípios gerais capaz de fornecer as condições gerais da vida evolutiva da língua e explicar a natureza dos fatores existentes em todas as mudanças, Koerner entende como uma correlação anterior com a organização da linguística geral saussuriana. Assim, estabelece um paralelo entre os termos de Saussure aproximando-os e apontando que, em ambas estruturas teóricas, a Gramática histórica é reconhecida como subordinada à orientação descritiva, ainda que não seja exatamente aquilo que Paul propõe em seu texto.

**Quadro 7 – Paralelo comparativo dos termos de Paul e de Saussure**



Fonte: adaptado de Koerner (1972)

Para dar respaldo à ideia de paralelo conceitual, Koerner propõe que, para demonstrar que, apesar de Paul subordinar a Ciências de Princípios gerais à Linguística histórica e reduzir a importância da Gramática descritiva, entende que demonstrar uma relação inversa, anacrônica e deliberadamente operada por ele, pode refletir os termos selecionados em graus de equivalência. Diante desse esquema forçoso, Koerner indica que Paul e Saussure reconhecem a primazia da abordagem descritiva em relação à orientação histórica. Essa afirmação pode ser facilmente objetada (cf. PAUL, 1880) posto que a posição das Ciências dos Princípios gerais e, principalmente, da Gramática descritiva, são representadas sob outros termos.

Ao tentar conciliar dois pontos de vista distintos, Paul produz um descompasso ao agenciar uma Ciência de princípios gerais que conceba as línguas

como fatos observáveis e, paradoxalmente, que ofereça apreensão dos dados por meio da orientação histórica. Como Saussure (1970, p. 163) demonstra, a língua só existe segundo a ótica do sujeito falante, em um determinado estado de língua, logo as mudanças são despercebidas, elas são, são objeto da Linguística histórica que “estuda, não mais as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos uns aos outros no tempo”. O edifício teórico saussuriano permite desfazer certas confusões de Paul – e de outras formulações propostas no fim do século XIX – ao articular conceitos interdependentes e intercomplementares entre si que, não só se definem reciprocamente, mas também esclarecem aspectos de demais noções estruturadas na reflexão geral de Saussure. Percebemos que a ausência de uma definição sistemática das dimensões sincrônica e diacrônica termina por eclipsar a compreensão do objeto da Linguística e da execução da fala, sendo o contrário também verdadeiro.

Ao tentar reunir várias forças que agem na vida da língua no mesmo campo de observação de fenômenos e, aqui, Paul efetivamente trata de aspectos gerais da Linguística, acaba por produzir inconsistências teóricas decorrentes de concepções científicas e metodológicas empregadas para analisar a evolução de formas da língua. Com efeito, Paul entende ser possível apenas uma observação direta dos dados e empíricas dos dados e espera, assim, capturar dedutivamente a natureza do desenvolvimento histórico.

Quanto ao aspecto social da língua, Koerner aponta que as noções de uso e expressão individual de fala ou atividade de fala podem ter sido muito influentes para o desenvolvimento da produção de Linguística geral de Saussure. Aponta Koerner que apenas o indivíduo tem lugar na perspectiva científica de Paul, isto é, seu modelo adota a perspectiva da psicologia individual e concebe a criação linguística como resultado da produção de fala do indivíduo. Contudo, na visão do historiógrafo, Paul demonstra estar consciente da necessidade de estabelecer uma certa ‘média’, como noção análoga ao conceito de língua (SAUSSURE, 1970).

Mais uma vez, Paul tenta conciliar a possibilidade de estabelecer estados de língua em uma abordagem de natureza empírica. Para o estudioso alemão, os estados importam na medida em que a investigação sobre a história da língua depende de descrições de dados de períodos temporais específicos para. Assim, propõe um empreendimento impraticável de coleção de dados de uma comunidade linguística, ideia que, em última análise, destrói a possibilidade de conciliar o aspecto

individual e social do fenômeno linguístico e da conseqüente elaboração de uma teoria geral da linguagem (KOERNER, 2020).

Tendo como pano de fundo um projeto cumulativo de dados linguísticos. Sua atitude dedutiva lhe impede de tirar conclusões generalizantes e teóricas, pois seria necessário recolher uma quantidade de dados de fala da totalidade de indivíduos de uma mesma comunidade linguística para inventariar os dialetos e, por fim, gerar uma ‘média linguística’. Em outras palavras, Paul não consegue escapar completamente de idealizações generalizantes do ponto de vista dos princípios, mas os nega lugar como procedimentos metodológicos e considerações epistemológicas. Deste modo, Paul apresenta argumentos conflituosos ao tentar criar uma estrutura teórica geral capaz de abarcar e articular uma abordagem dedutiva e empiricamente orientada para os dados com uma visão que demanda métodos e procedimentos de abstração.

Ao não conseguir deslocar a posição do linguista na ótica do sujeito falante, Paul não consegue incluir uma reflexão sociológica para entender a relação do sujeito falante com o estado, que é o *locus* em que sempre se encontra (cf. Saussure, 1970). Sob esse raciocínio, a sincronia deve operar necessariamente em um estado de língua a partir do ponto de vista do sujeito falante em suas interações sociais. Além disso, importa descrever as relações das formas em vez de observá-las como objetos puramente empíricos. Como pode ser percebido, há distinções substanciais entre o que propõe Saussure a respeito da Linguística sincrônica e da posição metodológica do linguista.

Ainda assim, Koerner entende que Saussure parece ecoar Paul em alguma medida tendo em vista que, para o historiógrafo, as contradições internas e incoerências presentes na reflexão geral de Paul tenham servido como objetos a partir dos quais Saussure teria elaborado ideias de Linguística geral. Avaliando a história editada dos *Princípios*, Koerner também sugere que a insistência de Saussure ao demarcar oposições dos termos sincronia e diacronia pode ter parecido como insistência à falta de consistência teórica na reflexão geral de Paul. Com efeito, os termos sincronia e diacronia parecem ter sido usados por Saussure já no início de 1894 e possivelmente antes, indicando que questões teóricas e gerais foram *hotpoints* refletidos no Clima de opinião da Linguística, no último quartel do século XIX.

Para a discussão sobre os grupos materiais e formais de organização linguística, Koerner entende que a discussão de Paul pode ter sido primordial para a formulação da noção de relações associativas. Ao partir da consideração de que palavras individuais se atraem mutuamente na mente humana, decorrente do modelo de psicologia associativa de Lazarus e Steinthal (1860), Paul elenca vários tipos de relações de grupos que resultam em agrupamentos complexos decorrentes de combinações operadas pela mente. De fato, está previsto na discussão sobre os grupos de matéria e de forma a ideia de posições móveis subjacente à atividade da fala. A esse respeito da reflexão de Paul, entende o historiógrafo que “não se pode esperar que reproduzamos cada palavra individual ou grupo de palavras” (KOERNER, 1971, p. 117)<sup>55</sup> sem contar com uma atividade mental pressuposta.

Esse princípio da mente humana então permitiria construir cruzamentos de palavras através de uma atração mútua decorrente de uma semelhança entre sons, significados ou significados e sons. Tal visão pressupõe que a comunicação resultante da atividade de fala entre indivíduos se origine dessa atividade combinatória da mente, denominada pelo autor de formação analógica ou analogia. Uma das poucas passagens em que Koerner faz referência a aspectos extralinguísticos para atribuir uma influência ao Clima de opinião aparece na seguinte passagem:

Deve ser lembrado que durante o último quartel do século XIX a psicologia tornou-se um ramo muito poderoso de pesquisa e especulação dentro das humanidades; linguística, que geralmente tende a refletir o clima intelectual de seu tempo, foi erroneamente influenciada pelo psicologismo da época (KOERNER, 2008, p. 121)<sup>56</sup>.

Pelo exposto, essa breve indicação do Clima de opinião da Linguística termina por situar as ideias linguísticas de Paul e de Saussure em um contexto mais adequado mesmo que considere o empréstimo da psicologia um erro. É possível que essa referência tenha sido pensada menos como uma influência extralinguística e mais como índice metodológico de antecedentes para ratificar sua posição de que Saussure foi inspirado pelas ideias linguísticas de Paul.

---

<sup>55</sup> Tradução nossa de: «it cannot be expected that we reproduce every individual word or group of words».

<sup>56</sup> Tradução nossa de: «It has to be recalled that during the last quarter of the 19th century psychology became a very powerful branch of research and speculation within the humanities; linguistics which generally tends to reflect the intellectual climate of its time, was wrongly influenced by the psychologism of the period».

Consideramos que Koerner não depreende conclusões dessa afirmação contextual e também não discute o papel preponderante do psicologismo nos *Princípios*, nem a conjuntura sociológica francesa que parece ter motivado Saussure na formulação de uma abordagem em Linguística geral (SANDERS, 2004). Pelo contrário, aponta que a base do argumento dos linguistas é essencialmente psicológica, assim, relaciona as noções como se não houvessem distinções epistemológicas. Contudo, em Paul, a formação analógica não está bem definida, em realidade, a analogia é, para ele – e para todos os membros do grupo neogramático – a segunda causa principal para a evolução linguística, enquanto Saussure conclui que, do ponto de vista puramente linguístico, a analogia propriamente dita “não poderia ser, por si só, um fator de evolução (SAUSSURE, 1970, p. 197), ainda que as formas materiais sejam elas mesmas mudanças reais.

Na interpretação de Koerner, a noção de relações associativas de Saussure teria sido inspirada pela distinção entre grupos materiais e formais de palavras, questão que tocava no mecanismo mental. De fato, essa aproximação do mecanismo linguístico com as relações da mente está, em alguma medida, presente na elaboração saussuriana, mas como resultado de uma reflexão que convocam sujeitos em interação afetados por relações negativas e opostas. Como é sabido, na perspectiva saussuriana, os elementos analógicos produzidos pelos sujeitos falantes tem uma natureza puramente negativa. São, assim como todos os signos da língua, efeito de relações. Por não conseguir propor definições gerais de Língua e Fala em complementariedade e, por causa de sua postura de trabalho empírica e dedutiva, Paul deixa a discussão sobre a analogia afrouxada. Logo, não se pode afirmar haver tantas correspondências teóricas como propõe Koerner.

Uma última observação que merece destaque é que, desde seu primeiro estudo (1971), Koerner sugere que as conclusões sobre a análise de estado de língua e a necessidade de formulação teórica da dimensão sincrônica, formuladas por Saussure, parecem resultar de aparentes contradições encontradas nas ideias linguísticas de Paul. Mais tarde, caracteriza esse tipo de influência como *ex negativo* (KOERNER, 1972, 2008, 2020).

Conclui-se que essa pesquisa, ao discutir o problema da influência de Paul sobre Saussure à luz de um caminho pouco desenvolvido por Koerner, desconsiderando em importância as dimensões sociológicas envolvidas nos contextos de produção dos atores sociais e com o Clima de opinião, pode contribuir



para integrar a atmosfera intelectual e social da comunidade científica com a emergência da Linguística geral. Paradoxalmente, um dos elementos centrais que Koerner resiste em descrever é a própria emergência da Linguística geral, que pode ser explicada, em parte, por meio de aspectos do Clima de opinião que permitiu a emergência da Linguística geral no último quartel do século XIX e, também, em função de distinções epistemológicas no plano das abordagens teórico-metodológicas.

Pode se argumentar que a extensa comparação de aspectos que Koerner faz lhe levou a ignorar que a linguística saussuriana geral responde a um deslocamento de interesse mais amplo na comunidade científica relevante. Com isso, entendemos que a Linguística geral emerge como variante da tradição de pesquisa histórica no campo das ciências da linguagem e, no seu interior, desenvolvem-se direções entendidas como linhas de investigação com interesses e concepções distintas.

Na seção seguinte, expomos nossas reflexões teóricas a respeito do conceito de Clima de opinião (BECKER, 1932) e seu poder explicativo para o desenvolvimento da dimensão externa do conhecimento linguístico do passado resultante de um processo de influência.

### **3.2 Dialogando com a Historiografia da Ciência: o Clima de opinião**

Nesta seção, apresentamos o conceito de Clima de opinião abordando sua natureza e sua aplicabilidade como categoria analítico-interpretativa vinculada ao contexto de produção do conhecimento sobre a linguagem e as línguas. Para tanto, discutimos como esse conceito advindo da Historiografia da Ciência pode ser mobilizado para o estudo do fenômeno da influência em HL.

Um dos aspectos mais importantes da reflexão sobre o saber é justamente o entorno em que certas ideias tomaram forma ou moldaram o pensamento de modo a instaurar consenso de sentidos. No ambiente científico-acadêmico, costumamos nos referir ao termo contexto como se houvesse uma direção de compreensão garantida. Em realidade, todas as conjunturas são articuladas historicamente com contextos específicos que possibilitam o desenvolvimento de propostas acomodadas em parâmetros definidos.

Nesse sentido, Becker (1932) desenvolve uma reflexão sobre o Clima de opinião como o estabelecimento de esferas de configuração histórica. Sua

abordagem tem como objetivo compreender como construções de sentido são produzidas por aspectos que atuam através da experiência coletiva em um nível de inconsciência. Assim, o Clima de opinião pode ser concebido como um conceito que define fatos a partir de uma preconcepção estabelecida profundamente ou uma convicção arraigada.

Por essa razão, a qualidade desse conceito é imprescindível para a historiografia visto que nenhum artefato ou documento histórico pode jamais ser dissociado do seu contexto de produção. Assim, partimos da premissa de que o conhecimento produzido não é atemporal, não se produz num vácuo histórico, “difícilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo” (BLOCH, 2002 [1997], p. 55).

Becker (1932, p. 12) ainda argumenta que apenas aspectos do Clima de opinião podem ser reconstruídos, porém jamais sua totalidade, tendo em vista que a condição de reconstrução constitui a única forma de poder “respirar com dificuldade nele”.<sup>57</sup> Há, de fato, grande dificuldade de captar os elementos constitutivos do clima de opinião. Pelo mesmo critério de consciência histórica, não se deve proceder a avaliações dos aspectos do clima de opinião, cabendo ao historiógrafo descrever aspectos do modelo e da visão de mundo disponíveis em determinado recorte temporal.

Nesse sentido, o papel do historiógrafo é de interpretar os argumentos do passado, sem confirmar ou refutar as preconcepções coletivas. Podemos reconstruir aspectos desse clima que tiveram relação com o tipo de conhecimento construído na época e Bloch (2002 [1997]) sintetiza a tarefa do pesquisador interessado em escrever a história:

O historiador, ocupado em compreender e fazer compreender, terá como primeiro dever recolocar em seu meio, banhados pela atmosfera mental de seu tempo, face a problemas de consciência que já não são exatamente os nossos. (BLOCH, 2002 [1997], p. 64).

A compreensão de aspectos relevantes do Clima de opinião pelo historiógrafo resulta de uma tentativa, pois pode fornecer o cenário histórico em que as ideias foram formadas “embora não possa viver nele” (BECKER, 1932, p. 6)<sup>58</sup>. Assim, o historiógrafo é limitado pelas concepções e contingências do seu próprio tempo,

---

<sup>57</sup> Tradução nossa de: «gasp for breath».

<sup>58</sup> Tradução nossa de: «although it cannot live in it».

também. Ao tentar reconstruir o espírito de uma época, deve demonstrar as preconcepções subjacentes em determinados recortes temporais como parte da bagagem intelectual de um determinado período. Para tanto, Becker (1932) ilustra a a estruturação de ideias no interior do Clima de opinião do século XVII:

O professor Whitehead colocou recentemente em circulação uma frase do século XVII — "clima de opinião". A frase é muito necessária. Se os argumentos merecem ou não aprovação depende menos da lógica que os transmite do que do clima de opinião em que são sustentados. O que torna o argumento de Dante ou a definição de São Tomás sem sentido para nós não é a má lógica ou a falta de inteligência, mas o clima medieval de opinião - aqueles preconceitos instintivamente mantidos no sentido amplo, que *Weltanschauung* ou padrão de mundo - que impôs a Dante e São João Tomás um uso peculiar da inteligência e um tipo especial de lógica. Para entender por que não podemos seguir facilmente Dante ou São Tomás, é necessário entender a natureza desse clima de opinião (BECKER, 1932, p. 5).<sup>59</sup>

Entendida a definição do Clima de opinião como um conjunto de contingências históricas de naturezas variadas que se estabelecem em eixos cronológicos diversos. Com essa definição, o Clima de opinião pode ser compreendido, em certa medida, como uma atmosfera coletiva que sustenta o pensamento, argumentos e preconcepções, na medida em que pode atuar implicitamente na forma do conhecimento produzido.

Concebido como constelação de crenças e pano de fundo cultural, o Clima de opinião possui uma dimensão de coletividade, na medida em que fornece uma compreensão de padrão de mundo disponível em cada tempo histórico para uma determinada cultura (BECKER, 1932). Tomemos como exemplo as crenças e o padrão de mundo do Clima de opinião moderno, que não mais assume a Filosofia para explicação de fenômenos naturais, mas busca na Ciência as respostas como traço característico do pensamento moderno:

Além da abordagem histórica do conhecimento, temos outra com a qual estamos ainda mais comprometidos — a científica. Assim como

---

<sup>59</sup> Tradução nossa de: «Professor Whitehead has recently restored to circulation a seventeenth-century phrase – ‘climate of opinion’. The phrase is much needed. Whether arguments command assent or not depends less upon the logic that conveys them than upon the climate of opinion in which they are sustained. What renders Dante's argument or St. Thomas' definition meaningless to us is not bad logic or want of intelligence, but the medieval climate of opinion—those instinctively held preconceptions in the broad sense, that *Weltanschauung* or world pattern—which imposed upon Dante and St. Thomas a peculiar use of the intelligence and a special type of logic. To understand why we cannot easily follow Dante or St. Thomas it is necessary to understand (as well as may be) the nature of this climate of opinion».

a história substituiu gradualmente a teologia, a ciência substituiu a filosofia. A filosofia, é verdade, conseguiu, muito melhor do que a teologia, manter as aparências no mundo moderno, e no momento atual não faltam sinais de reformas em andamento em sua antiga e um pouco dilapidada moradia. No entanto, é óbvio que a influência indiscutível que anteriormente exercia foi há muito usurpada pela ciência natural. Nas mãos de São Tomás, a filosofia, com a lógica "dedutiva" como instrumento de precisão, era um método de construção de um mundo racional, com o objetivo de conciliar a experiência com a verdade revelada. Mas as influências que dispuseram as gerações sucessivas a examinar os fatos da história humana, induziram-nas também a examinar os fatos dos fenômenos naturais. A ascensão da história e da ciência foram apenas dois resultados de um único impulso, dois aspectos da tendência do pensamento moderno de uma racionalização exagerada dos fatos para um exame mais cuidadoso e desinteressado dos próprios fatos (BECKER, 1932, p. 20).<sup>60</sup>

Quanto ao aspecto da duração, o Clima de opinião pode ter uma duração extensa e persistente, podendo perdurar através de séculos até o surgimento de mudanças de concepções<sup>61</sup>. Com efeito, é natural fazer referência a tendências filosóficas e científicas dominantes nos séculos a partir de seus Climas de opinião, logo fazemos referência ao século XIX para indicar a proeminência da Linguística histórico-comparatista ou simplesmente como o Comparatismo.

Afetado, pela temporalidade de ideias e contingências de seu tempo, o historiógrafo não deve operar uma apreciação do pensamento do passado pelo presente de seu tempo. Deve fazer uma reconstrução de configurações históricas em seus níveis de fundamentos, tais como o ambiente intelectual, a filosofia de uma época ou os modelos científicos disponíveis.

No campo da HL, foi Koerner (1994) quem primeiro anunciou a necessidade de incluir o Clima de opinião nas práticas de explicação do passado linguístico. Em exercício de sua posição de líder organizacional, Koerner (2014) apresenta a

---

<sup>60</sup> Tradução nossa de: «Besides the historical approach to knowledge we have another to which we are even more committed—the scientific. As history has gradually replaced theology, so science has replaced philosophy. Philosophy, it is true, has managed, much better than theology, to keep up appearances in the modern world, and at the present moment signs are not wanting of refurbishings going on in its ancient and somewhat dilapidated dwelling. Yet, it is obvious that the undisputed sway which it formerly exercised has long been usurped by natural science. In the hands of St. Thomas, philosophy, with "deductive" logic as its instrument of precision, was a method of building a rational world, its aim being to reconcile experience with revealed truth. But the influences which disposed succeeding generations to examine the facts of human history, induced them also to examine the facts of natural phenomena. The rise of history and of science were but two results of a single impulse, two aspects of the trend of modern thought away from an overdone rationalization of the facts to a more careful and disinterested examination of the facts themselves».

<sup>61</sup> Hymes (1974) destaca que o Clima de opinião pode desempenhar um papel em cada abordagem linguística tanto em uma escala mais ampla e também em uma escala específica.

pertinência do conceito para interpretar questões de ordem externa que condicionam as especificidades do tipo de conhecimento linguístico afirmando que “o conceito de Clima de opinião assegura o destaque dado à relação entre a referência temporal e as formas de conhecimento científico produzidas em determinado recorte histórico” (KOERNER, 2014, p. 59).

Para dar conta desse amalgamado de elementos e aspectos de natureza extralinguística que podem ter valor explicativo sobre a acomodação que o conhecimento linguístico assumiu historicamente, Koerner (1995) aposta na inclusão do Clima de opinião no quadro de trabalho da HL para categorizar o contexto, tendo em vista a multiplicidade de tratamentos metodológicos já que a “proeminência dada ao contexto pode diferir” (SWIGGERS, 1998, p. 37) e sua dificuldade de apreensão.

A HL como *framework* assume que o Clima de opinião existe, visto que o conhecimento linguístico nunca se produz num vácuo histórico e social. Apesar de a HL contar com uma epistemologia que já considera a inseparabilidade do contexto de produção das ideias, teorias e modelos, Altman (2019) insiste no papel da integração do Clima de opinião ao criticar modelos de construção histórica que a dispensa.

uma historiografia que trata apenas dos desenvolvimentos de uma disciplina no interior dela mesma, do ponto de vista da sua ‘matriz disciplinar’, como se ela tivesse surgido e se desenvolvido em um nada intelectual, social e político, [tornando-a], em princípio, redutora (ALTMAN, 2019, p. 31 acréscimos meus).

Nessa perspectiva, a inclusão do Clima de opinião como um parâmetro externo de investigação do conhecimento linguístico “tem uma importante implicação: segue-se que um trabalho sério em historiografia linguística é impossível sem o conhecimento da história cultural e da história da ciência em geral” (SWIGGERS, 1980, p. 707)<sup>62</sup>.

De fato, considerações culturais, científicas e filosóficas abrangidas na articulação interna desse conceito podem iluminar o percurso do historiógrafo, do caso contrário, o valor interpretativo da análise pode ser reduzida, pois que, como explica Altman (2019, p. 31), a contextualização deve ser entendida como uma etapa indispensável do trabalho historiográfico e sua articulação com o Clima de opinião não pode ser prescindida sob o risco de o historiógrafo “deixar de lado um

---

<sup>62</sup> Tradução nossa de: «has an important implication: it follows that serious work in linguistic historiography is impossible without knowledge of cultural history and the history of science in general».

bom conjunto de razões que poderiam explicar por que determinado quadro de trabalho (ou teoria, ou modelo, ou programa de investigação) foi bem ou malsucedido”.

Considerando que a Linguística tem esse caráter de refletir o Clima de opinião “de ideias que a circundam no momento em que entram em evidência, e de práticas que lhes são paralelas” (ALTMAN, 2019, p. 32), devemos conceber o conceito como uma possibilidade de influência extralinguística. Desse modo, significa considerar que aspectos e elementos da filosofia de uma época podem fornecer inteligibilidade sobre as ideias de um autor ao situar os sentidos específicos em seus campos originais (BECKER, 1932).

O efeito do Clima de opinião é, portanto, de influenciar profunda e subjacentemente o pensamento de cada membro de uma geração, em determinados recortes temporais. Em outras palavras, quando a possibilidade de compreensão de fatos é garantida pela participação e compartilhamento de uma determinada sociedade e cultura, então o Clima de opinião reflete a compreensão desses fatos tidos como conhecidos.

Nesse raciocínio, o Clima de opinião pode ser compreendido como uma esfera de influência resultante do contato com uma atmosfera intelectual, por exemplo, sem a necessidade de um debate travado exatamente entre pares. Em outras palavras, uma influência generalizadora do período em questão e essa definição certamente inclui a filosofia de uma época para compreender quais questões estavam povoando a ciência no momento em que os textos sob exame se inserem (ALTMAN, 2019).

Como afirmamos, para lidar com a imprecisão do contexto, adotamos a categoria interpretativa de Clima de opinião. Metodologicamente, é fundamental estabelecer as situações de contato histórico dos atores sociais com o Clima de opinião, uma vez que as mudanças são engendradas por eventos históricos particulares. Como processo de contextualização que visa atender ao princípio de contextualização e, assim, satisfazer o componente de perspectivação histórica e interdisciplinar em HL, adotamos a perspectiva de que o estudo crítico de fontes indiretas, através de historiografias concebidas como fontes históricas, pode fornecer subsídios para interpretar a questão da influência de Paul sobre Saussure no interior do Clima de opinião da ciência da linguagem.

Tendo em vista que o contexto de produção da Linguística geral se constitui como uma questão historiográfica central para interpretação do problema de pesquisa, nossa reconstituição do Clima de opinião privilegia a reconstrução de aspectos i. da atmosfera intelectual; ii. das tendências filosóficas e iii. das tendências científicas.

Para tanto, construímos uma historiografia sintético-analítica a partir da recensão de narrativas historiográficas para fornecer o cenário histórico possível de contrastar aspectos do Clima de opinião que se relacionam às diferentes orientações assumidas pela Linguística geral, tópico abordado a seguir com o conceito de Cinosura.

### **3.3 Conversando com a Metodologia da Historiografia Linguística: a Cinosura**

Nesta seção, tratamos do conceito de Cinosura abordando sua definição e aplicabilidade como categoria de análise para a investigação do fenômeno da influência em HL e discutimos sobre o caráter enganoso da noção de paradigma (KUHN, 2017 [1962]) para o estudo da Linguística e de sua história. Por fim, propomos o conceito da Cinosura como centro de atração disciplinar capaz de fornecer uma interpretação crítica para a questão da influência de Paul sobre Saussure.

Na prática de reconstrução do passado linguístico, enfrentamos eternamente a questão dos começos da Linguística (HYMES, 1974). Uma das maneiras de investigar os desenvolvimentos do passado linguístico é assumir o modelo filosófico de Kuhn (2017 [1962]), como expomos na seção **2.2 História da Linguística e Historiografia Linguística**. Tal atitude implicar mobilizar a noção de paradigma para descrever as mudanças sucessivas dos paradigmas.

É verdade que qualquer apreciação do conhecimento linguístico produzido na história de uma ciência pode parecer anacrônico partindo de inquietações que envolvem os linguistas em seus contextos históricos particulares. Hoje, ainda encontramos uma certa tendência de representar a história da Linguística como uma sucessividade de rupturas radicais com modelos de descrição e análise linguística precedentes.

Para se opor a essa visão revolucionária, Hymes (1974) propõe que a história da Linguística não produza um viés de uma historiografia de heróis, mas, também de

círculos sociais e instituições, vinculadas a tradições de investigação e descontinuidades que abordam um conjunto de problemas e questões em uma tensa dinâmica de esquecimento e permanência.

O conceito de Cinosura foi elaborado por Hymes (1974) como substituto da noção de paradigma (KUHN, 2017 [1962]), num momento em que os historiográficos debatiam sobre o impacto do modelo paradigmático e seu caráter revolucionário para a exposição do passado linguístico. Naquele tempo, a HL não dispunha de diretrizes metodológicas suficientemente desenvolvidas para a condução da pesquisa historiográfica, campo denominado, hoje, de meta-historiografia (SWIGGERS, 2013). Foi neste contexto em que Hymes (1974) desenvolve suas reflexões críticas a respeito da aplicação direta do conceito de paradigma à Linguística e sua história. Sua recepção foi tão bem-sucedida, de tal modo que Swiggers (2017) entende que:

Os anos de 1974-75 foram *anni mirabiles*<sup>63</sup> para a Historiografia da Linguística: próximo à fundação de Koerner da *Historiographia Linguistica* e dos *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science*, esses anos viram a publicação de três grandes volumes coletivos no campo, viz. Hymes (Ed. 1974), Sebeok (Ed. 1975) e Parret (Ed. 1976) (SWIGGERS, 2017, p. 73)<sup>64</sup>.

Na *Introdução* dessa coletânea de estudos, Hymes (1974) faz uma revisão crítica do campo e estabelece um conjunto de problemas futuros com os quais os pesquisadores da HL teriam de enfrentar para se tornar uma especialidade autônoma e com metodologia própria para investigação da história da Linguística:

O texto considerado metodologicamente importante para a redefinição da historiografia linguística enquanto atividade de pesquisa foi a introdução de Dell Hymes à sua antologia de 1974, *Traditions and Paradigms*. Naquele texto, Hymes antecipou os pontos que viriam a caracterizar as principais tendências da Historiografia Linguística contemporânea: autorreflexão metodológica; definições intencionais do objeto; ampliação de escopo e datação; contextualização; abertura para a Linguística antropológica, a História, a Filosofia e a Sociologia das ciências (ALTMAN, 2018, p. 25).

O cerne da questão de Hymes (1974) é a generalização óbvia de que se faz do campo e que, conseqüentemente, termina por generalizar as ciências humanas

---

<sup>63</sup> Plural da expressão latina *annus mirabilis* utilizada para indicar um ano maravilhoso ou de eventos notáveis.

<sup>64</sup> Tradução nossa de: «The years 1974-75 were *anni mirabiles* for the historiography of linguistics: next to Koerner's foundation of *Historiographia Linguistica* and of the *Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science*, those years saw the publication of three major collective volumes in the field, viz. Hymes (Ed. 1974), Sebeok (Ed. 1975) and Parret (Ed. 1976)».



e, particularmente, na Linguística como tendo orientações únicas a cada período da história, conforme discutimos no tópico **3.2 Dialogando com a Historiografia da Ciência: o Clima de opinião**. Apesar de servir como um quadro de referência para a história do conhecimento produzido sobre as línguas e a linguagem, a generalização apenas atesta um fato óbvio, mas não o explica.

Para Hymes (1974, p. 13)<sup>65</sup>, uma alternativa explicativa à visão de desenvolvimento da história da Linguística é explicitada com o conceito de Cinosura<sup>66</sup>, na medida em que compreende “interesses, orientações e linhas de trabalho como abordagens competindo por atenção e destaque”, sendo todas elas pertencentes ao campo das ciências da linguagem.

Não tem o historiógrafo o objetivo de reduzir a importância da pesquisa de Kuhn (2017 [1962]), pois percebe como o modelo do filósofo ainda contribui para apreender características essenciais subjacentes ao desenvolvimento da ciência, mas o sucesso de sua reflexão pode abrir margem para interpretações de jovens pesquisadores que postulam sua história como um processo sucessivo de revoluções científicas que atinge o apogeu com a abordagem disponível no tempo presente do pesquisador (cf. Koerner, 2014).

Essa visão de paradigma como cenário é criticável em sua visão. É preciso, ainda de acordo com o autor, conceber a Linguística como um campo do conhecimento em que continuidades persistem diante de mudanças paradigmáticas e que precisam ocorrer, assim como o reconhecimento de que as origens de mudanças paradigmáticas advêm de contextos extra-científicos, isto é, de contextos sociais.

Para considerar a sequencialidade e substituição previstas na noção de paradigma, ilustra o exemplo do modelo Chomskiano como orientação que eclipsa seu precessor, a abordagem Neo-Bloomfieldiana. Contudo, a Linguística não reconhece um paradigma central anterior àquele (cf. ROBINS, 1983). A indicação do autor é de que fatos temporais faltam ser considerados do ponto de vista das realidades sociais e dos contextos, porque a noção de paradigma se refere a filosofias da ciência e pressupostos psicológicos, mas não a realidades sociais (HYMES, 1974).

---

<sup>65</sup> Tradução nossa de: «interests and orientations, different lines of work, although competing for attention and such limelight».

<sup>66</sup> Swiggers (2013) afirma que o conceito de Cinosura prevê uma configuração complexa científico-institucional.

O texto de Hymes (1974) constitui-se como uma virada em HL. Um dos elementos-chave do texto é a proposição do conceito de Cinosura como uma substituição à noção de paradigma que seja capaz de articular, de um lado, as realidades sociais e, de outro, a dinamicidade e a co-ocorrência de abordagens, modelos e teorias. Assim, deseja o autor transcender a fase paradigmática e, enfim, adotar uma fase pluralista, tanto no ideal quanto na prática, do historiógrafo e do linguista.

A alternativa proposta é considerar que diversos interesses, abordagens e orientações competem por atenção e destaque, porém todas elas produzem ideias sobre a linguagem e as línguas, portanto, pertencem à Linguística. Para Hymes (1974), essa compreensão pluralista de abordagens e orientações sobre o desenvolvimento do passado da Linguística pode levar o historiógrafo a perceber a formação de tradições de investigação diversas.

O autor ainda explica que a mudança de Cinosura – no centro de atração intelectual ou disciplinar – não altera os níveis de explicação dos fenômenos, mas os fenômenos eleitos que merecem explicação pelos cientistas da linguagem. Isso quer dizer que, em vez de substituição, desviam-se os fenômenos do centro do palco por questões novas que se desejam ser explicadas (HYMES, 1974).

Surge, assim, a necessidade de rever a aplicabilidade da noção de paradigma e de sua concepção implícita de conhecimento científico. Segundo Hymes (1974), linguistas e historiadores do campo tomaram a noção como cenário para explicar o ciclo dos avanços de descobertas na Linguística, tomando-a como um rótulo conveniente. Parra ilustrar que o problema reside em representa-la como cenário de triunfos sucessivos, vejamos o que diz o autor:

Desde a institucionalização acadêmica do estudo linguístico no início do século XIX na Prússia, sucessivos grupos de estudiosos conseguiram, com alguma justiça, identificar avanços no campo como um todo com sua própria atividade. Até certo ponto, houve consistência entre países e períodos. A linguística comparativa que primeiro se enraizou, como disciplina cumulativa, na Alemanha, tornou-se o porta-estandarte para o estudo de todas as línguas do mundo em qualquer país durante o curso do século XIX. O estruturalismo que se enraizou na Europa fora da Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial, tornou-se o porta-estandarte do nosso século (HYMES, 1974, p. 15)<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> Tradução nossa de: «Since the academic institutionalization of linguistic study early in the nineteenth century in Prussia, successive groups of scholars have been able, with some justice, to identify advance in the field as a whole with their own activity. To a fair extent, there has been consistency across countries and periods. The comparative linguistics that first took root, as a

Dessarte, percebemos que a sucessão paradigmática não cessa o desenvolvimento de uma orientação precedente, apenas a desloca do centro de atração da disciplina. Por essa razão, a Linguística histórico-comparativa deixa de ocupar uma posição de centralidade intelectual na Linguística do século XX, especialmente, a partir das duas primeiras décadas, mas não transcorre como uma substituição integral. Além disso, ainda que o Comparatismo se beneficie dos avanços e descobertas estruturalistas, a primeira orientação também opera ao estabelecer restrições de afirmações "precipitadas e infundadas inspiradas por uma nova comunidade paradigmática" (HYMES, 1974, p. 15)<sup>68</sup>. Nesse sentido, há continuidades na Linguística que resistem apesar da mudança de paradigma.

Se, como Kuhn (2017 [1962]) defende, o novo paradigma tem qualidade superior porque i. explica um conjunto de fenômenos novos e ii. também abarca aqueles já descritos pela geração anterior, não podemos encontrar essa mesma configuração na Linguística, tampouco em sua história. Adotar a autoridade totalitária de paradigma, implica, então, aceitar uma concepção de cientistas como vítimas sacrificadas em prol do avanço da ciência (cf. Hymes, 1974). Tal atitude escurece a questão de como a orientação central e dominante do ponto de vista intelectual, de determinado período histórico, se relaciona e articula com orientações e abordagens contemporâneas.

A sucessividade de Cinosuras não contempla ambos aspectos relativos à autoridade da orientação dominante sobre os membros de uma comunidade científica. Com efeito, a relação entre a comunidade que ocupa o centro da disciplina, denominada Cinosura, e a disciplina como um todo, não se revela uma questão simples haja vista "a complexidade das relações entre a comunidade científica que compartilha o paradigma que ocupa o centro das atenções e a Linguística entendida como um vasto campo de conhecimento" (ALTMAN, 2021, p. 248).

Assim, a Cinosura ou comunidade paradigmática, corresponde a uma das comunidades, i.e., aquela que ocupa o centro da disciplinar e intelectual e desenvolve tipos de interesse sobre a linguagem e as línguas, mas representa

---

cumulative discipline, in Germany, became the standard-bearer for study of all the world's languages in whatever country during the course of the nineteenth century. The structuralism that took root in Europe outside Germany, after the First World War, became the standard bearer for our own century».

<sup>68</sup> Tradução nossa de: «rash and unfounded claims, inspired by a new paradigmatic community».

apenas uma delas, não a totalidade de cientistas. Mesmo que totalidade de membros tenha a percepção de estar diante de uma ruptura revolucionária, a Cinosura se caracteriza pela dominância, não pela totalidade, em outras palavras, na Linguística, cada “novo ‘paradigma’ simplesmente não conseguiu estabelecer uma autoridade completa” (HYMES, 1974, p. 10).

Assim, a ausência de uma comunidade paradigmática que incida de modo totalitário sobre os membros da disciplina é uma ilusão e não resulta exclusivamente de vestígios do passado, mas, também porque as abordagens não se constituem apenas de descobertas cognitivas e métodos mais aperfeiçoados quanto ao tratamento da linguagem. Pelo contrário, respondem também

a um complexo de atitudes e perspectivas. O amontoado de atitudes e interesses de cada um esteve aproximadamente de acordo com os ingredientes da perspectiva da geração mais jovem no período em que cada um veio à tona” (HYMES, 1974, p. 11)<sup>69</sup>.

. Aceitar essa noção de autoridade relativa pode auxiliar na explicação de exageros e polêmicas que se caracterizam pelo tratamento de um novo grupo teórico aos predecessores e concorrentes. Em realidade, Hymes (1974) argumenta que a substituição de Cinosura provém de um certo tipo de persuasão em uma configuração retórica específica para obter status científico.:

o cenário implícito para o sucesso de uma Cinosura parece consistir tanto em desacreditar, esquecer ou ignorar outros trabalhos, quanto em fazer novas descobertas e integrar o que já foi descoberto em uma nova base (HYMES, 1974, p. 17)<sup>70</sup>.

Como substituto da noção de comunidade paradigmática, a Cinosura tem o conveniente de privilegiar a dimensão sociológica da noção paradigma em articulação com o contexto a partir do qual se desenvolve, definindo-se, assim, como uma das comunidades que formula ideias sobre a linguagem e as línguas em um tempo e espaço definidos. Tem, nesse sentido, um ganho teórico ao postular a sucessão de Cinosuras como um fenômeno não unidirecional que, por essa razão, pressupõe dinamicidade e co-ocorrência entre teorias, modelos e abordagens de segmentos sociais contextualmente realizados.

---

<sup>69</sup> Tradução nossa de: «a complex of attitudes and outlooks. The congeries of attitudes and interests of each has been roughly in keeping with ingredients of the outlook of the youngest generation in the period in which each came to the fore».

<sup>70</sup> Tradução nossa de: «the implicit scenario for succeeding as cynosure seems often enough to consist as much of discrediting, and forgetting or ignoring, other work, as of making new discoveries and of integrating what has already been discovered on a new foundation».

Para escrever a história da linguística segundo a perspectiva de Cinosuras e contextos:

deve-se descobrir a gama de interesses na linguagem de um determinado lugar e tempo, colocar as tradições centrais e periféricas, ou tradições centrais concorrentes, uma em relação à outra; e interpretar o padrão, ou organização, da diversidade assim encontrada (HYMES, 1974, p. 21)<sup>71</sup>.

No âmbito desta pesquisa, utilizamos o conceito de Cinosura como categoria analítico-interpretativa para investigar as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure do ponto de vista do parâmetro interno. Em outras palavras, desejamos compreender como os atores sociais definem suas ideias sobre os fenômenos linguísticos em torno dos seguintes aspectos: i. definição de objeto científico e ii. a concepção fenômeno linguístico

Assim, desenvolvemos um estudo em que buscamos compreender a Linguística geral como uma articulação da Cinosura histórico-comparativa e avaliamos as abordagens teórico-metodológicas como desenvolvimentos de linhas de investigação intraseccionais desenvolvidas a partir do último quartel do século XIX. Para interpretar a questão da influência de Paul Sobre Saussure, comparamos as definições fornecidas pelos textos dos atores sociais em fontes históricas diretas, a saber: nos *Princípios*, no *Curso* e também em textos manuscritos, discussão exposta a seguir na seção metodológica.

#### 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

É graças à existência de um conjunto de elementos incontestáveis como testemunhos, mas cuja

---

<sup>71</sup> Tradução nossa de: «discover the range of interests in language of a given place and time; to place both central and peripheral traditions, or competing central traditions, in relation to each other; and to interpret the pattern, or organization, of diversity thus found».

interpretação e importância podem ser objeto de julgamentos discordantes, que se pode estabelecer um diálogo entre historiadores, cada nova perspectiva trazendo uma nova dimensão e novos fatos nesse diálogo (PERELMAN, 1969, p. 145)<sup>72</sup>.

Nesta seção, caracterizamos a natureza desta pesquisa historiográfica e a metodologia do trabalho do historiógrafo, definimos os critérios adotados para os recortes temporais e para a seleção da documentação histórica. Por fim, elegemos os parâmetros de pesquisa e as categorias de análise para apresentar as etapas metodológicas seguidas para interpretar a questão da influência de Paul sobre Saussure, tomando como diretriz norteadora a consciência metodológica da pesquisa em HL<sup>73</sup> (KOERNER, 1974).

Organizamos essa seção em seis tópicos: 4.1 Caracterização da pesquisa; 4.2 A metodologia do trabalho historiográfico; 4.3 Periodização; 4.4 Critérios para a seleção das fontes; 4.5 Parâmetros e categorias de análise e 4.6 Procedimentos metodológicos.

#### **4.1 Caracterização da pesquisa**

Esta pesquisa historiográfica parte da distinção entre história e historiografia, ao conceber a história como o conjunto de objetos, eventos, processos e contextos transcorridos no passado, enquanto a historiografia compreende a análise descritiva e explicativa dessas evidências (SWIGGERS, 1998). Logo, os vestígios históricos, capturada nas fontes a partir dos quais o historiógrafo faz sua análise, não se confunde com a história propriamente dita, uma vez que a produção de conhecimento provável do passado é tarefa da historiografia científica (TUCKER, 2009). Nesse sentido, a circunscrição e a seleção das fontes dependem do objetivo do historiógrafo e do que “se pode buscar nesse ou naquele documento histórico também depende essencialmente do problema” (BARROS, 2019, p. 22). Sendo assim, consideramos fundamental a articulação entre o problema de pesquisa e os

---

<sup>72</sup> Tradução nossa de: «c'est grâce à l'existence d'un ensemble d'éléments incontestés en tant que témoignages, mais dont l'interprétation et l'importance peuvent faire l'objet de jugements discordants, qu'un dialogue entre historiens peut s'instituer, chaque nouvelle perspective apportant une dimension nouvelle et des faits nouveaux dans ce dialogue».

<sup>73</sup> Swiggers (2004) aponta a necessidade de se construir uma teoria tipológica de formas de fazer historiográfico e sugere a inclusão de três partes: i. uma tipologia de modalidades de exposição; ii. uma tipologia de formas de estruturação (do eixo cronológico e dos objetos estudados) e iii. uma tipologia de “mensagens”.

vestígios materializados nos textos, assumidos como campos de evidências, para reconstrução do passado linguístico. Na perspectiva assumida aqui, o estudo da história requer um recorte seletivo operado pelo historiógrafo (cf. Batista, 2021). Com esse procedimento, o pesquisador busca uma objetividade no seu estudo, relativamente ao seu problema e às interpretações que poderá construir sobre os processos históricos (BATISTA, 2013).

Para obter certa objetividade e evitar uma concepção de subjetividade do trabalho de análise do passado linguístico, o historiógrafo parte da documentação disponível para analisar e interpretar seu problema, mas extrapola o nível dos textos, buscando uma variedade de fontes possíveis para iluminar a investigação sobre os conhecimentos produzidos sobre a linguagem e as línguas. Para tanto, a HL toma como diretriz o estabelecimento de um conjunto de fontes, sempre que estejam disponíveis, porque, do contrário, afirma Batista (2019), a investigação baseada exclusivamente em uma fonte pode obscurecer o alcance interpretativo da pesquisa.

Como especialidade metateórica das ciências da linguagem, a HL adota uma perspectiva fundada em princípios de trabalho bem definidos para adequar o tratamento de seu objeto, a história da Linguística (cf. Koerner, 2014), partindo da premissa de que o historiógrafo interessado em descrever e explicar o desenvolvimento histórico do conhecimento linguístico deve se pautar em um tipo de escrita cientificamente fundamentada (KOERNER, 1987), assim, do ponto de vista do campo, a HL tem uma preocupação epistemológica e metodológica: “Historiografia Linguística, ou Historiografia da Linguística, pode ser definida como a atividade, cientificamente fundamentada, de escrever a história do estudo sobre a linguagem (SWIGGERS, 2018, p. 47).

Assim, a interpretação do historiógrafo se constrói como uma reconstrução das ideias linguísticas apresentadas na forma de um texto, nomeadamente, em uma narrativa historiográfica. Caracterizamos a historiografia desenvolvida neste estudo como sintético-analítica, quanto à profundidade de análise, e narrativa, do ponto de vista do formato de exposição, como exposto no tópico **2.4 A narrativa historiográfica**. Como produto analítico, a narrativa se constitui como uma historiografia complexa, pois articula o estudo do parâmetro interno, ao mobilizar a categoria interpretativa de Cinosura, para compreender as definições linguísticas formuladas pelos atores sociais como linhas de investigação da Linguística geral, e como parâmetro externo, a partir da categoria de análise de Clima de opinião, para

relacionar aspectos relativos aos contextos de produção das abordagens dos atores sociais tendo em vista a interpretação da questão da influência de Paul sobre Saussure.

## 4.2 Periodização

Demarcar os limites temporais da investigação historiográfica é um dos procedimentos do historiógrafo. Batista (2019, p. 61-62) define periodização como o passo heurístico em que se definem “marcos temporais que determinam a inserção histórica das ideias linguísticas a serem analisadas e interpretadas”. Para a caracterização temporal desse estudo, operamos com uma periodização interna (também chamada de periodização maximalista) com base em ‘características definidoras’ internas ao problema de pesquisa que justificam as segmentações temporais adotadas (SWIGGERS, 2017). Em função de restrições internas impostas pelas datas de publicação das fontes de análise da pesquisa, adotamos uma periodização interna, definindo o ano de 1880 como recorte temporal inicial e, como marco temporal final, o ano de 1916.

A definição do ano de 1880 como marco temporal inicial para a investigação do problema da influência da produção linguística de Paul sobre Saussure se justifica por acontecimentos de ordens que merecem ser explicitadas. Em primeiro lugar, Paul publica a primeira edição de sua obra, os *Princípios fundamentais da história da língua*, texto-fonte para nossa análise, no ano de 1880. Enquanto a década de 1870 marca o surgimento do quadro de trabalho neogramático como grupo de especialidade, a década seguinte acompanha um duplo deslocamento: de um lado, a consolidação do quadro de trabalho Neogramático, do outro, ataques e críticas direcionadas ao grupo por três razões: i. o radicalismo do conceito de lei fonética como operação mecânica e sua não-excepcionalidade, situado no ‘epicentro do debate’ (CAUSSAT, 1978) e o papel secundário relegado à analogia como causa de perturbação da mudança regular (cf. SCHUCHARDT, 1885); ii. a ausência de discussão de fatores de conservação e de influência do substrato das línguas ao longo do tempo e iii. a exclusão de considerações sociais e culturais envolvidas nos processos de mudança linguística (SWIGGERS, 2017).

Também data do ano de 1880 a correspondência escrita por Saussure endereçada a Paul na qual o linguista genebrino agradece pelo recebimento da



primeira edição dos *Princípios* e informa seu desejo de escrever sobre aquela obra. Essa carta está armazenada na Biblioteca da Universidade de Munique, na Alemanha. Obtivemos acesso ao referido documento e adquirimos o direito de utilizá-la nesta pesquisa pelo envio digital. Outro acontecimento relevante que merece atenção nessa mesma década é a publicação da segunda edição dos *Princípios* publicada no ano de 1886<sup>74</sup>. Essa edição aumentada consideravelmente ganha suplementação de novos capítulos e prefácio que responde às críticas dirigidas à primeira edição de seu texto, ao mesmo tempo, a circulação do livro suscita interesse imediato de interlocutores<sup>75</sup>. Nesse mesmo ano, Saussure conclui seu doutorado na Universidade de Leipzig e se muda para Paris após sofrer acusação tácita por um número de linguistas representantes do grupo neogramático.

Consideramos que a insistência de Koerner (1971, 1975), mais especificamente Koerner (2008, 2020), em torno da hipótese de forte influência dos *Princípios* de Paul sobre a Linguística geral de Saussure, fornece muitos *insights* para nossos procedimentos de segmentação cronológica, mas também abre precedentes para pensar em acontecimentos e dinâmicas sociais não contempladas no interstício temporal delimitado pelo historiógrafo. A Linguística geral, expressão que figura no texto saussuriano, emerge como tema já na década de 1880 (AUROUX, 2000), por volta do mesmo tempo em que Saussure se despede da Universidade de Leipzig, reduto do grupo neogramático, para se tornar professor extraordinário – *Maitre de conférences* –, na *École Pratique des Hautes Études*, em Paris. Além disso, as experiências de formação acadêmica na Alemanha garantem ao linguista um polo propício para receber suas ideias linguísticas, tendo em vista a recém-institucionalização da pesquisa linguística na França.

Fixamos nossos marcos temporais intermediários entre 1890 e 1900 por causa do progressivo esgotamento do quadro de trabalho neogramático no centro de atração disciplinar da ciência da linguagem que, paulatinamente, termina com a dissolução, no fim dessa mesma década. Também nesse interstício, retorna a Genebra e ocupará o cargo de professor extraordinário e, mais tarde, após a aposentadoria do professor Wertheimer, até então encarregado deste curso, ao tomar posse da cátedra de professor de linguística geral e história e comparação das

---

<sup>74</sup> Como resultado de acordo ortográfico da língua alemã, o título do livro de Paul altera de *Prinzipien* para *Principien* a partir da terceira edição (1898).

<sup>75</sup> Ver Chen (2020) para compreender a influência das interações acadêmicas de Paul na história editorial dos *Princípios*.

línguas na Universidade de Genebra para dar início ao ensino de seus três cursos de Linguística geral. O marco temporal final se encerra com a data de publicação do *CLG*, no ano de 1916. Expomos os fatos antecedentes e os eventos que guiaram os critérios internos de delimitação temporal abaixo:

**Quadro 8 – Periodização de fatos históricos relevantes**

Fatos antecedentes relevantes	<ul style="list-style-type: none"> <li>a. Chegada de Paul em Leipzig;</li> <li>b. Chegada de Saussure em Leipzig para realizar cursos e desenvolver sua <i>Dissertação</i>;</li> <li>c. Surgimento do quadro de trabalho neogramático;</li> <li>d. Início do processo de institucionalização da pesquisa linguística em universidades europeias e nos Estados Unidos;</li> <li>e. Defesa e publicação do <i>Mémoire</i>;</li> </ul>
Marco inicial do recorte temporal – anos de 1880	<ul style="list-style-type: none"> <li>a. Consolidação e reconhecimento público de <i>scholars</i> alemães como grupo de especialidade;</li> <li>b. Intensos debates em torno do quadro de trabalho neogramático;</li> <li>c. Publicação da primeira edição dos <i>Princípios</i>;</li> <li>d. Mudança de Saussure para Paris;</li> <li>e. Correspondência de Saussure para Paul com confirmação do recebimento de exemplar dos <i>Princípios</i>;</li> <li>f. Provimento de cargo de Saussure como <i>maitre de conférences</i> na <i>École Pratique des Hautes Études</i>;</li> <li>g. Recensão manuscrita dos <i>Princípios</i> por Saussure;<sup>76</sup></li> <li>h. Publicação de segunda edição dos <i>Princípios</i>;</li> <li>i. Emergência da noção de Linguística geral por <i>scholars</i> alemães<sup>77</sup>.</li> </ul>
Marco intermediário do recorte temporal – anos de 1890 e 1900	<ul style="list-style-type: none"> <li>a. Apresentação de sinais de esgotamento do quadro de trabalho neogramático;</li> <li>b. Retorno de Saussure a Genebra para ocupação de cargo de professor extraordinário;</li> <li>c. Posse de cátedra de professor de linguística geral e de história e comparação das línguas indo-europeias por Saussure na Universidade de Genebra;</li> </ul>

<sup>76</sup> Devido à ausência de uma datação confiável do texto manuscrito, folha 71, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 374/2, não o situamos nesse quadro de periodização de fatos históricos relevantes apenas para respeitar sua configuração original. No entanto, conjecturamos que essa anotação possa ter sido escrita, em algum momento, nos anos de 1880. Essa exclusão no quadro não implica a exclusão da fonte histórica no *corpus* de análise.

<sup>77</sup> Auroux (2000) aponta que o tema de uma Linguística geral tem origem na Alemanha, notadamente, na primeira edição dos *Princípios* de Paul (1880), embora incerto de que pertença ao filólogo alemão o ‘pioneirismo’ dessa expressão. Para o historiador francês, Paul já “apresentava um projeto de linguística geral desde as primeiras linhas da Introdução dos *Princípios fundamentais da história da língua* (1880) (AUROUX, 2000, p. X)”.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>d. Encerramento do grupo neogramático;</li> <li>e. Ensino de três cursos de linguística geral</li> <li>f. Passamento de Saussure</li> </ul>
Marco final do recorte temporal – ano de 1916	<ul style="list-style-type: none"> <li>a. <i>Publicação do Curso</i></li> </ul>

Fonte: o autor, 2022

Com isso, concluímos a exposição dos limites temporais dessa investigação. Apresentamos, no próximo tópico, os critérios para seleção das fontes e o tratamento específico para os materiais como etapas de constituição da metodologia heurística.

### 4.3 Critérios para a seleção das fontes

Como definição para esta pesquisa, consideramos fontes históricas<sup>78</sup> os textos escritos como campos de evidência de reconstrução do passado para o problema do presente do historiógrafo, uma vez que, ao se referir à operação de seleção da documentação histórica, Barros (2019, p. 15) esclarece que a fonte histórica “pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente”. Concebe-se as fontes como elementos fundamentais para o historiógrafo porque expõem os produtos que os sujeitos produziram sobre a linguagem e as línguas em determinados recortes temporais (BATISTA, 2013). Assim, os objetos primários que devem ser estudados pelo historiógrafo são os textos, publicados ou não, concebidos como “o reflexo (ou depósito) material’ da história da Linguística” (SWIGGERS, 2013, p. 41-42).

Em relação às fontes, selecionamos documentações de dois agentes sociais: Hermann Paul e Ferdinand de Saussure. Para a construção da base documental (SWIGGERS, 2013), classificamos nossas fontes em dois campos de evidência: i. os textos-fonte de análise correspondentes às produções de Paul e ii. os textos-alvo

<sup>78</sup> Adotamos, a partir de Barros (2019), as expressões “fontes históricas” e “documentos históricos” alternadamente como expressões praticamente sinônimas no âmbito desta historiografia.

são constituídos pelos textos saussurianos. É fundamental esclarecer que as seleções do *corpus* de análise foram orientadas pelo próprio objeto de análise e, parcialmente, por diretrizes metodológicas impostas pelo problema de pesquisa.

Utilizamos dois critérios de posição de fontes históricas (BARROS, 2019) para definir o *corpus* de análise da investigação, a saber, o prestígio e a marginalidade<sup>79</sup>, para evitar os perigos de “abordagens tradicionais que tendem a privilegiar o que é considerado canônico na transmissão de informações e dados sobre o conhecimento linguístico” (BATISTA, 2021, p. 59). Pelo critério de prestígio, selecionamos o livro *Princípios fundamentais da história da língua* (1880), tomado como texto-fonte. As avaliações retrospectivas desse material histórico situam a obra de Paul em posição canônica<sup>80</sup> se consideramos o sucesso de edições e reimpressões dessa obra e a demasiada atenção dispensada por Koerner (1971, 1975, 2008, 2022) que apontou como fonte de inspiração para a elaboração das ideias de Linguística geral de Saussure.

Ao todo, foram coletadas três fontes em que se encontram evidência direta que Saussure foi leitor dos *Princípios*, índice metodológico principal para detecção de uma influência em HL (cf. KOERNER, 1978). Ainda pelo critério de prestígio, chegamos ao *Curso de Linguística geral*, de autoria póstuma atribuída a Saussure, tomado como o primeiro texto-alvo.

Sua posição avaliativa contemporânea é canônica. Tal obra resulta da síntese e reconstrução de Charles Bally e Albert Sechehaye, que se valeram das anotações tomadas pelos alunos participantes dos três cursos de Linguística geral, ministrados por Saussure, na Universidade de Genebra, nos anos de 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911, para produzir essa obra. Como já dito, Koerner (1971, 1972, 2008) afirma ter encontrado diversas afinidades com as ideias de Paul divulgadas em seus *Princípios* com esse texto saussuriano.

Pelo critério de marginalidade, selecionamos três materiais, a saber, uma correspondência e dois textos manuscritos concebidos como fontes-alvo de análise.

---

<sup>79</sup> Não se pode negar que os historiadores da linguística têm se apoiado em “grandes textos” do passado frequentemente demais. Como consequência, nossa história tem sido uma história altamente convencional. Entretanto, as fontes consideradas “marginais” frequentemente iluminam o *background* institucional, ideológico e pessoal das ideias e das teorias linguísticas. Neste caso, frequentemente atingimos o estado emergente das ideias e modelos ou as reflexões sobre as práticas científicas que nunca são encontradas nas fontes canônicas publicadas (SWIGGERS, 2010, p. 2).

<sup>80</sup> Pode-se objetar, de fato, que a posição relativa dos *Princípios* foi alterada ao longo da história da Linguística, na passagem do século XIX para o XX. Koerner (2014) aponta que a prática de apagamento histórico de Paul e de sua obra se inicia com a narrativa de Pedersen (1962).

O documento epistolar, datado de 4 de novembro de 1880, foi escrito por Saussure para agradecer a Paul pelo envio de um exemplar da primeira edição dos *Princípios*. A carta foi adquirida em 1988 e está conservada na Universitätsbibliothek - Ludwig-Maximilians-Universität München, no Nachlass H.Paul 2 acc.V. Esse documento foi rastreado através de indicações de Koerner (2020) e adquirido como cópia digital no dia 4 de janeiro de 2022<sup>81</sup>.

Um dos textos autógrafos de Saussure<sup>82</sup> foi escrito em 28 de abril de 1883<sup>83</sup> e o segundo não possui datação escrita<sup>84</sup>. Ambos os textos foram disponibilizados, no ano de 1996<sup>85</sup>, para o Departamento de manuscritos, da Bibliothèque de Genève, onde estão conservados pelos códigos Archives de Saussure 374, Cahier 1 e Archives de Saussure 374, Cahier 2, respectivamente. Foram buscados através de indicações de Koerner (2020) e Joseph (2012) e adquiridos, como cópias digitais, no dia 23 de maio de 2022. Tais documentos figuram como fontes históricas muito importantes para o objeto desta pesquisa, na medida em que a correspondência aponta um fato histórico relevante, o recebimento do livro de Paul e, os manuscritos fazem referências diretas a noções da abordagem linguística de Paul tal como exposta em seus *Princípios*.

Como já explorado no tópico **2.5 Fontes históricas e métodos de análise**, a evidência textual é um dos índices mais fortes para argumentar a favor de uma influência entre atores sociais na complexa dinâmica da história da linguística (KOERNER, 1978). As três fontes marginais que se tornaram conhecidas a partir do trabalho posterior de Koerner (2020) não integraram as seções analíticas já previstas<sup>86</sup>, tampouco foram exploradas, levando-se em conta os desenvolvimentos contextuais e a sua relação com a emergência da Linguística geral.

Selecionada o tipo de historiografia sintético-analítico para escrita interpretativa dessa pesquisa, utilizamos dois critérios de inclusão das fontes: o critério de posição de fontes indiretas e de acessibilidade (BARROS, 2019) para

---

<sup>81</sup> Agradeço à curadora do material, Irene Friedl, e à Biblioteca da Universidade Luís Maximiliano de Munique (LMU) por terem concedido a utilização desse material em minha Dissertação de Mestrado.

<sup>82</sup> Na folha, tem uma referência no topo da página que diz “Sr. Manan. Comunicação para a Soc. de Biologia de Paris em 28 de abril de 1883. Caso de cegueira verbal”.

<sup>83</sup> Gostaria de agradecer à curadora dos materiais, Paule Hochuli Dubuis, pelos materiais.

<sup>84</sup> No âmbito desta pesquisa, lidaremos apenas com a correspondência e com o texto manuscrito com datação, tendo em vista a exequibilidade da pesquisa no curso de Mestrado.

<sup>85</sup> O manuscrito está arquivado e se compõe do arquivo, composto por um volume de folhas datadas entre 1877 e 1885,

<sup>86</sup> Com efeito, a estrutura geral de exposição da historiografia de Koerner (1971) foi pouco alterada ao longo de 40 anos de pesquisa sobre o tema (cf. KOERNER, 1972, 2008, 2020).

selecionar historiografias concebidas como fontes históricas de análise. É importa destacar que na etapa heurística de pesquisa, não foram encontrados textos em língua portuguesa que contemplem o estudo da Linguística geral com a atmosfera intelectual da ciência da linguagem no final século XIX, em realidade, os manuais de Linguística tendem a privilegiar uma concepção de história orientada pelo modelo de revoluções científicas (KUHN, 2017, [1962]), apresentando o paradigma estruturalista, desenvolvido no século XX, como sucessor da orientação histórico-comparativa, em Linguística (cf. Martelotta, 2008).

Tal conjuntura limitou as escolhas documentais e, inversamente, motivou a escolha do critério de acessibilidade para seleção das fontes historiográficas. Justificadas as opções, observamos que a Epi-historiografia, como domínio situado lateralmente à HL, caracteriza-se pelo apoio dado à atividade descritiva do conhecimento linguístico produzido, inclusive nas atividades de documentação, pois “integra informações produzidas por historiógrafos e tem um efeito “reativo” na qualidade e profundidade da pesquisa historiográfica” (SWIGGERS, 2019). Nesse sentido, as historiografias puderam fornecer uma descrição aprofundada de elementos do Clima de opinião que influenciaram a ciência da linguagem no fim do século XIX, concatenadas, assim, ao objeto de pesquisa.

Como fontes indiretas, selecionamos dois textos intitulados i. *Os Neogramáticos e os novos começos*<sup>87</sup> e ii. *O fim do século: perspectivas gerais*<sup>88</sup>, da obra *History of Linguistics: Nineteenth-Century Linguistics* (2000), escrito pela historiógrafa e filóloga inglesa Morpurgo Davies. Nesses capítulos, a pesquisadora investiga particularmente a história da Linguística do século XIX e procede com o exame específico dos desenvolvimentos e processos científicos que culminaram na emergência da Linguística geral e, eventualmente, à fragmentação da tradição de pesquisa histórico-comparativa. Essa obra contempla com profundidade aspectos da formação da Linguística oitocentista “ressaltando, particularmente, alguns aspectos que são deixados nas sombras em apresentações tradicionais” (LEPSCHY, 2000, p. xv).

Também foram selecionados, para compor a base documental, quatro textos que compõem o terceiro tomo da coleção *Histoire des idées linguistiques: L'hégémonie du comparatisme* (AUROUX, 2000), a saber: i. *As antinomias*

---

<sup>87</sup> Tradução nossa de: *The neogrammarians and the new beginnings*

<sup>88</sup> Tradução nossa de: *The end of the century: general perspectives*

*metodológicas*<sup>89</sup>, de autoria do historiador Auroux; ii. *A questão de uma ciência geral*<sup>90</sup>; iii. *Os temas da Linguística geral*<sup>91</sup> e iv. *A generalidade dos princípios*<sup>92</sup>. O primeiro texto desse conjunto foi escrito por Auroux (2000), editor de uma coletânea de três tomos sobre a história do pensamento sobre a linguagem (AUROUX, 1998, 1999, 2000) e de grande reconhecimento no campo da História das Ideias Linguísticas<sup>93</sup>, domínio em que ocupa posição de líder organizacional (cf. Leite, 2019). Neste texto, o historiador discorre sobre os acontecimentos socioculturais e científicos gerados desde o advento do quadro de trabalho neogramático, assim como a crise de fundamentos que enfrentou a comunidade científica, no último quartel do século XIX. Os três últimos textos foram escritos por Normand, historiadora e pesquisadora de grande envergadura dos estudos saussurianos, a autora elabora uma reflexão sobre a Linguística geral situada historicamente sua emergência e abordando os temas e caminhos de trabalho perseguidos pelos linguistas no final do século XIX.

Do ponto de vista dessas seleções historiográficas, entendemos que, ao escolher historiografias que discutem o contexto de emergência da Linguística geral e se constituem como textos individuais e obras coletivas de referência no campo da HL e da História das Ideias Linguísticas (cf. Swiggers, 2018), também evitamos de incorrer no equívoco de selecionar interpretações que inevitavelmente podem refletir uma concepção específica de história da Linguística “como uma sucessão de enunciados explícitos sobre a história ou sobre os modelos de análise das línguas [...] esses manuais não explicitam o critério de seleção utilizado para incluir (ou excluir) esta ou aquela teoria” (ALTMAN, 2019, p. 19 meus grifos).

Apresentamos as fontes diretas e indiretas selecionadas para compor a base documento desta investigação historiográfica nas tabelas abaixo:

**Quadro 9 – Seleção de fontes de autoria de Paul**

Título	Tipo de material	Ano de produção
--------	------------------	-----------------

<sup>89</sup> Tradução nossa de: *Les antinomies méthologiques*.

<sup>90</sup> Tradução nossa de: *La question d'une science générale*

<sup>91</sup> Tradução nossa de: *Les thèmes de la linguistique générale*

<sup>92</sup> Tradução nossa de: *La généralité des principes*

<sup>93</sup> A História das Ideias Linguísticas mantém relações especiais com o quadro de trabalho da HL e podem ser consideradas como perspectivas de análise co-ocorrentes, com algumas aproximações e diferenças epistemológicas no âmbito dos pressupostos teóricos, objetos e métodos (LEITE, 2019).

<i>Princípios fundamentais da história da língua</i>	Livro – primeira edição	1880
--	-------------------------	------

Fonte: o autor, 2022

**Quadro 10 – Seleção de fontes de autoria de Saussure**

<b>Título</b>	<b>Tipo de material</b>	<b>Ano de produção</b>
Não há título	Correspondência	1880
Comunicação para a Sociedade de Biologia de Paris	Anotação manuscrita	1883
<i>Curso de Linguística Geral</i>	Livro – segunda edição	1922

Fonte: o autor, 2022

**Quadro 11 – Seleção de fontes historiográficas**

<b>Título</b>	<b>Tipo de material</b>	<b>Ano de publicação</b>
<i>Os Neogramáticos e os novos começos</i>	Capítulo de livro	2000
<i>O fim do século: perspectivas gerais</i>	Capítulo de livro	2000
<i>As antinomias metodológicas</i>	Capítulo de livro	2000
<i>A questão de uma ciência geral</i>	Capítulo de livro	2000
<i>Os temas da Linguística geral</i>	Capítulo de livro	2000



<i>A generalidade dos princípios</i>	Capítulo de livro	2000
--------------------------------------	-------------------	------

Fonte: o autor, 2022

Com isso, finalizamos a explicitação da metodologia heurística enunciada no início deste capítulo. Partimos para a apresentação dos parâmetros e categorias interpretativas de nossa análise, bem como a exposição dos procedimentos empregados na metodologia hermenêutica e na metodologia para escrita da história.

#### **4.4 A metodologia do trabalho historiográfico**

Swiggers (2004) define três etapas indispensáveis para a metodologia geral da pesquisa historiográfica, a saber, i. a metodologia heurística; ii. metodologia hermenêutica e iii. metodologia para escrever a história, conforme discutido no tópico **2.5 Fontes históricas e métodos de análise**. Para organizar a investigação, na visão do autor, parte-se da metodologia heurística, que compreende a busca e a leitura dos textos-fontes que, por sua vez, compõem a base documental da investigação (cf. SWIGGERS, 2013), assim como o estabelecimento da fortuna crítica e da documentação marginal, além do estudo geral da história dos textos e a contextualização das ideias.

Na etapa subsequente, a fase hermenêutica, realizam-se os processos de análise e de interpretação contextualizada das fontes históricas por meio de categorias interpretativas. Por fim, a metodologia para escrever a história<sup>94</sup> do conhecimento linguístico se constitui de esforços do historiógrafo para demonstrar os resultados da análise na forma de reconstrução sistemática do passado linguístico.

Com vistas à explicitação dos passos perseguidos como princípios metodológicos gerais, expomos nossas escolhas relativas ao processo de delimitação cronológica no tópico seguinte.

#### **4.5 Parâmetros e categorias de análise**

Para a construção da metodologia hermenêutica, consideramos fundamental entender a imprecisão do emprego do termo “influência” e sua subsequente

<sup>94</sup> Denominada também fase executiva (SWIGGERS, 2013).

operacionalização, para elaborar um instrumento conceitual-interpretativo para o quadro de trabalho desta pesquisa, i.e., uma seleção de categorias interpretativas que possibilitam a compreensão dos dados para o estudo da questão da influência de Paul sobre Saussure.

Como apresentado no tópico, **2.2 História da Linguística e Historiografia Linguística**, a história dos conhecimentos produzidos sobre a linguagem e as línguas se correlaciona com acontecimentos de ordem social, institucional e, portanto, demanda uma colaboração interdisciplinar para obter o ideal interpretativo, haja vista “a vocação interdisciplinar da Historiografia da Linguística, que opera uma relação permanente entre análise de determinado trabalho e análise de contextos de diferentes naturezas” (BATISTA, 2013, p. 95).

Para organizar os fatos históricos e orientar a condução da pesquisa, seguimos a afirmação de Perelman (1969, p. 146) que destaca a indispensabilidade de categorias interpretativas na comunicação entre historiógrafos, pois o “uso de categorias e o reconhecimento de que essas categorias podem ser concebidas de várias maneiras torna o diálogo entre historiadores possível e essencial”<sup>95</sup>. Destarte, o estudo historiográfico não pode prescindir de categorias como unidades de classificação (SWIGGERS, 2009).

Para caracterizar as diretrizes desta narrativa historiográfica, como parte do processo de construção da metodologia hermenêutica, distinguimos entre parâmetros de análise interno e externo como dimensões complementares na medida que os conteúdos cognitivos e sociais se implicam indissolúvelmente na articulação das dimensões. Mobilizamos a categoria de análise Cinosura (HYMES, 1974) como parâmetro interno de pesquisa e elegemos a categoria Clima de opinião (BECKER, 1932) como parâmetro externo.

Ainda que a pesquisa privilegie o estudo da dimensão social em que os conhecimentos foram produzidos, consideradas as contribuições das pesquisas de Koerner (1971, 1972, 2008, 2020) a respeito do tema da influência de Paul sobre Saussure, partimos da premissa de que os processos de desenvolvimento da História da Linguística se revestem de temporalidade em contextos sociais específicos em que ideias sobre a linguagem e as línguas foram formuladas.

---

<sup>95</sup> Tradução nossa de: «C'est l'usage indispensable de catégories et la reconnaissance du fait que ces catégories, en tant qu'œuvre humaine, peuvent être conçues de diverses façon, qui rendent le dialogue entre historiens à la fois possible et indispensable».

Tendo em vista que o contexto de produção da Linguística geral se constitui como uma questão historiográfica central para interpretação do problema de pesquisa, nossa reconstituição do Clima de opinião privilegiou a reconstrução de aspectos i. da atmosfera intelectual; ii. das tendências filosóficas e iii. das tendências científicas. Utilizamos a *Cinosura* como categoria analítico-interpretativa para investigar as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure e compreender como os atores sociais definem suas ideias sobre os fenômenos linguísticos em torno dos seguintes aspectos: i. definição de objeto científico e ii. a concepção fenômeno linguístico. No quadro abaixo, apresentamos as categorias de análise em seus respectivos eixos de investigação.

**Quadro 12 – Distribuição das categorias de análise nos eixos interno e externo**

<b>DIMENSÃO INTERNA</b>	<i>Cinosura</i>	<i>Concepção de fenômeno linguístico</i>
		<i>Definição de objeto científico</i>
<b>DIMENSÃO EXTERNA</b>	<i>Clima de opinião</i>	<i>Atmosfera intelectual da Linguística</i>
		<i>Tendências filosóficas</i>
		<i>Tendências científicas</i>

Fonte: o autor, 2023

Finalizada a apresentação da metodologia hermenêutica, expomos as etapas práticas adotadas na constituição da metodologia para escrita da história, abordada no tópico a seguir.

#### **4.6 Procedimentos metodológicos**

Nesse tópico, caracterizamos os procedimentos de análise desenvolvidos nesta pesquisa para organizar as discussões analíticas em função das categorias de análise, dos objetivos assumidos e das perguntas de pesquisa. Para tanto, consideramos que a definição dos procedimentos depende reciprocamente do fazer

historiográfico “os procedimentos metodológicos que orientam uma pesquisa em HL são definidos pelo historiógrafo em sua própria prática de pesquisa” (BATISTA, 2020, p. 96).

Dividimos nossos procedimentos em três movimentos ou etapas. O primeiro movimento, de caráter sintético-narrativo, foi guiado pela categoria de Clima de opinião em que estabelecemos relações entre tendências filosóficas, científicas e a atmosfera intelectual da ciência da linguagem com o processo histórico de emergência da Linguística geral, no final do século XIX, a partir da recensão sistemática desses elementos descritos nas fontes indiretas. A partir da categoria de Cinosura, cobrimos especialmente os tópicos **5.1 A tradição de pesquisa organicista em Linguística e o gerenciamento de uma crise** e **5.2 O advento do quadro de trabalho neogramático e a emergência da Linguística geral**, ainda que eventualmente façamos referência à segunda categoria, a Cinosura.

Em seguida, iniciamos o segundo movimento de análise. Norteado pela categoria de Cinosura, adotamos uma prática analítica dos textos e comparamos as abordagens teóricas de Paul e Saussure, estabelecendo as definições de objeto científico e a concepção de fenômeno linguístico materializadas nas fontes diretas com o objetivo de verificar os interesses e delimitações epistemológicas no tópico **5.3 A constituição da Linguística geral em duas linhas de investigação: Paul e Saussure**. Finalmente, fizemos um último movimento de síntese para interpretar a questão da influência de Paul em um eixo de tradições de pesquisa e descontinuidades na história da Linguística, na seção **6. Considerações finais**.

## 5 A QUESTÃO DA INFLUÊNCIA: O FIM DO SÉCULO XIX E AS ABORDAGENS DE LINGUÍSTICA GERAL DE PAUL E DE SAUSSURE

Não há dúvida de que, no início, a chegada a Paris constituiu para Saussure uma retirada estratégica após o fracasso acadêmico sofrido na Alemanha. Mas ele parece ter formado muito rapidamente ao seu redor um grupo ativo que respondeu aos seus desejos (MILNER, 2003, p. 19).<sup>96</sup>

Nesta seção, apresentamos os textos-fonte e textos-alvo de análise contextualizando-os para comparar as ideias linguísticas de Paul e de Saussure para a Linguística geral. Em função da ausência de um dispositivo teórico para a investigação sobre o fenômeno da influência, mobilizamos as categorias analítico-interpretativas de Clima de opinião (BECKER, 1932) e de Cinosura (HYMES, 1974) para interpretar a questão da influência de Paul sobre Saussure.

Considerando nossa hipótese e os objetivos de pesquisa, organizamos a seção analítica em três tópicos, a saber: 5.1 A tradição de pesquisa organicista em Linguística; 5.2 A O gerenciamento da crise com o advento do quadro de trabalho neogramático 5.3 A emergência da Linguística geral e duas linhas de investigação: Paul e Saussure. Esses tópicos mantêm uma relação narrativa-sequencial e analítica para garantir o desenvolvimento da argumentação historiográfica e a articulação com a categorias analíticas. Começamos pela primeira categoria, o Clima de opinião.

### 5.1 A tradição de pesquisa organicista em Linguística e o gerenciamento de uma crise

Antes de apresentar o contexto geral em que se situava a Linguística no último quartel do século XIX, é necessário situar a herança schleicheriana legada pela geração de linguistas organizados a partir da década 1870 e centrados em torno da Linguística histórico-comparativa alemã. Como se sabe, o *leitmotiv* da comunidade de *scholars* na época foi o estudo da mudança linguística, i.e., a investigação da mudança com o objetivo de estabelecer parentescos genéticos das

---

<sup>96</sup> Tradução nossa de: «No cabe la menor duda de que, al comienzo, la llegada a París constituye para Saussure un repliegue estratégico tras el fracasso académico sufrido en Alemania. Pero parece haber formado muy rápidamente a su alrededor un grupo activo que respondía a sus anhelos».

línguas indo-europeias através da comparação e da reconstrução de aspectos morfológicos e fonéticos.

Com o sucesso das pesquisas da Gramática Comparada, abundantes em número e informações sobre as línguas, Schleicher, maior representante da tradição de pesquisa organicista leva a metáfora naturalista ao máximo ao afirmar que as línguas seriam como organismos vivos, com vida e desenvolvimento próprios. Em um momento em que a disciplina se expande, Schleicher determina para si mesmo a tarefa de escrever um *Compêndio comparativo das línguas indo-europeias* (1861-1862) capaz de fornecer uma visão geral e sistemática das pesquisas linguísticas anteriores e propor inovações de método (cf. Morpurgo Davies, 1998).

Nesse momento, a institucionalização da disciplina nas universidades alemãs ainda luta contra a tradição de pesquisa e ensino de Filológica Clássica, apesar do crescente sucesso e da longevidade de pesquisas comparatistas. Jankowsky (2001) reflete o clima de opinião da ciência neste momento:

A maioria daqueles que buscaram o estudo da linguagem – tentando competir com os procedimentos bem-sucedidos das ciências naturais – cresceram confiantes de que essa competição por chegar a um estágio em que os resultados ótimos poderiam se tornar a regra geral, em vez de meramente seja a exceção singular (JANKOWSKY, 2001, p. 1326)<sup>97</sup>.

É fundamental fazer um recuo para a metade do século XIX e recuperar o papel que a abordagem organicista de Schleicher ocupou justamente porque os manuais de linguística tendem a representar suas ideias sobre a linguagem como uma tentativa bastante frustrada de caracterizar o estudo da mudança aproximando-o do método seguido pelas ciências naturais, notadamente da botânica. E essas são considerações também possíveis de serem feitas, porém Schleicher não foi o primeiro a propor metáforas dessa natureza. Pelo contrário, antes dele, a Gramática Comparada já havia preparado o território para receber uma identidade organicista (cf. Schlegel, 1808), apesar da forte inclinação para o trabalho técnico.

Assim, o organicismo desempenhou um papel de modelo de referência para explicação de processos linguísticos. Como explica Morpurgo Davies (1998), existe pelo menos uma interpretação que será predominante no contexto da Linguística

---

<sup>97</sup> Tradução nossa de: The majority of those who pursued the study of language - trying to compete with the successful procedures of the natural sciences - grew confident that this competition would eventually reach a stage where optimal results could become the general rule rather than merely be the singular exception.

alemã: a concepção de organismo como uma entidade que, determinado por leis internas tem, portanto, um desenvolvimento autônomo. A adesão dessa concepção certamente trouxe consequências para a ciência da linguagem de longo alcance. Vejamos as consequências dessa concepção.

No século XIX, a concepção de língua é paulatinamente desvinculada da noção de instrumento de comunicação e começa a ser vista como uma entidade com existência e história explicadas em termos de leis internas. Não demorará para ganhar o estatuto de fenômeno, com uma grande questão a ser enfrentada pela comunidade científica. Assim, a experiência dos linguistas com a empiria os levará a se aproximarem cada vez mais da observação pormenorizada dos dados como uma prática metodológica adequada para o desenvolvimento da pesquisa histórico-comparativa.

Esse aspecto do Clima de opinião moldará grande parte da comunidade linguística e trará desdobramentos ao longo século XIX. Tendo em vista o compromisso com a cientificidade, a Linguística deverá formular, então, uma hipótese baseada no dado empírico e, para tanto, precisará sustentar uma visão científica rigorosamente fundada em um método de análise que garanta resultados regulares e atestáveis.

É nesse contexto que Schleicher tentará organizar e sistematizar as intuições dos comparatistas anteriores com sua abordagem genética e sua Teoria da árvore genealógica (JANKOWSKY, 2001). Foi efetivamente o primeiro estudioso dessa geração a tirar grandes conclusões de trabalhos anteriores. Fato histórico de que não se pode prescindir: Schleicher demonstrou ter preocupações gerais sobre a natureza do método e do objeto dessa ciência que estava em expansão na metade do século (cf. Normand, 2000). Nesse sentido, assume a tarefa de descrever as regularidades observadas nas mudanças das línguas em termos de leis<sup>98</sup>.

No início da década 1860<sup>99</sup>, Schleicher escreve um *Compêndio da gramática comparativa das línguas indo-europeias* (1861-1862) e, mais do que apenas apresentar os avanços do campo, propõe inovações metodológicas profundas no campo da Gramática Comparada ao afirmar a necessidade de reconstruir estágios

---

<sup>98</sup> O trabalho de Grimm (1822) sobre as correspondências fonéticas das línguas germânicas certamente favoreceu a elaboração da premissa de que as mudanças sonoras ocorreriam regularmente.

<sup>99</sup> Jankowsky (2001) afirma que declarações programáticas a favor da reconstrução de estágios de línguas do passado já haviam sido proferidas em Schleicher em 1848 e 1850.

não atestados de línguas remotas, assim como as formas da língua original hipotética que teria gerado todas as demais, a protolíngua indo-europeia. Não é surpresa, portanto, que Hoenigswald (1963, p. 5-6) compreenda a posição de papel Schleicher como aquele que marca “o passo da ‘gramática comparativa’ no sentido literal para o ‘Método Comparativo’”.

Para demonstrar seu modelo organicista e seu método, o linguista elaborou o diagrama da árvore genealógica, conceito nomeado de *Stammbaumtheorie*<sup>100</sup>, que lhe rendeu bastante produtividade e também polêmica. Nesse tipo de diagrama, podem ser observadas dinâmicas de preservação e de mudança das línguas em relações de parentesco linguístico. Nesse sentido, elementos de retenção e de inovação que teriam pertencido à língua original, o protoindo-europeu, podem ser reconhecidos nas estruturas de línguas indo-europeias individuais.

Sua reconstrução histórica pressupunha a adesão à crença no princípio da regularidade – que as mudanças sonoras ocorrem com regularidade – que ele aplicou de forma mais rigorosa e consistente do que qualquer um de seus predecessores (JANKOWSKY, 2001, p. 1328)<sup>101</sup>.

Schleicher parte da premissa de que teria havido um antepassado comum às línguas da Europa e do sânscrito, hipótese que ficará conhecida como a hipótese da língua indo-europeia. Em sua reflexão teórica, existe o entendimento de que a língua, ao mudar, deteriora-se e, para remontar ao período pré-histórico da língua flexional, considerada como o estágio máximo de perfeição, seguido de um período histórico, considerado como período de declínio da língua e um outro período. Propõe o autor, então, a reconstrução de formas hipotéticas do indo-europeu com base nas formas de línguas-filhas.

Em seu trabalho de reconstrução, Schleicher aplicou o princípio de que as mudanças sonoras ocorrem com certa regularidade com o objetivo de aplicar o método de reconstrução para chegar a estágios de línguas passadas e, até mesmo a formas do protoindo-europeu. Para tanto, precisou assumir a “estrita aderência às leis regulares de mudança de som” (JANKOWSKY, 2000, p. 1328) como procedimento metodológico de análise e termina por privilegiar o domínio fisiológico

---

<sup>100</sup> Teoria da árvore familiar ou genealógica.

<sup>101</sup> Tradução nossa de: His historical reconstruction presupposed adherence to the belief in the regularity principle - that sound changes proceed with regularity - which he applied more rigorously and more consistently than any of his predecessors.



em especial, excluindo toda consideração sobre as dimensões significativas e comunicativas da linguagem.

A mudança linguística chamará a atenção exatamente por causa da autonomia do fenômeno, tendo em vista que as línguas mudam e a evolução acontece no interior delas, fato que dispensa quaisquer considerações a respeito da sociedade e da história. Tal como um evento natural, o caráter autônomo do desenvolvimento das línguas será visto como sendo regido por uma história interna e teleológica, assim como o organismo que nasce, desenvolve e morre. Assim, deve-se conceber as leis da linguagem como regidas por leis semelhantes às leis naturais.

Como afirmamos no início deste tópico, se as metáforas organicistas começam a acentuar a visão de que línguas nada tem a ver com a consciência de quem as fala, com Schleicher, essa separação será muito mais radicalizada, na medida em que o autor explicará a mudança, independentemente do sujeito, como se a evolução das línguas pudesse contar com um desenvolvimento interno próprio.

Essas proposições teóricas de Schleicher e da tradição organicista logo receberiam fortes críticas, entre elas, a redução do objeto da Linguística ao estudo da evolução dos sons no curso do tempo e o apagamento da dimensão humana na linguagem. Do ponto de vista do plano dos fenômenos, há um distanciamento que afasta a língua da interferência e intencionalidade humana (MORPURGO DAVIES, 1998).

A proposta de Schleicher enfrentou fortes críticas contra vários dos princípios básicos, dentre eles, os ataques de Osthoff e Brugmann (1878). Para esses linguistas, seria fundamental refazer toda a reconstrução do sistema de fonologia indo-europeia, mas o aspecto fundamental de objeção recai sobre o lugar do desenvolvimento da linguagem como um organismo. Se, por um lado, há uma reação da comunidade científica à tradição sistematizada com Schleicher, vale dizer, uma reação contra sua teoria da linguagem organicista<sup>102</sup>, a reação do grupo neogramático, notadamente no primeiro pronunciamento, foi dirigida ao linguista em função “arrogância juvenil e predisposição patricida [Osthoff e Brugmann] estavam

---

<sup>102</sup> Whitney (1867) foi o primeiro a polemizar a concepção organicista da língua e a proferir ataques massivos a Schleicher.

prontos para ignorar completamente sua dívida para com Schleicher ou para ridicularizá-lo” (KOERNER, 1989, p. 338 meus acréscimos)<sup>103</sup>.

Jankowsky (2001) entende a crise de 1860 como bem gerenciada, porém, do nosso ponto de vista, há uma segunda crise invisível que começa a ser enfrentada pela comunidade linguística e que parecerá, em um primeiro momento, como bem solucionada a partir do advento do quadro de trabalho neogramático. Se há uma crise de fundamentos na Linguística do século XIX, especificamente entre os anos 1870-1870 (AUROUX, 2000), parece que ela começa a se instaurar com a promessa de descontinuação com a abordagem teórica de Schleicher e, principalmente com as práticas metodológicas de investigação linguística propostas pelo grupo neogramático.

Concluimos esse tópico com a compreensão de que: i. as ideias linguísticas de Schleicher forneceram um quadro de referência para sistematização dos avanços da Linguística histórico-comparativa e ii. os princípios metodológicos para a reconstrução de formas hipotéticas do protoindo-europeu estavam fortemente associados à prática de aplicação de leis regulares de evolução do som. Como veremos no tópico seguinte, o advento do quadro de trabalho neogramático também

## **5.2 O advento do quadro de trabalho neogramático e a emergência da Linguística geral**

Com o objetivo de estabelecer relações entre o Clima de opinião e a emergência da Linguística geral, desenvolvemos nesse tópico uma reconstrução dos elementos que influenciaram a ciência da linguagem no último quartel do século XIX. Privilegiamos a discussão da Linguística geral partindo do pressuposto de que os primeiros pronunciamentos do grupo neogramático e o debate em torno das leis fonéticas alteraram profundamente a atmosfera intelectual do campo, provocando, assim, uma crise de fundamentos que culmina com a emergência da Linguística geral.

Auroux (2000, p. 410) assinala que é justamente nesse período de destaque, entre os anos 1870 e 1880, que ocorre um “ponto de virada decisivo nas ciências da linguagem”<sup>104</sup>, por efeito do advento do quadro de trabalho neogramático que impõe

---

<sup>103</sup> Tradução nossa de: in their youthful arrogance and patricidal predisposition were ready to either completely ignore their debt to Schleicher or to ridicule him

<sup>104</sup> Tradução nossa de: un tournant décisif dans les sciences du langage

a disciplina Histórico-Comparativa nas universidades alemãs. E, simultaneamente, a Linguística enfrenta uma perturbação originada pela querela sobre as leis fonéticas “em pleno sucesso, a Linguística sofreu uma crise fundamental sem precedentes” (AUROUX, 2000, p. 411)<sup>105</sup>, questão que alterará o desenvolvimento das ciências da linguagem na passagem do século XIX.

Como explica o historiador, os linguistas se ocuparam do desenvolvimento fonético do protoindo-europeu, em um período em que a comunidade parecia aceitar o conhecimento fonético como base heurística para a prática de reconstrução linguística, dado o investimento na fonética a partir da metade do século (MORPURGO DAVIES, 1998). Como se sabe, a tese da anterioridade do pluralismo vocálico é um elemento decisivo para a revisão do sistema de vogais da língua hipotética<sup>106</sup>, mas esses aspectos se referem diretamente aos resultados da Linguística histórica, especialmente, os estudos do indo-europeu, e apenas indiretamente se relacionam com problemas gerais ligados à constituição do campo da Linguística.

Esse aspecto do Clima de opinião é produtivo e aparentemente aceito pelos linguistas da época como resultado de uma experiência coletiva de que a mudança sonora percebida em dois estágios de uma mesma língua poderia ser descrita sob a forma de leis regulares. Como discutimos no tópico **5.1 A tradição de pesquisa organicista em Linguística e o gerenciamento de uma crise**, Schleicher foi o principal proponente da hipótese de que “a metodologia [da Linguística Histórico-comparativa] poderia chegar extremamente perto da exatidão daquela das ciências naturais” (JANKOWSKY, 1990, p. 223).<sup>107</sup>

Em 1876, a Linguística começa a disputa em torno das leis fonéticas. Ironicamente, a formulação de leis como obedecendo a um princípio mecânico não foi exatamente a única razão para os debates, mas conduzem à necessidade de

---

<sup>105</sup> Tradução nossa de: En plein succès, la linguistique subit une crise de fondement sans précédent

<sup>106</sup> Jankowsky (2001) avalia que o trabalho de reconstrução hipotética do protoindo-europeu com as consoantes se revelou, para Schleicher, muito menos problemático do que com as vogais. De fato, sem a lei de Verner e a lei dos palatais, desenvolvidas em meados da década de 1870, além, da concepção de que a língua original teria um conjunto de vogais mais simples - a tríade *a i u* -, a reconstrução das vogais apresentaria irregularidades incompatíveis com a realidade dos fatos linguísticos apresentados em estágios de língua mais recentes “na busca contínua por mais regularidade, as irregularidades identificadas nas formas atestáveis mais antigas das línguas indo-europeias tiveram que ser alinhadas com formas reconstruídas mais realisticamente na protolíngua do que Schleicher foi capaz de produzir” (JANKOWSKY, 2001, p. 1334).

<sup>107</sup> Tradução nossa de: the awareness grew among linguists that their methodology might come extremely close in exactitude to that of the natural sciences.

definir exatamente a natureza do objeto da Linguística. Se as bases metodológicas de Schleicher (1861-1862), assentadas nos procedimentos da botânica, forneceram ingredientes para os olhos da geração seguinte, agora, a querela sobre a excepcionalidade das leis fonéticas faria eclodir uma crise inevitável de gerenciar sem enfrentar as consequências teóricas implicadas pelos princípios de análise. Concordamos com o historiador de que essa motivação terá exercido um papel fulcral da disputa entre os membros do grupo neogramático e seus adversários. Vejamos como se inicia essa disputa.

Com a publicação da obra de Leskien, em 1876, está formulado o princípio de que as leis fonéticas atuam sem exceções na mudança linguística. Por efeito de seu ensino, uma nova geração de professores e pesquisadores ligados à Universidade de Leipzig adotarão o conceito de que a mudança das línguas obedece a uma vontade cega e pode ser expressa na forma de leis fonéticas, dentre eles, estão Brugmann e Osthoff.

De outro lado, está Curtius, também professor da Universidade, mas vinculado a uma geração mais antiga. Assim, seus interesses se centravam em torno da Filologia Clássica. Nesse mesmo ano, longe de Leipzig, Curtius deixará Brugmann, que já ocupava a função de co-editor, à frente da publicação de seu periódico, o *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik*. O motivo da polêmica ocorre em função da publicação de dois artigos em que Brugmann recorre ao princípio de leis fonéticas, assim como à analogia, para explicar a mudança linguística. Está instaurado o início da querela.

Após pedido de demissão de Brugmann, o jovem linguista decide criar um novo periódico, juntamente com Osthoff. No primeiro volume das *Morphologische Untersuchungen*<sup>108</sup>, publicado em 1878, os linguistas lançam o polêmico *Vorwort*<sup>109</sup> para apresentar o quadro de trabalho desse grupo recém-formado denominado *Junggrammatischerichtung*<sup>110</sup>. Conhecido pela posterioridade como *Manifesto*, esse texto será objeto de uma grande controvérsia ao propor um ataque contra a prática de reconstrução do protoindo-europeu e às visões linguísticas anteriores.

---

<sup>108</sup> Estudos Morfológicos

<sup>109</sup> Prefácio

<sup>110</sup> Jankowsky (1972, p. 125-126) atribui a Curtius o emprego da expressão jovens gramáticos formulado como “comentário casual que chamou esses jovens, que, na verdade, eram ‘jovens gramáticos’. Eles tomaram o termo levemente irônico como seu *code d'honneur* e refutaram o escárnio implícito atacando aqueles que não gostaram de sua lei sonora inicialmente exagerada”

Particularmente, representa um ataque à abordagem de Schleicher e também a toda Linguística anterior.

A Linguística é agora vista como uma disciplina estabelecida; já não é necessário defendê-la, mas é necessário reconsiderar os seus fundamentos e a sua metodologia. Não se fala, porém, de técnica ou teoria descritiva. Nesse estágio, os neogramáticos compartilham os interesses históricos (e tendências) do século XIX (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 232)<sup>111</sup>.

Nesse *Manifesto*, Osthoff e Brugmann, embora se saiba que apenas o último teria efetivamente produzido o rascunho desse texto<sup>112</sup>, pedem por uma mudança de ênfase no desenvolvimento da Linguística e elegem duas causas principais como princípios de mudança das línguas, a saber: i. o princípio da regularidade da mudança sonora segundo leis mecânicas que operam sem exceções, ao qual atribuem importância máxima, e ii. o princípio de criação de novas formas linguísticas através da analogia.

Do ponto de vista da estrutura interna do grupo, a primeira geração se constitui de Leskien, Brugmann, Osthoff e Delbrück, enquanto a segunda geração, composta, principalmente por filólogos germanistas frouxamente conectados com o grupo original, são Paul<sup>113</sup>, Sievers, Kluge e Braune (cf. JANKOWSKY, 1972). Assim, forma-se um grupo de especialidade (MURRAY, 1994). Ao situar o grupo, Morpurgo Davies (2000, p. 230) relata que os membros chegariam a ser percebidos como “instigadores de uma espécie de revolução kuhniana tanto na técnica quanto na metodologia”<sup>114</sup>.

Ao tratar desse texto programático, Jankowsky (2001) assinala que Brugmann e Osthoff deixaram:

quase nada a desejar no que diz respeito à clareza e abrangência dos objetivos neogramáticos. Mas também continha uma série de afirmações que eram abertamente agressivas e estavam destinadas a levantar objeções vociferantes de vários linguistas que, com uma abordagem mais factual e menos carregada de emoção, poderiam

---

<sup>111</sup> Tradução nossa de: Linguistics is now seen as an established discipline; there is no longer any need to make a case for it but it is necessary to reconsider its foundations and its methodology. There is no talk, however, of descriptive technique or theory. At this stage the neogrammarians share the historical interests (and bias) of the nineteenth-century

<sup>112</sup> Cf. Brugmann, 1900.

<sup>113</sup> Morpurgo Davies (1998) destaca que a conexão de Paul com o grupo original foi produto do encontro de interesses em comum, principalmente, em torno do estudo das línguas germânicas e por causa do trabalho filológico com textos.

<sup>114</sup> Tradução nossa de: instigators of a sort of Kuhnian Revolution in both technique and methodology

ter sido facilmente conquistadas para sua posição (JANKOWSKY, 2001, 1352)<sup>115</sup>.

Apesar de reconhecerem as conquistas do passado, principalmente a influência do psicologismo de Steinthal e Scherer, o texto de Brugmann possui um estilo bastante revolucionário, como uma guerra aberta contra as práticas de seus predecessores e também ao trabalho de seus contemporâneos:

não havia necessidade de iniciar uma campanha de cruzada contra todos aqueles que haviam alcançado muito no passado e agora hesitavam um pouco em mudar de rumo sem serem suficientemente convencida de sua necessidade” (JANKOWSKY, 2001, 1353)<sup>116</sup>.

A reação foi imediata. Lançada a polêmica, Curtius (1885) acenderá o debate sobre as leis fonéticas ao publicar sua crítica, publicação que marcará o início de uma prática de revisão e de julgamento do quadro de trabalho neogramático como um grupo, sendo tal atitude reproduzida por muitos linguistas ao longo da década de 1880.<sup>117</sup> Certamente, os membros do grupo neogramático também encontraram respostas na forma de publicações.<sup>118</sup>

Objetivamente, todos os linguistas orientados pela tradição histórico-comparativa, afetados pela matriz schleicheriana, aceitam a existência de que, percebida historicamente, a língua apresenta padrões de regularidade no nível sonoro, em outras palavras, existem leis, mas os linguistas não as concebem exatamente como leis. Em parte, a recusa de aceitar as regularidades como leis é porque, em realidade, as leis fonéticas se configuram como uma afirmação de método, não representam apenas uma afirmação de princípio (AUROUX, 2000).

Do ponto de vista heurístico, o conceito de leis sonoras sem exceção parece aproximar a Linguística das leis físicas ou químicas, gerando questionamentos sobre a própria caracterização da ciência da linguagem. Além disso, assumir a regularidade com o conceito de lei implica enfrentar a existência de oposições, isto é, entender que a linguagem possui uma dimensão dupla:

---

<sup>115</sup> Tradução nossa de: left hardly anything to be desired as far as clarity and comprehensiveness of the neogrammarian objectives are concerned. But it also contained a number of assertions that were openly aggressive and were bound to raise vociferous objections from a number of linguists who, with a more factual and less emotionally charged approach, could have easily been won over to their position

<sup>116</sup> Tradução nossa de: there was no need to embark on a crusade-like campaign against all those who had achieved a great deal in the past and were now somewhat hesitant to change course without being sufficiently convinced of its necessity.

<sup>117</sup> Cf. Curtius (1885); Schuchardt (1885); Collitz (1886); Pott (1887).

<sup>118</sup> Cf. Delbruck (1885); Osthoff (1886).

A linguagem sempre foi reconhecida como tendo um duplo status; por um lado, uma regularidade e uma necessidade (que permitem formular regras, leis, categorias gerais), por outro, uma arbitrariedade e uma contingência, que se manifesta seja na variabilidade dos atos de fala, seja na mutabilidade das línguas. O problema epistemológico fundamental das ciências da linguagem é ligar esses dois aspectos (AUROUX, 2000, p. 417).

Diante disso, muitos estudiosos começam a formular suas questões neste momento. Koerner (1989) aponta que o ano de 1876 foi sentido como uma descontinuação com os compromissos anteriores, mas essa afirmação pode ser tomada como verdadeira apenas se não considerarmos a dimensão da retórica de ruptura empregada no primeiro pronunciamento neogramático. Quanto à pesquisa histórica, há, de fato, uma certa vontade cooperativa de reconstruir o sistema fonético do indo-europeu:

Esses estudos ajudaram a explicar uma série de fenômenos que intrigaram as gerações anteriores de linguistas e ampliaram o escopo de nossa compreensão da natureza e estrutura da protolíngua indo-europeia e suas descendentes (KOERNER, 1989, p. 142)<sup>119</sup>.

Como podemos perceber, a percepção de mudança atinge o desenvolvimento de determinadas práticas e problemas no estudo do desenvolvimento histórico das línguas. Também do ponto de vista do Clima de opinião, há uma mudança em torno do padrão absorvido na estrutura geral da Linguística, pois o psicologismo passará a substituir o organicismo como modelo explicativo de aspectos do fenômeno linguístico. Mas, avaliado o conjunto de práticas e princípios de análise, não encontramos uma ruptura absoluta em relação ao método de Schleicher, pelo contrário, há mais continuidades do que rupturas entre o quadro de trabalho neogramático e os métodos de Schleicher.

Ao insistirem em reformular o sistema de vogais elaborado no *Compedium*, os linguistas situados a partir da década de 1870, especialmente os membros originais do grupo neogramático, terminaram por admitir o quadro de Schleicher como referência. Além disso, há o elemento da autopercepção, pois, apesar de todos os membros do grupo neogramático desenvolverem uma autopercepção de que estariam promovendo uma ruptura com a Linguística de seus antecessores, “qualquer comunidade muito unida provavelmente desenvolverá sua própria visão de

---

<sup>119</sup> Tradução nossa de: These studies helped explain a number of phenomena that had puzzled previous generations of linguists, and broadened the scope of our understanding of the nature and structure of the Indo-European proto-language and its descendants

si mesma e de sua relação com o resto do mundo; é provável que tenha sua própria disciplina e valores internos” (HYMES. 1974, p. 19)<sup>120</sup>.

Contudo, o conceito de lei fonética será percebido corretamente pela comunidade científica como uma continuação dos princípios já definidos por Schleicher, principalmente no que respeita à noção de que a mudança ocorre segundo uma vontade interna, portanto, independente da vontade do falante “fora do círculo do *junggrammatische Richtung* sempre foi aceito que os neogramáticos eram herdeiros do legado de Schleicher”<sup>121</sup> (KOERNER, 1989, p. 362).

É verdade que o quadro de trabalho neogramático investiu com maior rigor metodológico, o que de fato fizeram em pesquisas individuais (Jankowsky, 1972), mas, em última análise, não se desvencilharam da matriz geral fornecida pela tradição organicista, histórica completamente esperada. Como afirmamos no início deste tópico, os anos 1880 marcam esse contexto situacional bastante contraditório, já que, ao mesmo tempo em que os neogramáticos se tornam o *establishment* da disciplina, não há um consenso sobre as bases dessa ciência.

Entendemos que, em sentido amplo, pode-se dizer que a disputa sobre as leis fonéticas tem um desenvolvimento agravado pela retórica de ruptura empregada por Brugmann no *Manifesto* e que ela se desenvolve particularmente entre os anos de 1880 e 1887, apesar de o reconhecimento da regularidade da mudança sonora sem exceções já ter havia sido proposto por Leskien em 1876, mas sua publicação não provocaria nenhuma reação negativa imediatamente.

Embora o grupo neogramático tenha decididamente empregado uma retórica de ruptura argumentando em tom revolucionário e agressivo com seus mestres filólogos, sua ruptura permanece tão somente no plano retórico, mas não efetivamente nenhuma ruptura dos princípios metodológicos em relação à abordagem de Schleicher. Do mesmo modo que Schleicher desejou organizar o campo - inclusive teoricamente com noções e conceitos sustentados por um modelo organicista -, parte da comunidade linguística acreditará na promessa neogramática de que a Gramática Histórica representaria uma descontinuação de práticas e postulados dos predecessores. Enquanto outros, com visão mais aguçada e de fora do grupo, puderam rapidamente perceber que, sendo o procedimento metodológico

---

<sup>120</sup> Tradução nossa de: any closely knit community is likely to develop its own view of itself and its relation to the rest of the world; it is likely to have its own internal discipline and values

<sup>121</sup> Tradução nossa de: outside of the circle of the *junggrammatische Richtung* it had always been accepted that the Neogrammarians were heirs to Schleicher's legacy



a chave da prática científica moderna, especialmente num Clima de opinião positivista (BECKER, 1932), nenhuma reforma havia sido operada pelo advento neogramático.

Em outras palavras, isso quer dizer que o surgimento do quadro de trabalho neogramático não se constitui, nem como descontinuação das práticas de análise anteriores, tampouco representa uma revolução científica (KUHN, 2017 [1962]), mas como uma retórica de persuasão<sup>122</sup> dirigida tanto para os linguistas das gerações anteriores quanto para as gerações mais novas que poderiam ser recrutadas pelo novo grupo em formação.

Pensamos também que a sistematização operada por Schleicher, a partir da década de 1860, forneceu uma identidade científica para o campo, dando sentido para a pesquisa anterior e direções para as práticas futuras. Como se sabe, o quadro de trabalho neogramático propõe exatamente o oposto, pelo menos, num primeiro momento: seu objetivo inicial é reformular toda fonologia do indo-europeu, abandonando o modelo de classificação genética das línguas e com novo

Tampouco conseguiram os membros do grupo resolver a questão do objeto que, diante de tanta expectativa gerada e das reações ao modelo genético, ainda aguardava solução teórica. Não foram apenas limitações dessa ordem cognitiva que levaram à emergência da Linguística geral. Do ponto de vista sociológico, essa estratégia retórica tem o efeito de fixar os linguistas em torno das primeiras declarações agressivas, com disputas e rivalidades que não cessariam por muito tempo. Há de se reconhecer que a disputa pelas leis fonéticas pode ser caracterizada por uma disputa de carreiras entre os antigos e os modernos, tanto do ponto de vista pessoal, como profissional.

Se, por um lado, a querela é um fenômeno institucional com dupla motivação, por outro, ela termina por tocar em profundas discussões epistemológicas. Com efeito, “o grande mérito dos neogramáticos, na disputa pelas leis fonéticas, é ter conduzido a comunidade científica ao campo da discussão dos princípios” (AUROUX, 2000, p. 433)<sup>123</sup>. Retirada a Linguística da matriz schleicheriana, ainda

---

<sup>122</sup> Murray (1994) propõe o conceito de retórica revolucionária ou retórica de ruptura para explicar como os grupos revolucionários reivindicam as práticas científicas ao propor grandes descontinuidades com ideias e pressupostos do trabalho anterior como resultado de três fatores: i. a percepção do acesso bloqueado ao reconhecimento; ii. o recrutamento de estudantes em vez de tentar convencer os colegas de idade ou os mais velhos e iii. a localização em instituições de elite.

<sup>123</sup> Tradução nossa de: Le grand mérite des néogrammariens, lors de la querelle des lois phonétiques, est d'avoir entraîné la communauté scientifique sur le terrain de la discussion des principes

que somente como uma estratégia de argumentação, termina por deixar a ciência da linguagem ainda mais desamparada de bases. Assim, os problemas antigos ligados à estrutura geral se combinarão com novos, tornando-se urgentes para a comunidade científica externa.

Ademais, na ausência de uma Filosofia da ciência disponível para atender aos anseios dos linguistas situados no final do século XIX, muitos linguistas começam a desenvolver uma postura teórica, alguns mais do que outros interessados em manter suas abordagens no mainstream. Outros, geralmente formados também por tradições de pesquisa nacionais, começam a divulgar suas propostas para resolver as “anomalias” não solucionadas (KUHN, 2017 [1962]) pela Linguística histórico-comparativa.

Essa querela ganhará muita força em toda a Europa e logo questões gerais e teóricas se tornam demandas incontornáveis chegando de todos os lados ao centro de atração disciplinar (MORPURGO DAVIES, 1998). Assim, a Linguística geral pode incluir, também, os próprios pesquisadores articulados na Cinosura, isto é, os linguistas que produzem pesquisas segundo a orientação histórica. Com efeito, nem todos pesquisadores do *mainstream* terão interesse por questões gerais, mas Paul é certamente um deles. Na proposta de Linguística geral do autor, elaborada nos *Princípios*, muitas considerações sobre a evolução histórica das línguas permanecem sem grandes alterações e serão pensadas em termos de generalizações. Logo, vinculado a um tipo de interesse específico em relação à Cinosura Histórico-comparativa. Auroux (2000, p. 411-412) acerta ao dizer que a reação dos cientistas é o desenvolvimento da Linguística geral “a resposta global da comunidade internacional de linguistas consistirá em desenvolver um novo campo de discussão e pesquisa, que tomará o nome de Linguística geral”<sup>124</sup>.

Destarte, concluímos esse tópico analítico com as seguintes considerações: i o advento do quadro de trabalho neogramático institui a disciplina histórico-comparativa definitivamente nas universidades; ii. a proposição dos objetivos e princípios metodológicos aparecem no *Manifesto* na forma de uma retórica de ruptura que inicia o debate sobre as leis fonéticas; iii. o quadro de trabalho neogramático não se constitui como descontinuação da matriz disciplinar formulada

---

<sup>124</sup> Tradução nossa de: la réponse globale de la communauté internationale des linguistes consistera à développer un nouveau terrain de discussion et de recherche, qui prendra le nom de linguistique générale

por Schleicher iv. a querela leva o campo para a discussão sobre os fundamentos teóricos e v. a comunidade internacional reage com a emergência de um novo domínio, a Linguística geral.

### **5.3 A constituição da Linguística geral em duas linhas de investigação: Paul e Saussure**

Como é sabido, a ideia de Linguística geral remonta às últimas décadas do século XIX e tem origem na Alemanha, particularmente, com a produção linguística de Paul, em 1880 (AUROUX, 2000)<sup>125</sup>. Se quisermos, podemos assumir a interpretação de Normand (2000) segundo a qual os *Princípios*, representam o apogeu da investigação histórica das línguas. Nessa perspectiva, a obra de Paul pode caracterizar tanto como um texto de Linguística histórica e, ao mesmo tempo, como uma reflexão geral sobre o fenômeno linguístico. Isso porque, como explica Auroux (2000), a Linguística geral se caracteriza, nesse momento, como uma noção e não como um conceito ou um campo muito bem construído, em realidade, essa expressão se refere a uma disciplina instável, ainda que muitos textos façam reivindicações de tal expressão.

Neste período, o que marca o Clima de opinião da Linguística é uma atitude generalizada de ponderar o campo por meio de avaliações e sínteses, manifestadas em uma vasta quantidade de pesquisas e escritos dedicados a refletir sobre trabalhos anteriores e atuais para revisar e sintetizar os resultados gerais obtidos. Essa atitude reflexiva abrirá espaço para uma tendência generalizante.

Por volta da década de 1880, começa a circular a expressão Linguística geral, apesar da imprecisão da designação, com o desejo de estabelecer “uma ciência geral da linguagem ainda que não lhe seja reservado” (NORMAND, 2000, p. 442)<sup>126</sup> visto que a Cinosura Histórico-Comparativa ainda continuaria a ser percebida como a única direção de desenvolvimento possível para alguns pesquisadores. Sendo assim, a Linguística geral emergirá sob a forma de uma articulação da Cinosura.

---

<sup>125</sup> A despeito da expressão Linguística geral, Normand (2000, p. 442) assinala que uma ideia de ciência geral já estava presente antes de 1880, no projeto de Schleicher, intitulado “Glótica”, em que a “ciência geral deveria tomar como modelo a universalidade das ciências naturais”.

<sup>126</sup> Tradução nossa de: une science générale du langage caractérise cette période, même si elle ne lui est pas réservée

Nesse momento, a expressão Linguística geral poderá designar alguns objetos, a saber: i. uma promessa, ii. um programa ou iii. um produto concluído. Em todos os casos, essa expressão se tornará corrente para se referir a trabalhos que desenvolvem uma reflexão unificadora e geral, a partir da diversidade das línguas, somente após o ano de 1900.

Contudo, antes do fim do século, Normand (2000) explica que a expressão manifesta, em última análise, uma intenção, mas não se constitui como um projeto real, na medida em que representa uma:

Ideia porque apesar de resultados tangíveis, na forma de trabalhos publicados, essa expressão (Linguística geral) se refere antes a um projeto, esboçado e às vezes pontualmente desenvolvido, mas ainda por fazer, e que, às vezes, se duvida que seja viável como um todo, mesmo que a expressão implique um conjunto completo (NORMAND, 2000, p. 443).

Apesar desse estado de coisas, é interessante observar que, qualificada como ideia, a Linguística deve incorporar uma preocupação geral e se organizar internamente como uma ciência geral – em oposição ou justaposta à Linguística Histórico-comparativa, a depender da visão – e essa visão se tornará muito frequente a partir do último quartel do século XIX e também nas primeiras décadas do século XX.

Nesse sentido, a pesquisa linguística francesa tem certa vantagem em comparação com os círculos alemães, tendo em vista que “a tradição francesa estaria mais alinhada ou propensa à discussão filosófica sobre a linguagem” (MORPURGO DAVIES, 2000). Tal condição reflete também o Clima de opinião da atmosfera intelectual da Linguística e de outras ciências afetadas pelo Positivismo como uma tendência científica influente no contexto da prática dos linguistas. Se o Positivismo determina direções para a ciência, a Filosofia será, por sua vez, vista como um campo para discussão de generalidades. Assim, a reflexão geral terá, portanto, um objeto de natureza filosófica, teórica e geral (cf. Normand, 2000).

Em todo caso, a Linguística geral não deixará de ser percebida como uma ideia pela comunidade científica porque, diante da diversidade de abordagens do conhecimento sobre as línguas e a linguagem e de preocupações advindas de tradições linguísticas nacionais, essa expressão poderá se referir mais a um desejo de teoria, como uma totalização difusa, para descrever e analisar esse objeto linguístico guiado por um viés filosófico e teórico, do que uma teoria cancelada por

todos os membros da comunidade linguística, haja vista que, mesmo a orientação que ocupa o centro de atração disciplinar jamais detém uma posição de autoridade absoluta em ciências da linguagem (HYMES, 1974).

Nesse sentido, explica Morpurgo Davies (1998) que a institucionalização tem, a partir desse momento, um efeito recíproco de, não mais receber a orientação Histórico-comparativa simplesmente como resultado do processo de transferência de conhecimento, como ocorrido na metade do século, mas, também de buscar incorporar os problemas e as questões linguísticas dessas tradições de pesquisa periféricas no escopo de uma ciência geral, em seu centro de atração disciplinar. Isso porque o processo de institucionalização não mais corre unidirecionalmente, com a importação de *scholars* alemães para ocupar cátedras em universidades estrangeiras, mas tenta combinar a Cinoura Histórico-comparativa com temas e ideias linguísticas produzidas por abordagens periféricas. Certamente, esse traço do Clima de opinião contribuirá para a emergência da Linguística geral.

Historicamente, a comunidade linguística ainda precisa enfrentar uma questão deixada em suspenso: o abandono do modelo de classificação genética para estabelecer as relações históricas das línguas analisadas. Incapaz de representar adequadamente o desenvolvimento histórico das línguas, o abandono tornará a comparação uma pedra no caminho dos linguistas. Logo, esse programa geral vislumbrado para o futuro deverá tentar solucionar esse e outros obstáculos remanescentes deixados pela renúncia da hipótese genética: “a linguística geral, em seus principais temas, ecoa e por vezes, tenta resolver as dificuldades que a prática dos linguistas deixou sem solução ou sequer permitiu que fossem formuladas” (NORMAND, 2000, p. 447)<sup>127</sup>.

Uma maneira possível de perceber a continuidade da Cinosura Histórico-comparativa é reconhecer que os linguistas tentarão responder a esse desejo de teoria buscando formular, de um lado, as relações que essas perspectivas futuras de Linguística geral devem ter com outra abordagem ou modelo de explicação linguística, sobretudo, com a orientação histórica e comparativa. Ao mesmo tempo, as propostas tentarão fornecer definições de Linguística e de língua para satisfazer a ideia de um projeto unificador. Assim, não há um abandono da herança

---

<sup>127</sup> Tradução nossa de: a linguistique générale, dans ses thèmes principaux, répercute et essaie parfois de résoudre les difficultés que la pratique des linguistes laissait en suspens ou ne permettait même pas de formuler

comparatista, mas uma necessidade contextual que se forma e se expressa pela necessidade de definir um objeto para a ciência da linguagem.

De agora em diante, será necessário formular definições de língua a partir de modelos disponíveis à época, a saber: o modelo da Sociologia e a combinação entre conceitos psicológicos com reflexões sociológicas sob o formato de um modelo psicossociológico. A escolha para interpretação dos fenômenos linguísticos segundo a perspectiva sociológica será predominante nas abordagens francesas como um traço característico do Clima de opinião, dada a redução da importância do Positivismo e a emergência da Sociologia como disciplina autônoma (SANDERS, 2004). Com efeito, Normand (2000) acertadamente assinala que o modelo sociológico será bem-sucedido e, possivelmente mais atraente do que a via psicossociológica, para os linguistas que, tendo assistido aos primeiros embates com a tradição de pesquisa organicista, já tinham construído a autopercepção de que estariam ligados a um amplo projeto de resgate da dimensão humana e social, tais como o caráter social e sua relação com a história das sociedades e outras instituições.<sup>128</sup>

Assim, a Linguística geral se forma incertamente a partir de interesses contraditórios, apesar de todas abordagens terem em comum um desejo de generalidade. De fato, a Linguística geral representa um domínio com direções bastante variáveis. Nesse momento de autodefinição disciplinar, um dos temas principais mais recorrentes é justamente o problema da constituição da Linguística como um campo organizado cientificamente e de como sua prática de análise se distingue das investigações de outras disciplinas que lidam direta ou indiretamente com a linguagem (NORMAND, 2000).

Essa tarefa poderia estar a cargo da Filosofia da ciência, porém, na falta de um campo capaz de desenvolver essas proposições “muitos linguistas se consideram capazes de decidir isso por si mesmos” (NORMAND, 2000, p. 449)<sup>129</sup>. De fato, essa conjuntura do Clima de opinião levará os linguistas a desenvolver suas premissas gerais na forma de projetos individuais visando, assim, assentar o campo em bases sólidas tentando conciliar as propostas com a herança histórico-comparativa.

---

<sup>128</sup> Whitney (1868) foi o primeiro a criticar a concepção schleicheriana de língua como organismo biológico e defendeu que visão de que a língua seria uma instituição.

<sup>129</sup> Tradução nossa de: nombreux linguistes se jugent capables d'en décider eux-mêmes

Embora se possa rastrear o início do resgate da dimensão comunicativa e humana da linguagem desde Whitney (CRUZ, 2010; NORMAND, 2020), é a partir da década de 1880 que as tentativas de definição de linguagem por parte dos linguistas tomarão como ponto de partida o sujeito falante e as estruturas sociais, tornando-se um certo tipo de evidência ou “nova fórmula, um slogan” (NORMAND, 2000, p. 450)<sup>130</sup> em qualquer reflexão geral.

Por essa razão, a historiadora entenderá como uma mudança de ‘paradigma’, na medida em que a evidência deixa de ser aquela interna ao organismo para a linguagem como uma instituição. Contudo, nesse momento, a Cinosura é aquela exercida pela tradição histórico-comparativa<sup>131</sup>. Essa relação se deve à dependência da Linguística geral que, em última análise, não se desvencilha completamente prática de pesquisa mais velha, mas parte dela:

Embora a linguística geral pareça definir-se fora da comparação genética, é da descrição comparativa cada vez mais sistemática dos vários “grupos” históricos que ela mais tem a esperar [...] a última palavra permanece com a generalização dos resultados de descrições históricas particulares (NORMAND, 2000, p. 453)<sup>132</sup>.

Um dos objetivos perseguidos pela Linguística geral será, portanto, descrever comparativa e sistematicamente os “grupos históricos” historicamente relacionados para proceder com a generalização dos resultados dessas descrições particulares. No entanto, esse projeto de síntese não será facilmente executado, pois:

Vemos melhor nesse encontro a ambiguidade ou a imprecisão do que se designa pela expressão Linguística geral; é um objeto empírico que reúne as generalizações autorizadas pelo conhecimento histórico das línguas (NORMAND, 2000, p. 458)<sup>133</sup>.

Se a definição de linguagem perpassa pelo homem e pelas estruturas sociais, então será necessário formular e explicitar as relações entre o pensamento e a linguagem, mais especialmente, como as formas linguísticas, objeto privilegiado pelo Comparatismo, relacionam-se com os significados. Se a morfologia sempre foi um dos objetos mais privilegiados, desde o início da institucionalização da pesquisa

---

<sup>130</sup> Tradução nossa de: nouvelle formule, un slogan

<sup>131</sup> Swiggers (2019) aponta que a orientação histórica e comparativa em ciência da linguagem encontra uma dissolução no século XX.

<sup>132</sup> Tradução nossa de: alors même que la linguistique générale semble se définir hors de la comparaison génétique, c'est de la description comparée de plus en plus systématique des divers « groupes » historiques qu'elle a le plus à situan attendre [...] le dernier mot reste à la généralisation des résultats des descriptions historiques particulières

<sup>133</sup> Tradução nossa de: On voit mieux par cette recontre l'ambiguïté ou le flou de ce qui est désigné par le terme Linguistique Générale: c'est un objet empirique qui rassemble les généralisations autorisées par la connaissance historique des langues

linguística alemã, será preciso, para atender aos anseios da comunidade linguística deste momento, “finalmente enfrentar de frente o que os estudos morfológicos deixaram de lado” (NORMAND, 2000, p. 459)<sup>134</sup>.

Nesse sentido, as ciências vizinhas preocupadas com questões sociológicas e psicológicas podem fornecer modelos de referência para os linguistas buscando caracterizar sua própria ciência. Ao mesmo tempo, não se perde de vista que a relação de ‘empréstimo’ implica, ao mesmo tempo, uma cooperação entre esses campos do conhecimento. Tal correlação merece ser explicitada pelos proponentes e pode ser caracterizada da seguinte maneira:

Quer a ênfase seja colocada no social ou no indivíduo comunicante, a perspectiva não é muito diferente: em ambos os casos, uma função heterogênea é responsável por relatar os fatos linguísticos, apenas a disciplina de referência, a sociologia ou a psicologia (NORMAND, 2000, p. 450)<sup>135</sup>.

Como esclarece a historiadora francesa, todo empreendimento científico que carrega consigo a expressão Linguística geral, neste momento, trata, em alguma medida, de uma reflexão teórica. Em outras palavras, todas as abordagens tem algum tipo de formulação teórica em algum nível e podem apresentar, por essa razão, algumas semelhanças, se entendemos que as ideias sobre a linguagem não são produzidas num vácuo histórico, mas estão inseridas em contextos específicos de produção e segundo os elementos do Clima de opinião (BECKER, 1932). Por essa razão, Normand (2000) afirmará que encontrar precursores das definições de língua ou de sincronia, elaboradas por Saussure, será fácil, haja vista a movimentação dos linguistas que, naquele tempo, empenharam-se em expor conceitos gerais para atender aos anseios de todos os lados.

Eis que a ciência da linguagem tem de lidar com uma vasta diversidade de interesses e de abordagens, por vezes, muito contraditórias entre si. A Linguística geral se organizará em três linhas de investigação. Dentre os três principais, dois importam para esta investigação, pois situam os interesses e as práticas de Paul e Saussure em linhas distintas. A tipologia de investigadores participantes dessas linhas de investigação de Linguística geral esboçada por Normand (2000) nos

---

<sup>134</sup> Tradução nossa de: enfin aborder de front ce que les études morphologiques laissaient de côté

<sup>135</sup> Tradução nossa de: Que l'accent soit mis sur le social ou sur l'individu communicant, la perspective n'est guère différente: dans les deux cas, une fonction hétérogène est chargée de rendre compte des faits linguistiques, seule change la discipline de référence sociologie ou psychologie.



permite reconhecer diferenças de atitudes e de interesses em relação aos objetivos e métodos da pesquisa linguística.

De um lado, está a linha de trabalho que segue um projeto de conclusão e síntese dos dados de línguas exaustivamente comparadas e dos resultados obtidos. De outro, está uma linha que desenvolve um projeto teórico e tem uma atitude epistemológica em torno de princípios gerais que caracterizam todas as línguas. Em outras palavras, há duas orientações generalizantes bastante contrastantes do ponto de vista dos objetivos e interesses.

No primeiro caso, geral implica um projeto de generalização empírica das línguas tomadas como evidências históricas. Na segunda perspectiva, o termo geral indica um conjunto de princípios *a priori*, aborda uma generalidade teórica de princípios: “o termo geral aplicado à linguística [nessa linha de trabalho] designa a ordem dos princípios e não a etapa de síntese, implica a necessidade de abstração” (NORMAND, 2000, p. 464)<sup>136</sup>. Ao referir-se a Saussure, a autora ainda arremata que:

O que, sob seu nome, foi designado como *Curso*, pode ser considerado, longe de qualquer síntese globalizante, sobretudo como uma epistemologia. Nessa nova perspectiva, o termo [geral] não designa mais o tempo de concluir e apresentar racionalmente os dados abundantemente coletados, de dominar suas tendências para extrair universais finalmente garantidos, um tempo que nunca se tem certeza de que chegou (NORMAND, 2000, p. 465)<sup>137</sup>.

Isto decorre, na visão da autora, de questionamentos do próprio método de coleta dos dados de línguas e da terminologia técnica empregada pelos linguistas para se referir aos fatos linguísticos, em resumo, há uma certa percepção de que será preciso elaborar uma teoria geral da linguagem para garantir a autonomia da linguística.

É evidente que, ao reunir as duas orientações e as abordagens e teorias elaboradas individualmente sob o nome de Linguística geral, encontraremos preocupações epistemológicas presentes nas produções dos proponentes, a saber: i. a necessidade de delimitar o campo da linguística ii. o estabelecimento das

<sup>136</sup> Tradução nossa de: Le terme général appliqué à la linguistique désigne l'ordre des principes et non le stade de la synthèse; il implique la nécessité de l'abstraction

<sup>137</sup> Tradução nossa de: Ce que, sous son nom, on a désigné comme Cours de Linguistique générale, peut être considéré, loin de toute synthèse globalisante, avant tout comme une épistémologie. Dans cette nouvelle perspective, le terme ne désigne plus le temps de conclure et de présenter rationnellement les données abondamment collectées, d'en dominer les tendances pour en extraire des universaux enfin garantis, temps dont on n'est jamais sûr qu'il soit venu

relações da linguística com as demais ciências e iii. a definição do objeto. Podemos dizer, assim, que todos os linguistas se ocuparam com essas três questões ao elaborarem reflexões gerais sobre a linguagem e as línguas.

Primeiramente, há uma grande maioria de cientistas da linguagem – de fato, são maiores em número, dada a autoridade de Cinosura Histórico-comparativa e a especialização técnica – que expressam o desejo de dominar todo o conhecimento linguístico produzido a fim de chegar a um consenso fundamental, uma síntese globalizante tirada a partir das comparações dos dados de língua. Para tanto, recorrerem ao arcabouço da Psicologia ou da Sociologia, para fornecer explicações de fenômenos sobre a linguagem. Na visão de Normand (2000), Paul se situaria nesse grupo de investigadores.

A segunda linha de trabalho se caracteriza, na visão da autora, pelo tormento e pela obsessão filosófica de elaborar os fundamentos teóricos da ciência da linguagem, assim como, na mesma medida, lida frequentemente com o medo do conflito metafísico. Em linhas gerais, esse grupo de pesquisadores deseja desenvolver princípios gerais que devem abrir para novos métodos de trabalho e resultados. O maior representante dessa linha é Saussure.

A partir dessa tipologia, desenvolvemos um quadro de comparação das duas linhas de investigação da Linguística geral para demonstrar as distinções de interesse e de investigação, levando-se em conta os objetos e métodos:

**Quadro 13 – Características de duas linhas de investigação da Linguística geral**

<b>LINHA DE INVESTIGAÇÃO 1</b>	<b>LINHA DE INVESTIGAÇÃO 2</b>
Síntese globalizante	Epistemologia
Preocupação com tendências obtidas através dos dados	Preocupação com definição do objeto e generalidade de princípios
Generalizações sob a forma de leis baseadas na Gramática Comparada e na Linguística histórica	Generalidade teórica de princípios
Língua como evidência direta e empiricamente observável	Língua não tem evidência direta e não é empiricamente observável

Generalização empírica a partir de resultados coletados	Generalidade teórica de princípios definidos <i>a priori</i> para qualquer língua
Empreendimento de síntese	Projeto de totalização filosófica
Exigência absoluta da dedução	Exigência absoluta da indução
Deve-se recorrer à Psicologia ou Sociologia	Deve-se propor princípios fundamentais gerais
Projeto positivista de totalização	Projeto de unidade de ciência

Fonte: o autor, 2023.

Passemos agora para a segunda categoria de análise, a Cinsoura com o objetivo de avaliar em que medida as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure se inscrevem em duas linhas de investigação da Linguística geral. Para tanto, comparamos as definições de objeto científico e de concepção de fenômeno linguístico elaborados por Paul e Saussure, relacionando-as ao quadro de linhas de investigação da Linguística geral disposto acima.

Começamos pelo *Curso*. Aqui, encontramos uma breve menção a Paul e apenas uma referência. É provável que o leitor apressado não atente para a única passagem em que Paul figura no texto, no capítulo intitulado *Visão geral da história da linguística*:

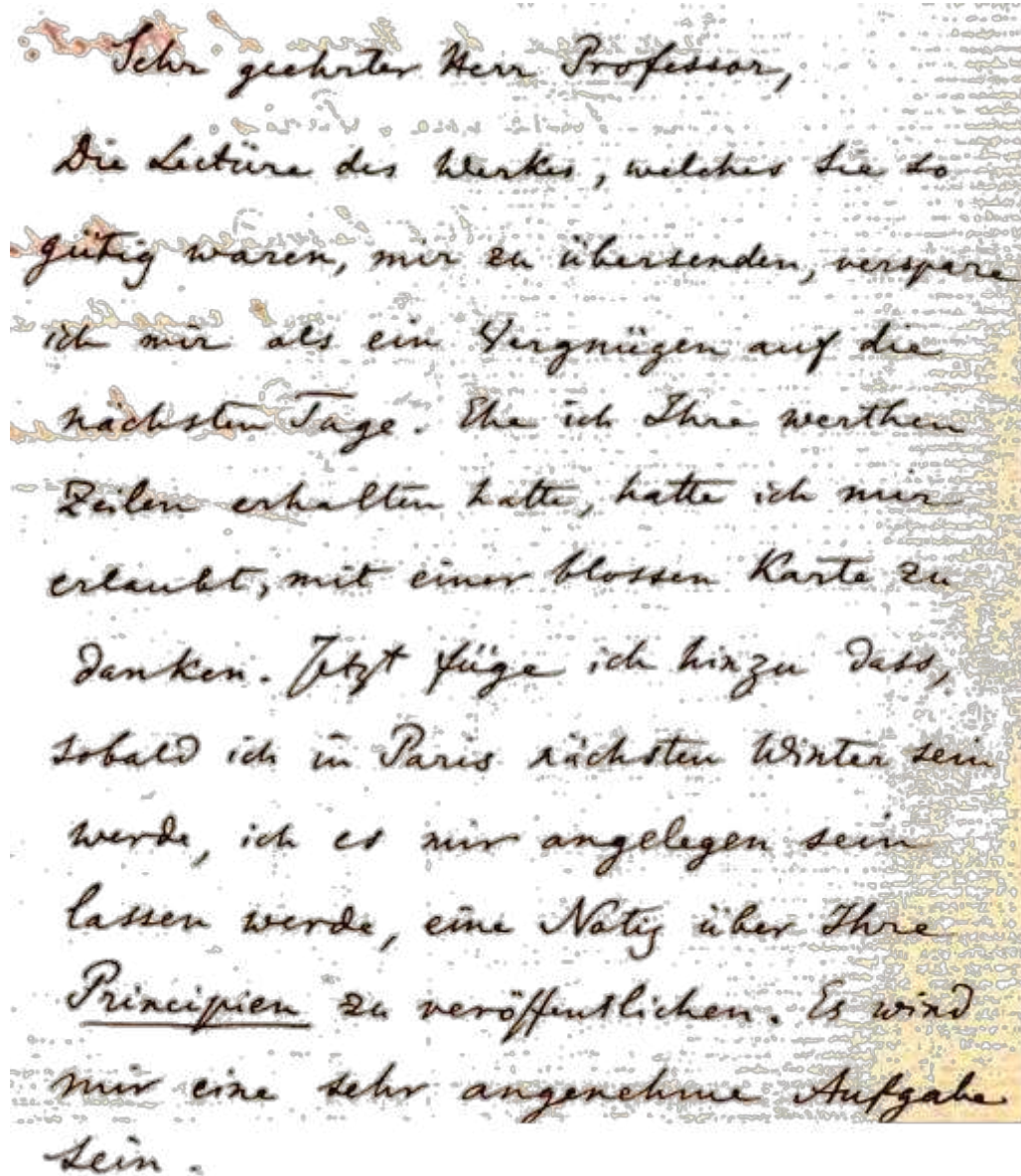
Um primeiro impulso foi dado pelo norte-americano Whitney, autor de *A Vida da Linguagem* (1875). Logo após se formou uma nova escola, a dos neogramáticos (*Junggrammatiker*) cujos fundadores eram todos alemães: K. Brugmann, H. Osthoff, os germanistas W. Braune, E. Sievers, H. Paul, o eslavista Leskien etc. Seu mérito consistiu em colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática comparada (SAUSSURE, 1970, p. 11-12).

Aqui, como em outras historiografias linguísticas, inclusive aquelas mais modernas (Cf. PAVEAU; SARFATI, 2006), Paul é representado como um filólogo germânico e como membro do grupo de linguistas neogramáticos comprometido, conforme recenseamos no tópico **3.1 O problema teórico e metodológico em torno do fenômeno da influência**. Também se acentua, nessa passagem, os progressos que os linguistas de Leipzig obtiveram no desenvolvimento da disciplina, assim como em outras fontes saussurianas (cf. SAUSSURE, 2004).

Mais recentemente, como mencionado na seção **4.4 Parâmetros e categorias de análise**, foram indicadas três fontes manuscritas saussurianas que fazem referências ao trabalho linguístico de Paul (KOERNER, 2020), dentre elas, uma correspondência datada do ano de 1880, um texto manuscrito datado em 1883 e uma terceira anotação sem datação. Esses materiais não receberam nenhuma análise pormenorizada, figurando, principalmente, como confirmação do índice metodológico – a referência direta e textual (KOERNER, 1987) – em vista da análise historiográfica já realizada (KOERNER, 1971, 1972, 2008). Por essa razão, analisamos essas fontes e o *Curso* comparando as definições de língua e de fenômeno linguístico com as definições de Paul.

Nesta correspondência, datada de 1880, Saussure faz referência à produção intelectual de Paul. Para tanto, reproduzimos a carta assinada por Saussure abaixo:

**Figura 1** – Reprodução do manuscrito DE-611-HS-26860, conservado na ULMU, sob a inscrição Nachlass H.Paul 2 acc.V. 14636.



Sehr geehrter Herr Professor,  
 Die Lectüre des Werkes, welches Sie so  
 gütig waren, mir zu übersenden, verspare  
 ich mir als ein Vergnügen auf die  
 nächsten Tage. Da ich Ihre werthen  
 Zeilen erhalten hatte, hatte ich mir  
 erlaubt, mit einer blossen Karte zu  
 danken. Jetzt füge ich hinzu dass,  
 sobald ich in Paris nächsten Winter sein  
 werde, ich es mir angelegen sein  
 lassen werde, eine Notiz über Ihre  
Principien zu veröffentlichen. Es wird  
 mir eine sehr angenehme Aufgabe  
 sein.

Fonte: Saussure, 1880.

Prezado Senhor Professor,  
 Estou guardando a leitura da obra, que você  
 teve a gentileza de me enviar, como um  
 prazer para os próximos dias. Antes de  
 receber suas valiosas linhas, tomei a  
 liberdade de agradecer com um mero cartão.  
 Agora acrescento que, assim que estiver em  
 Paris no próximo inverno, terei o cuidado de  
 publicar uma nota sobre seus Princípios. Será  
 uma tarefa muito agradável para mim.<sup>138</sup>

<sup>138</sup> Tradução nossa de:

« Sehr geehrter Herr Professor,  
 Die Lektüre des Werkes, welche Sie so  
 gütig waren, mir zu übersenden, verspare

Nesta carta, acompanhamos o agradecimento de Saussure a Paul pelo recebimento do exemplar da primeira edição dos *Princípios*. Parece muito provável supor que, diante dessas considerações escritas e das notas manuscritas seguintes, Saussure tenha lido a edição publicada em 1880, tal como expressa o linguista de Genebra que, além de tudo, afirma a vontade de recensear a obra após sua chegada a Paris. Assumindo uma perspectiva metodológica distinta de Koerner (1987), podemos fazer duas conjecturas aqui.

Em primeiro lugar, o envio da cópia dos *Princípios* para Saussure nos permite pensar que a tácita acusação de plágio que Saussure sofre, pelos scholars *alemães*, após a divulgação dos resultados de sua pesquisa histórica, a *Dissertação sobre o sistema das vogais nas línguas indo-europeias* (1878)<sup>139</sup>, não deve ter sido generalizada e percebida como uma cópia não creditada das ideias de Brugmann (1878), no entendimento de Paul.

Assim como os membros do grupo não deixaram as reflexões teóricas de Paul se tornarem o *core* do quadro teórico dos Neogramáticos (cf. Morpurgo Davies, 1998), podemos pensar que as novidades da *Dissertação* teriam conquistado admiração de um filólogo com forte inclinação pelas pesquisas históricas, como Paul. Uma segunda razão para entendermos que a opinião de Paul não se assemelhava a de seus colegas é perceber que a sua associação ao grupo neogramática estava ligada, em parte, aos interesses de trabalho, mas, também a interesses institucionais vinculados ao status do grupo neogramático que, naquele tempo, se caracterizava como a Cinosura da Linguística.

Talvez o aspecto mais interessante de ser observado em nossa análise da correspondência não seja exatamente o texto, mas o silêncio de Saussure. Se essa

---

ich mir als ein Vergnügen auf die nächsten  
Tage. Ehe ich Ihre werthen  
Zeilen erhalten hatte, hatte ich mir  
erlaubt, mit einer blossen Karte zu  
danken. Jetzt füge ich hinzu dass,  
sobald ich in Paris nächsten Winter sein  
werde, ich es mir angelegen sein lassen  
werde, eine Notiz über Ihre  
Principien zu veröffentlichen. Es wird  
mir eine sehr angenehme Aufgabe  
sein.»

<sup>139</sup> A *Dissertação* de mestrado de Saussure foi objeto de crítica pelos scholars alemães, sobretudo pelos membros mais velhos do grupo neogramático, por causa da semelhança dos resultados apresentados por Brugmann (1878) (MORPURGO DAVIES, 1998).

obra tem uma história editorial de sucesso, como afirma Koerner (1972), a ausência de uma reflexão de Saussure deve ter incomodado Paul, que envia para o linguista genebrino a primeira edição, mas, possivelmente, na ausência do recebimento de uma revisão prometida, decide não enviar a segunda edição (KOERNER, 2008). É certo que o silêncio de Saussure deve ter sido determinante para Paul não o incluir na lista de pessoas que viriam a receber as edições subsequentes dos *Princípios*. Como consideração, podemos pensar que Saussure, neste momento, pode ter se oposto a muitas contradições às ideias linguísticas de Paul.

Para tentar compreender melhor a posição de Saussure, reproduzimos abaixo uma passagem do texto autógrafo em que o autor comenta uma passagem dos *Princípios* de Paul.

**Figura 2** – Reprodução da folha 71 do manuscrito, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 374/2.

Je ne sais pourquoi M. Paul, avec qui je ~~me~~ <sup>ne suis</sup> ~~rien~~ <sup>rien</sup> du reste parfaitement d'accord,   
 pour la conception de la langue, oppose ~~semblé~~ <sup>semble</sup> opposer la description   
 Grammaticale descriptive et comparative à la grammaire historique, comme si   
 cette dernière ne ~~se~~ <sup>se</sup> reposait pas également sur la description et la   
 comparaison. <sup>p. 28</sup> Toute la différence entre l'ancienne et la nouvelle école, c'est   
 que soit qu'on fit de la grammaire descriptive, soit qu'on fit de la grammaire   
 comparative ou historique, on n'avait pas le sentiment de   
 la nature ~~de~~ <sup>de</sup> l'essence du langage, on n'observait pas sur le vif, mais   
 à ~~procédé~~ <sup>procédé</sup>.

Fonte: Saussure, 1883.

Eu não sei porque que o Sr. Paul, com quem não me sinto perfeitamente qualquer desacordo (xxx) por sua concepção de língua, opõe parece opor a descrição a gramática descritiva e comparativa à gramática histórica, como se esta última não (xx) repousasse também sobre a descrição da comparação p. 28. Toda a diferença entre a velha e a nova escola, é que quer praticássemos gramática descritiva, quer praticássemos gramática comparativa ou histórica, não se tinha um sentimento da da natureza da essência da linguagem, não se observava mas

(xx) procedimentos.<sup>140</sup>

Esta passagem reproduz uma parte da folha 71, do arquivo 374/1, composto por um volume de folhas datadas entre 1877 e 1885, segundo catalogador do arquivo, além de outras folhas avulsas e cadernos, igualmente sem datação, conforme exposto no tópico **4.4. Critérios para a seleção de fontes**.

Se pudéssemos comparar o tom de Saussure na carta com o que escreve o autor nessa última passagem, certamente encontraríamos muitas diferenças na abordagem. A hesitação de Saussure é desconfortante: suas rasuras deixam entrever o drama do pensamento do linguista. Na verdade, Saussure parece se sentir exatamente o contrário do que escreve no primeiro momento na carta e nesse mesmo texto. Há na verdade um grande desacordo entre a visão de Paul sobre a Linguística e a posição do linguista genebrino.

É possível pensar que, ao escrever e depois rasurar a palavra “perfeitamente”, Saussure estaria em um movimento de reelaboração das próprias ideias (SILVEIRA, 2007) respondendo ao texto de Paul. Esse ajuste de termos pode significar que, na prática de análise histórica, não haviam grandes quanto ao método de investigação da mudança linguística. De fato, Saussure também utiliza muito bem o princípio de que as línguas mudam ao longo do tempo e de que a Linguística histórico-comparativa deve explicar as mudanças pela regularidade fonética. No fim, Saussure prefere o termo “qualquer”.<sup>141</sup> Por fim, Saussure conclui que a diferença entre as práticas da Gramática descritiva e da Gramática histórica ou Comparada é que em nenhum dos casos, não se tinha claro um sentimento da essência da linguagem. Antes de discutir o que Paul propõe na página escrita por Saussure, devemos destacar dois pontos: i. a descrição da comparação e ii. as trocas dos termos de “natureza” para “essência”.

---

<sup>140</sup> Tradução nossa de:

Je ne sais pourquoi M Paul, avec qui je ~~me~~ <sup>ne me</sup> sens du reste (xxx) ~~parfaitement~~ aucun désaccord (xxx) ~~pour sa conception de la langue, oppose~~ semble opposer la description grammair descriptive et comparative à la gramm. historique, comme si cette dernière ne (xx) reposait pas également sur la description ds la comparaison <sup>p. 28</sup>. Toute la différence entre l'ancien et la nouvelle école, c'est que soit qu'on fit de la gramm. descript. soit qu'on fit de la gramm. comparative ou historiq., on n'avait pas le sentiment de la nature l'essence du langage, on n'observait pas sur le vif les ~~mais~~ (xx) procédés.

<sup>141</sup> Infelizmente, por falta de competência e pelo escopo desta pesquisa, não podemos tentar desvendar o porquê dessa troca de termos.



Em primeiro lugar, para Saussure, a prática da Gramática histórica não difere em grande medida da Gramática Comparativa, pois ambas perspectivas contam a descrição de formas linguísticas e aplicam o método comparativo. Talvez Paul teria expressado uma visão mais adequada se tivesse definido a Gramática histórica como uma perspectiva que estuda os estágios de língua para explicar a mudança e os organiza cronologicamente, enquanto a Gramática comparativa os organiza em séries (KOERNER, 2008).

Quanto à troca terminológica, esse é certamente um ponto que merece atenção, pois a escolha dos termos é um grande labor para Saussure e reflete a preocupação filosófica e epistemológica que mantém com a terminologia técnica. Para evitar aproximações com termos biológicos e organicistas, desvinculando-se da tradição organicista em Linguística, o autor se utiliza, como substituto do termo “natureza” a palavra “essência”. Não por coincidência, esse termo aparecerá no título de um texto escrito por Saussure pouco tempo depois, intitulado *De l'essence double du langage*<sup>142</sup>.

Em seu *Lexique de la terminologie saussurienne*, Engler (1968) recolhe duas definições para o termo procédé, utilizado por Saussure no manuscrito em análise:

procedimento ( ≠ processo):

a) fenômeno ou formação voluntária (→consciência): 'Processo implica uma vontade, uma intenção'

b) entidade abstrata, lei (sincrônica): 'O estudo linguístico de várias línguas ou de uma única reconhece como objetivo final e principal a verificação e pesquisa das leis e processos universais da linguagem.'<sup>143</sup>

Veja-se que, em ambas as definições, partimos para uma mesma conclusão: os procedimentos se referem a uma relação do sujeito falante com a língua. De um lado, a analogia, fenômeno complexo que convoca necessariamente a presença do sujeito falante e o conceito de sincronia. Se a sincronia é a dimensão comunicativa, então o sujeito falante nunca se retira desse lugar de significação, daí a importância da formação analógica como um fenômeno linguístico que permite a criação de

<sup>142</sup> Disponibilizado à BGE em 1996, o texto *Essência dupla da linguagem ou Da essência dupla da linguagem* compreende um texto de 274 folhas e trata de temas da Linguística geral. Estima-se que esse conjunto de folhas seja o livro de Linguística geral que Saussure promete escrever em carta a Meillet (cf. GODEL, 1957). Os *Escritos de Linguística Geral* (2004) apresentam uma edição desse texto em português.

<sup>143</sup> Tradução nossa de:

procédé ( ≠ processus)

a) phénomène ou formation volontaire (→conscience): 'Procédé implique une volonté, une intention

b) entité abstraite, loi (synchronique): 'L'étude linguistique de plusieurs langues ou d'une seule reconnaît pour son but final et principal la vérification et recherche des lois et procédés universels du langage;

formas a partir da combinação relacional que o sujeito falante faz com outras já existentes para se comunicar.

De outro lado, a lei sincrônica, que tem um caráter geral, deve ser entendida “no sentido de ordem, de princípio de regularidade” (SAUSSURE, 1970, p. 109), mas não tem função de lei como ordem, nem como efeito. Antes, a lei sincrônica se refere à noção de que a língua tem uma organização interna, nesse sentido, não é uma lista de nomes, e sim, um sistema todo organizado “a lei sincrônica comprova um estado de coisas” (SAUSSURE, 1970, p. 109) Em um e outro caso, estamos diante de reflexões epistemológicas.

Mas, como tudo em Saussure parece claro, pois sua limpidez desorienta (MILNER, 2003, p. 18), é preciso entender seu argumento como produto de uma relação que o linguista faz. Não se trata apenas de uma discordância quanto à relação da Gramática descritiva e da Gramática comparada com a Gramática histórica, mas de entender essas perspectivas de trabalho do linguista de modo relacional. Veremos na passagem seguinte do manuscrito essa articulação. Passemos para a página mencionada por Saussure.

Para Paul, a Gramática histórica representa uma prática de investigação linguística que não pode ser equiparada com nenhuma das demais perspectivas, pois a Gramática comparativa, perspectiva de seus predecessores, “se ocupa das relações mútuas de famílias de línguas aparentadas cuja origem comum se perdeu” (PAUL, 1880, p. 34) enquanto a Gramática descritiva tem, basicamente, o papel de prover os dados linguísticos necessários para condução da pesquisa histórica “a gramática descritiva registra as formas e condições gramaticais usadas numa determinada época dentro da mesma entidade linguística” (PAUL, 1880, p. 34).

Mais objetivamente, Paul entende que a Gramática descritiva fornece as bases úteis para a investigação da história da língua, mas suas descrições são sempre abstrações, não correspondem aos fatos linguísticos reais, que podem ser percebidos apenas através da observação da evolução dos elementos que resistem no tempo. Está clara a contradição interna de Paul: ao mesmo tempo em que a Gramática descritiva deve ser encarada como subordinada à Gramática histórica, é a partir das descrições recolhidas por aquela perspectiva que se pode estudar a evolução histórica das línguas. Em outras palavras, existe algum tipo de relação dessas perspectivas simplesmente ignorada que não pode ser expresso em termos de subordinação.

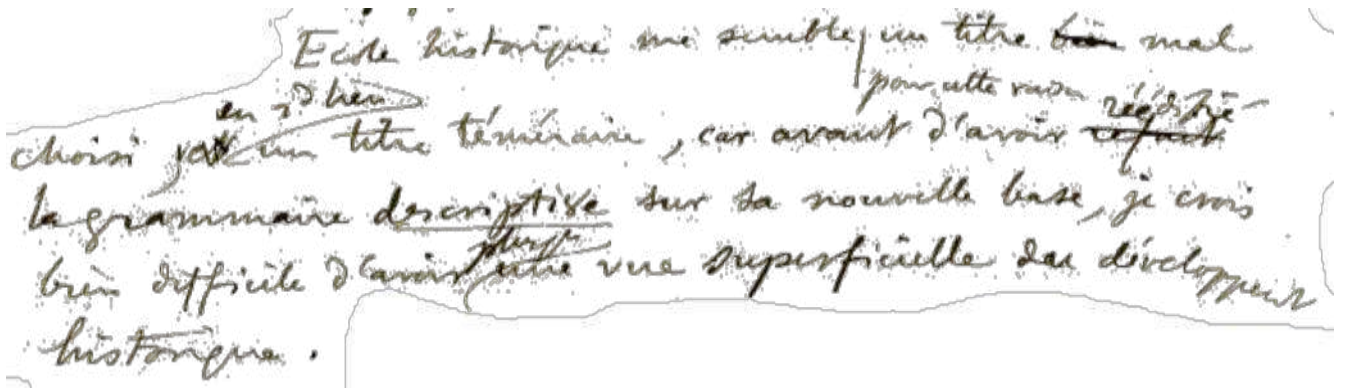
Sendo assim, não existe a possibilidade de considerar o fenômeno linguístico numa perspectiva de estado de língua, logo seu objeto não é a língua propriamente dita, mas a história da língua: “os elementos da língua são do domínio da história da língua e deviam, no fundo, conhecer-se todos, para tornar possível uma compreensão total da evolução” (PAUL, 1880, p. 34). Essa visão de Paul, no mínimo problemática, tem no cerne uma certa resistência de considerar os dados descritivos como realidades linguísticas e, assim, não considerar desvincular a forma linguística – as formas de uma língua qualquer – do seu aspecto mais físico, sobretudo, no nível do som.

É evidente que Paul não é o único ao adotar uma atitude empirista em relação aos fatos linguísticos, que, em última análise, é consequência de uma longa tradição de pesquisa linguística (BECKER, 1932). Com isso, não queremos apontar Paul como um refém de seu tempo. Em realidade, Paul não consegue perceber a Gramática descritiva como uma perspectiva significativa porque as descrições, segundo seu raciocínio, resultariam de generalizações absurdas demais dada a variabilidade das formas produzidas na atividade de fala. Nesse sentido, o objeto da Linguística deve se assemelhar à natureza da mudança, deve compreender, portanto, “todas as manifestações da atividade da fala em todos os indivíduos na sua ação recíproca” (PAUL, 1880, p. 34). Assim, a discussão sobre os princípios gerais das línguas deve ocorrer a serviço da Cinosura Histórica-comparativa. Desse modo, os princípios gerais devem ser condicionados a visão de que a Linguística, ao almejar um status científico, deverá ser uma disciplina essencialmente histórica.

Importa dizer que, para Saussure, a visão de Paul sobre a Gramática descritiva é completamente equivocada e muito distinta do que propõe o linguista sobre a Linguística sincrônica ou estática. Percebemos a crítica de Saussure como a posição de um linguista que deseja que o trabalho com as línguas seja guiado por uma separação de perspectiva ou método. Para ele, é preciso compreender quais tipos de fenômenos acontecem no momento em que a dimensão comunicativa e humana está em jogo e quais acontecimentos históricos pertencem à análise histórica propriamente dita. Com efeito, Chiss (1999) afirma que a primeira bifurcação operada por Saussure foi a separação dos pontos de vista estático e diacrônico, tomada como uma primeira condição para a construção de uma ciência da linguagem autônoma.

Terminemos a análise com a passagem final do manuscrito saussuriano reproduzido abaixo:

**Figura 3** – Reprodução da folha 71 do manuscrito, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 374/2.



Fonte: Saussure, 1883.

Escola histórica me parece um título ~~bem~~ mal escolhido, <sup>em segundo lugar</sup>, um título temerário, pois antes de ter <sup>por essa razão</sup> ~~refeito~~ <sup>reedificado</sup> a gramática descritiva sob sua nova base, eu creio que seja bem difícil ter <sup>mais que</sup> uma visão superficial do desenvolvimento histórico.<sup>144</sup>

Pelo relato de Saussure, é possível interpretar que a denominação histórica autodeclarada de Paul, para designar o quadro de trabalho neogramático e, particularmente, suas próprias ideias a respeito da relação da Gramática descritiva com a Gramática histórica, tal como exposta nos *Princípios*, apresenta muitos problemas relativos à compreensão efetiva do desenvolvimento histórico das línguas. Em sua visão, refazer a Gramática descritiva, como se refere Paul ao estudo descritivo, é uma tarefa urgente para entender como a passagem do tempo afeta as línguas e, assim, situar a base epistemológica para o objeto teórico da Linguística.

<sup>144</sup> Tradução nossa de:

Ecole historique me semble un titre ~~bien~~ mal  
 choisi, <sup>en 2<sup>d</sup> lieu</sup> un titre téméraire, car avant d'avoir <sup>pour cette raison</sup> ~~refait~~ <sup>réédifié</sup>  
 la grammaire descriptive sur sa nouvelle base, je crois  
 bien difficile d'avoir <sup>plus qu'</sup> une vue superficielle du développement  
 historique

Basta lembrarmos que, para Paul, os dados concretos de língua devem ser perseguidos pelo linguista. Para tanto, entende o autor que as abstrações criadas pelas Gramáticas descritivas não correspondem com a realidade linguística, com os dados, portanto, para compreender o objeto verdadeiro da Linguística e situar a natureza da vida da língua, deve-se qualificar os elementos produzidos pela Gramática descritiva como abstrações. Como discutimos no tópico **3.1 O problema teórico e metodológico em torno da influência**, há uma contradição interna nessa relação que Paul faz, uma confusão por não conseguir distinguir um princípio teórico de prática de análise do linguista. Para o linguista alemão:

a gramática descritiva registra as formas e condições gramaticais usadas numa determinada época adentro da mesma entidade linguística; os modos de expressão que cada um pode usar para ser compreendido por todos, sem produzir uma sensação de estranheza. O seu conteúdo não são fatos, mas sim uma abstração feita a partir de fatos observados (PAUL, 1880, p. 33-34).

Tomado como princípio, entende Paul que os fatos de língua são objetos observáveis, logo o objeto da ciência da linguagem se constituiria “por todas as manifestações da atividade de fala em todos os indivíduos na sua ação recíproca” (PAUL, 1880, p. 34), mas com um projeto de síntese globalizante como pano de fundo, concede que a observação do linguista deve tomar os dados descritivos de estados de língua como base para a investigação histórica. Tal atitude implicará na produção de uma contradição, na medida em que não pode produzir uma imagem ‘perfeita’, da qual o historiador da língua deve tomar como ponto de partida em suas análises: “temos muitas vezes de limitar à observação de alguns poucos indivíduos ou até mesmo de um só” (PAUL, 1800, p. 38).

Na visão de Saussure, a Linguística precisa enfrentar uma dualidade interna que a faz se dividir em duas disciplinas a partir da consideração de que é preciso escolher o ponto de vista, pois “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1970, p. 15). Diferentemente de outras ciências, a Linguística tem um objeto observacional que não tem uma realidade diretamente observável e, portanto, precisa ser construído pelo ponto de vista, tendo em vista que as línguas, apesar das diferenças materiais, possuem algo em comum, em outras palavras, podem ser tratados como objeto de abstração.

É nesse sentido que a ciência da linguagem se divide internamente como dois campos de observação: a Linguística estática ou sincrônica e a Linguística evolutiva

ou diacrônica são perspectivas de análise e também implicam uma dualidade teórica (MARQUES, 2021). Considerando que a tradição histórico-comparativa sempre privilegiou as práticas e os procedimentos metodológicos, Saussure entenderá que a separação entre o ponto de vista sincrônico e ponto de vista diacrônico implica uma atitude fundamental para delimitar a perspectiva do objeto a ser investigado, em outras palavras, o fenômeno linguístico demanda uma escolha de perspectiva pelo linguista.

Na perspectiva da sincronia, o linguista precisa se deslocar da posição daquele que acompanha a sucessão de elementos linguísticos percebidos como relacionados historicamente para assumir o lugar do sujeito falante e entender as relações que faz com a língua, em um determinado recorte de tempo, para se comunicar com outros sujeitos. Para tanto, diz Saussure, deve-se ignorar o passado da língua. A escolha do ponto de vista diacrônico implica, por outro lado, pensar não mais na relação que o sujeito falante faz intuitivamente, mas assumir um olhar técnico voltado para a mudança que as línguas sofrem percebida pela comparação de elementos tirados de dois recortes temporais distintos. Em um ou outra escolha, a escolha do ponto de vista é fundamental como efeito de organização metodológica do linguista.

Como sabemos, para Saussure, a distinção entre Linguística sincrônica ou estática e Linguística diacrônica ou evolutiva, é fundamental para entender os eixos de investigação e métodos de observação do linguista. Assim, Saussure (1970) define que:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (SAUSSURE, 1970, p. 99).

Assim, o trabalho de descrição demanda que o linguista se situe na posição do falante e ignore todo e qualquer desenvolvimento histórico das línguas, isto é, desconsidere as mudanças linguísticas observáveis historicamente, pois para o falante não existe a mudança, apenas a língua que possui. Essa dimensão temporal será nomeada de Sincronia.

Mais do que uma exigência técnica, a separação dos pontos de vista permite compreender porque a Linguística, para Saussure, tem a Língua como objeto científico. Assim, concluímos que Paul e Saussure devem ser percebidos como ligados a duas linhas de trabalho distintas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Graças aos neogramáticos, não se viu na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística geral aguardam uma solução (SAUSSURE, 1970, p. 12).

À guisa de conclusão, retomemos a hipótese que orientou o desenvolvimento dessa pesquisa: o Clima de opinião afeta profundamente a ciência da linguagem no fim do século XIX e influencia a elaboração das abordagens teórico-metodológicas de Hermann Paul e de Ferdinand de Saussure sob duas linhas de investigação distintas da Linguística geral.

Assim, nosso objetivo geral de pesquisa foi **interpretar a questão da influência de Paul sobre Saussure**. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa historiográfica ancorada teórica e metodologicamente pela Historiografia Linguística. A narrativa historiográfica aqui apresentada reflete os recortes operados pelo olhar analítico do historiógrafo assim como as perguntas feitas a partir das evidências históricas de que dispusemos.

Interpretamos a questão da influência de Paul sobre Saussure entendendo que não há efetivamente uma influência de Paul e Saussure porque profundas influências decorrem do Clima de opinião, principalmente, com a emergência da Linguística geral e afetam a comunidade linguística global. Compreendemos que a questão da influência de Paul sobre Saussure envolve um conjunto de acontecimentos complexos que deixa perguntas em aberto se considerarmos apenas o plano dos atores sociais como desenvolvendo as produções dos atores sociais divorciada dos contextos de produção de suas ideias linguísticas.

Entendemos que os compromissos com a pesquisa histórica e os interesses institucionais foram fatores determinantes para Paul se articular a um projeto totalizante da Linguística geral, um projeto mais vinculado à Cinosura Histórico-Comparativa do momento de publicação dos Princípios e, apesar da distância histórica.

Por outro lado, compreendemos que Saussure desenvolve uma epistemologia da Linguística e tem uma postura muito mais filosófica do que a maioria dos linguistas de seu tempo. Ele enfrenta questões que aguardavam soluções gerais desde a perda da estrutura geral de Schleicher. Concluimos que Saussure teve um olhar muito mais aguçado para as questões de base do seu tempo e construiu um edifício teórico sólido que pudesse dar aos cientistas futuros a certeza de um campo bem definido internamente. No interior Linguística geral, entendemos que Paul e Saussure apresentam diferenças irreconciliáveis porque desenvolvem produções em linhas de trabalho distintas e tem visões muito discordantes sobre os fundamentos do campo.

Para tanto, cumprimos com os objetivos específicos ao reconstituirmos aspectos da tradição de pesquisa organicista e sua estrutura geral que leva a comunidade linguística a um progressivo apagamento da dimensão humana e social na reflexão sobre o fenômeno linguístico, especialmente com a obra de Schleicher, a partir da década de 1860.

Associamos esses eventos com o advento do quadro de trabalho neogramático e à retórica de ruptura revolucionária dos primeiros pronunciamentos do grupo, assim como aos problemas gerais decorrentes do tratamento e metodológico do fenômeno linguístico que, em última análise, conduziu a comunidade a uma profunda crise de fundamentos epistemológicos. Concebemos a emergência da Linguística geral como variante da Cinosura histórico-comparativa e distinguimos duas linhas de investigação. Por último, avaliamos as abordagens teórico-metodológicas de Paul e de Saussure como propostas situadas diferentes linhas de investigação para a Linguística geral.

Como discutimos no tópico **3.1. O problema teórico e metodológico em torno da influência**, a questão da influência de Paul sobre Saussure não foi investigada dentro do contexto da Linguística geral e essa questão se mostrou particularmente relevante para essa pesquisa, uma vez que, as ideias científicas precisam se revestir de uma temporalidade e de perspectivização. Do contrário, a consideramos que a História da Linguística pode continuar a ser vista como uma sucessão de rupturas e revoluções. Assim, entendemos que, embora o século XIX seja recorrentemente classificado como a era do Comparatismo, que, de fato, é verdadeiro, mas uma mudança começa a tomar forma a partir dos últimos vinte e cinco anos.



Percebemos que a história da Linguística geral, como uma orientação que emerge no fim do século XIX, não é veiculada nos manuais de história da Linguística, mas poderia ser integrada aos cursos e manuais introdutórias, justificada pelo fato de ter sido um deslocamento decisivo na história do conhecimento linguístico produzido entre o século XIX e o século XX. Uma orientação de estudos demasiadamente importante para a formação do cientista da linguagem não deveria ser esquecida nas historiografias modernas, principalmente, se considerarmos que as ciências da linguagem assumem uma orientação predominantemente sincrônica, após a década de 1920, orientação que nos acompanha até os dias de hoje. Esperamos, assim, que esta pesquisa possa contribuir para o tema da Linguística geral na formação histórica do linguista, notadamente, do linguista brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. **A guerra fria estruturalista: estudos em Historiografia Linguística brasileira**. São Paulo: Editora Parábola, 2021.
- ALTMAN, C. História, estórias e Historiografia da Linguística brasileira. In: BATISTA, R. (Org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 19-43.
- ALTMAN, C. Zeitgeist Em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos N.o 55 – 2.º semestre de 2018 – Rio de Janeiro
- ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil: 1968-1988**. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1998.
- ALTMAN, C. A Historiografia da Gramática e a sua Metalinguagem. In: VIEIRA, F. E.; BAGNO, M. (Orgs.). **História das línguas, história da linguística**. São Paulo: Editora Parábola, 2020, pp.125-142.
- ALTMAN, C.; TESTA-TORELLI, L. (Orgs.). **Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916)**. Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH. São Paulo: FFLCH/USP, 2017.
- AMACKER, R. **Linguistique saussurienne**. Genève: Droz, 1975.
- ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ARRIVÉ, M. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Editora Parábola, 2010.
- AUROUX, S. **O que pode dizer um historiador da ciência sobre Saussure?** Tradução de Amanda Eloina Scherer, Maria Iraci Sousa Costa e Maurício Bilião. Entremeios Revista de Estudos do Discurso. vol. 15, p. 169-196.
- AUROUX, S. La notion de linguistique générale. **Histoire Épistémologie Langage**, tome 10, fascicule 2, 1988, pp. 37-56.
- AUROUX, S. (Éd.). **Histoire des idées linguistiques: L'hégémonie du comparatisme**. tome 3. Bruxelles: Pierre Mardaga, 2000.
- BATISTA, R. **Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Linguística**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2021.
- BATISTA, R. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo, Cortez, 2013.
- BATISTA, R. (Org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BATISTA, R.; BASTOS, N. B. (Orgs.). **Questões em Historiografia da Linguística**. São Paulo: Pá de Palavra, 2020.

BARROS, J. D'A. **A Fonte Histórica e Seu Lugar de Produção**. Petrópolis: Vozes, 2020.

BARROS, J. D'A. **Fontes Históricas**: Introdução aos Seus Usos Historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019.

BECKER, C. L. **The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers**. New Haven: Yale University Press, 1932.

BEIVIDAS, W.; LOPES, I. C.; BADIR, S. (Orgs.). **Cem anos com Saussure**: textos de congresso internacional. t. 1. São Paulo: Annablume, 2015.

BERNARD, C.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo: Contexto, 2017.

BIANCHETTI, L.; MACHADO NETO, A. M. **Bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações

BLOCH, M. **Apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002 [1997].

BRASILEIRO, A. M. M. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.

BRONCKART, J-P., BULEA, E.; BOTA, C. (Orgs.). **O projeto de Ferdinand de Saussure**. Tradução de Marcos Bagno. Fortaleza: Parole e Vie, 2014.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, S. De um pseudo-saussure aos textos saussurianos originais. **LETRAS & LETRAS**. v. 25, n.1, 2009, pp. 161-175.

BUYSSSENS, E. Origine de la linguistique synchronique de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. n. 18, Genève, Droz, 1961, p. 17-33.

BRUGMANN, K; OSTHOF, H. Prefácio a *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen*. Leipzig: S. Hirzel, 1878.

CÂMARA JR, J. M. **História da linguística**. Edição revista e comentada por Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CANGUILHEM, G. **Estudos de História e Filosofia das Ciências**: Concernentes aos Vivos e à Vida. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

CAUSSAT, P. La querelle et les enjeux des lois phonétiques. Une visite aux néogrammairiens. **Langages**, 12<sup>e</sup> année, n°49, 1978, pp. 24-45.

CHISS, J-L. Synchronie/diachronie: méthodologie et théorie en linguistique. In: **Langages**, 12<sup>e</sup> année, n°49, 1978. pp. 91-111.

CLAEYS, G. (Ed.). **Encyclopedia of Nineteenth-Century Thought**. London/New York: Routledge, 2005.

CRUZ, M. A. Prefácio à edição brasileira. In: WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [1875].

CRUZ, M. A. Por que (não) ler o Curso de linguística geral depois de um século? In: FARACO, C. A. (Org.) **O efeito Saussure** – cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CRUZ, M. A. A filologia saussuriana: debates contemporâneos. **Alfa**, 53 (1): 107-126, 2009.

CRUZ, M. A.; FARIA, N. R. B. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. **Leitura**, v. 1, n. 62, 2019, p. 2-12.

CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, C. TESTENOIRE, P-Y. (Orgs.). **Saussure, o Texto e o Discurso**. Cem Anos de Heranças e Recepções. São Paulo: Editora Parábola, 2016.

DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

ENGLER, R. **Lexique de la terminologie saussurienne**. Utrecht-Anvers: Spectrum. Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.

ENGLER, R. The making of the Cours de linguistique générale. In: SANDERS, C. (Ed.). **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, C. A. Apresentação. In: FARACO, C. A. (Org.) **O efeito Saussure** – cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARIA, N. R. B.; CASTRO, M. F. P. de. Estudos Saussurianos Hoje. **DELTA**, vol. 34, n. 3, 2018, p. 789-797.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.). **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

FULBROOK, M. **História concisa da Alemanha**. Tradução de Bárbara Duarte. 2 ed. São Paulo: Edipro, 2018.

GADET, F. **Saussure**: une science de la langue. Paris: PUF, 1987.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure**. Genève: Droz, 1957.

HARRIS, R. **Saussure and his interpreters**. 2 ed. London: Edinburgh University Press, 2003.

HYMES, D. (Ed.). **Studies in the History of Linguistics**. Traditions and paradigms. Bloomington: Indiana University Press, 1974.

JOSEPH, J. **Saussure**. United Kingdom: Oxford University Press, 2012.

JOSEPH, J. The Structure of Linguistic Revolutions. **Historiographia Linguistica**, n. xxii, v. 3, 1995, pp. 379-399.

KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

KNELLER, G. F. **A Ciência Como Atividade Humana**. Tradução de Antônio José de Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KOERNER, E. F. K. **Practicing Linguistic Historiography**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1989.

KOERNER, E. F. K. **Ferdinand de Saussure**. Origin and Development of his Linguistic Thought in Western Studies of Language: A Contribution to the History and Theory of Linguistics. Braunschweig: Vieweg, 1973.

KOERNER, E. F. K. **Professing Linguistic Historiography**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

KOERNER, E. F. K. **Linguistic Historiography: Projects & prospects**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999.

KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. [Coleção Linguística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman]. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras. 2014..

KOERNER, E. F. K. **História da Linguística**. N.º 46 – 1.º semestre de 2014 – Rio de Janeiro.

KOERNER, E. F. K. Hermann Paul and synchronic linguistics. **Lingua**, 1972, pp. 274-307.

KOERNER, E. F. K. Hermann Paul and general linguistic theory. **Language Sciences**, v. 1, 2008, p. 102-132.

KOERNER, E. F. K.; ASHER, R. E. (Eds.). **Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the cognitivists**. Oxford/New York/Yushima: Pergamon, 1995.

KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, Coleção Linguística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman, 2014.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Chicago: University of Chicago Press, 2017 [1962].

LACEY, H. Aspectos cognitivos e sociais das práticas científicas. **Sci. Stud.** v. 6, n. 1, 2008, p. 83-96.

LEPSCHY, G. Introduction. In: MORPURGO DAVIES, A. **History of Linguistics: Nineteenth-Century Linguistics.** v. IV. Cambridge: Routledge, 2000.

LEROY, M. **As grandes correntes da linguística moderna.** Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

LYONS, J. **Lingua(gem) e Linguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica.** São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

MAHER, J. P.; BOMHARD, A. R.; KOERNER, E. F. K. (Eds.). **Papers from the 3rd International Conference on Historical Linguistics.** Amsterdam: John Benjamins, 1982.

MALERBA, J. (Org.). **História e narrativa:** a ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

MALKIEL, Y. 1969. "History and Histories of Linguistics". *Romance Philology* 22: 530-566, 573-574. (Reimpr. em Y. Malkiel, *From Particular to General Linguistics: Selected essays 1965-1978*, 49-83. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1983.)

MARCONDES, D. **Textos básicos de filosofia e história das ciências:** A revolução científica. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia:** Dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MÉDINA, J. Les difficultés théoriques de la constitution d'une linguistique générale comme science autonome. **Langages**, 12<sup>e</sup> année, n°49, 1978, pp. 5-23.

MILNER, J-C. **El periplo estructural.** Figuras y paradigma. Madrid: Amorrortu Editores, 2003.

MORPURGO DAVIES, A. **History of Linguistics: Nineteenth-Century Linguistics.** v. IV. Cambridge: Routledge, 2000.

MORPURGO DAVIES, A. Saussure and Indo-European linguistics. In: SANDERS, C. (Ed.). **The Cambridge Companion to Saussure.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MOUNIN, G. **História da Linguística:** das origens ao século XX. Porto: Edições Despertar, 1970 [1967].

MOUNIN, G. **A linguística do século XX.** São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1972.

MURRAY, S. **Theory groups and the study of language in North America**. A social history. Amsterdam/ Philadelphia. John Benjamins, 1994.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. v 3. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2018.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, C. Langue/parole: constitution et enjeu d'une opposition. **Langages**, 12<sup>e</sup> année, n°49, 1978, pp. 66-90.

NORMAND, C. (Éd.). **Avant Saussure**: choix de textes (1875-1924). Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.

OLIVEIRA, J. L. de. **Texto Acadêmico**: Técnicas de Redação e de Pesquisa Científica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1880].

PAUL, H. **Principien der Sprachgeschichte**. Halle: Max Niemeyer, 1880.

PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-E. **As grandes teorias da Linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

REMOND, R. **O século XIX**: 1815-1914. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. 7. ed. São Paulo: Cultrix. 1997.

ROBINS, R. H. **Pequena história da Linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

RORTY, R. **Verdade e progresso**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993

SANDERS, C. **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SANDERS, C. Linguistic historiography: a survey with particular reference to French Linguistics at the turn of the century. **French Language Studies**, 2000, pp. 273-292.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger. 2 ed. Paris: Payot, 1922 [1916].

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Édition critique préparée par Rudolf Engler. t. 1. Harrassowitz: Wiesbaden, 1968.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Édition critique préparée par Rudolf Engler. t. 2. Harrassowitz: Wiesbaden, 1972.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1974.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 1 ed. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, E. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. **Matraga**, v.21, n.34. 2014, p. 25-36.

SWIGGERS, P. Linguistic Theory and Epistemology of Linguistics. In: PÜTZ, M. (Ed.). **Thirty years of Linguistic Evolution**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992, pp. 573-589.

SWIGGERS, P. La méthodologie de l'historiographie de la linguistique. **Folia Linguistica Historica**, 1983, pp. 55-79.

SWIGGERS, P. Histoire et historiographie de la linguistique. **Semiotica. Journal of the International Association for semiotic studies**. 31.1/2, 1989, pp. 107-137.

SWIGGERS, P. Reflections on (Models for) Linguistic Historiography. In: HULLEN, x? (Ed.). 1990, pp. 21-34.

SWIGGERS, P. **Histoire de la pensée linguistique**. Paris: PUF, 1997.

SWIGGERS, P. 2004. Modelos, Métodos y Problemas en la Historiografía de la Lingüística. **Nuevas Aportaciones a la Historiografía Lingüística, Actas del IC Congreso Internacional de la SEHL**. ed. por G. Corrales Zumbado et al., 113-146. Madrid: Arco Libros.

SWIGGERS, P. A dinâmica na (/da) história da linguística: posições e deslocamentos de “camadas”. **Todas as Letras**. v. 22, n. 1, p. 1-9.

SWIGGERS, P. Historiografia da linguística: objeto, metodologia, modelização. **Todas as Letras**, v. 14, n. 1, p. 38-53, 2012.

SWIGGERS, P. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, P. The history writing of Linguistics: a methodologiccal note. **General Linguistics**, v. 21, n. 1, 1981, p. 11-16.

SWIGGERS, P. Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis. **Todas as Letras**, v. 19, n. 2, p. 73-96, 2017

SWIGGERS, P. Historiografia da Linguística: Princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, R. (Org.). **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 45-80.



SWIGGERS, P. (Ed.). **Languages and Linguistics**: Aims, perspectives, and duties of linguistics. Leuven: Peeters, 1997b.

TRABANT, J. O Curso em busca de autor. Tradução de Marcio Alexandre Cruz. **Leitura**, v. 1, nº 62, 2019, p. 381-393.

TUCKER, A. **Our Knowledge of the Past**: A Philosophy of Historiography. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [1875].

ZIMAN, J. **Conhecimento público**: a dimensão social da ciência. São Paulo: Edusp, 1979 [1968].

**ANEXOS**

Nachl. Herm. Paul  
acc. V. 14038

Jenthod den 4 November

Liebt. Herr Prof. Dr. ...  
...  
... 102

Sehr geehrter Herr Professor,

Die Lectüre des Werkes, welches Sie so  
gütig waren, mir zu übersenden, verspare  
ich mir als ein Vergnügen auf die  
nächsten Tage. Ehe ich Ihre werthen  
Zeilen erhalten hatte, hatte ich mir  
erlaubt, mit einer blossen Karte zu  
danken. Jetzt füge ich hinzu dass,  
sobald ich in Paris nächsten Winter sein  
werde, ich es mir angelegen sein  
lassen werde, eine Notiz über Ihre  
Principien zu veröffentlichen. Es wird  
mir eine sehr angenehme Aufgabe



Sein -

Die Adresse des Herrn M. Brial  
ist: 63. Boulevard St. Michel. Paris.  
Diejenige des Herrn L. Havet: 102.  
Rue Turenne. Paris.

Mit besonderer Hochachtung  
gezeichnet ergebenst

Ferd de Saussure





